

A ELABORAÇÃO

Romance

Autor:MAGGIAR VILLAR DE CASANOVA

Esta é uma obra genuinamente de ficção. E nunca deverá ser imitada pela vida real. Qualquer semelhança com nomes e sobrenomes de pessoas reais, é mera coincidência.

O autor

A ELABORAÇÃO

Romance

2ª edição

MAGGIAR VILLAR DE CASANOVA

2009

© 2002, Todos os direitos reservados para o autor.
e-mail do autor: maggiarvillar@hotmail.com
Telefone para contato: (045) 99689711
mvtvcom@hotmail.com

Capa:

Criação: MVTVCOM
Arte Final: Studio M.Artes Vídeo

Foto do autor:

Studio M.Artes vídeo

Diagramação:

Antonio da Silva Junior e MVTVCOM

Ficha Catalográfica:

Marilene de Fátima Donadel - CRB 9/924

Casanova, Maggiar Villar de

V719e A Elaboração / Maggiar Villar de Casanova. – São Paulo - SP

210 p.

1. Literatura brasileira-Romance I.T.
2. Editora: MVTVCOM
3. E.mail: mvtvcom@hotmail.cm

Impressão e Acabamento:

Gráfica Universitária
Rua Universitária, 1619
Fone (0**45) 220-3085

Dedicado ao leitor: que você encontre seu caminho e a felicidade

CAPÍTULO UM

“O crime perfeito
não deixa vestígios”
Mário Quintana

O pequeno e moderno relógio em forma de girassol grafite sobre a espaçosa escrivaninha marcava 17h45. O ponteiro dos segundos rodava lenta e preguiçosamente num esforço contínuo e suas batidas se faziam ouvir no silêncio da sala ampla e confortável. A tarde cinzenta de primavera chegava ao fim carregada de agonia. Quinze minutos separavam o fim da tarde do início do concerto da sinfonia barroca dos sinos da catedral mais famosa da cidade. Trezentos metros separavam a sala com o relógio grafite e seu dono, da praça onde ficava a catedral com sua orquestra de sinos que, religiosamente todos os dias, trezentos e sessenta e cinco dias por ano, começava seu concerto barroco solitário pontualmente às 18 horas. A cidade inteira ouvia, mesmo sem dar atenção, a sinfonia de instrumentos que tocavam sozinhos. Que não necessitavam de músicos. Apenas os instrumentos de sempre com músicos invisíveis. Os lúgubres sinos.

O telefone da escrivaninha tocou.

- Doutor, sei que o senhor não atende ninguém depois das 17:45, mas uma cliente, uma senhora, diz que precisa conversar com um advogado ainda hoje. Eu já disse para ela que o senhor já está de saída. Mas ela é insistente, O que devo dizer para a senhora?

- Diga que tenho compromisso inadiável agora. Se ela quiser voltar amanhã, marque horário. Se não quiser, diga que o prédio está cheio de advogados.

Desliguei o telefone, vesti o paletó, desliguei o computador, peguei minha pasta, apaguei a luz da sala e saí. Na ante-sala da minha secretária ainda vi a cliente pegando um cartão e guardando na bolsa de couro marrom. Eu disse “Olá” para ela e “até amanhã” para minha secretária e corri para tentar pegar o elevador que tinha parado no meu andar. Corrida inútil. Apertei o botão para o próximo. Enquanto aguardava o elevador, a minha futura cliente chegou e meio sem jeito tentou puxar conversa.

- Então é você que é o doutor JK? Parece bem mais novo do que eu pensava.

- Quantos anos pensava que eu tinha e quantos acha que tenho?

- Não cheguei a pensar em idade. Só imaginava que era um senhor mais velho. Mas vejo que ainda é um rapaz na flor da idade.

- Muito obrigado minha senhora. Pronto. O elevador já chegou. Ou a senhora vai subir para os andares superiores e procurar um advogado disponível que possa atendê-la ainda hoje? Se for, então boa sorte.

- Pensei bem e a sua simpática secretária me conveceu a voltar amanhã. Descemos no mesmo elevador sem trocarmos mais palavras. Na rua, ela foi para uma direção e eu para outra. A praça da catedral com sua orquestra de sinos afinados me aguardava. A sinfonia ia começar pontualmente às 18 horas. Procurei o meu costumeiro banco de sempre. Bem em frente a porta da catedral. A mais famosa da cidade. Catedral da Sé.

Meu banco estava vazio. Sentei bem no centro. O sentimento de egoísmo tomou conta de mim. Preferia o banco inteiro só para mim. Coloquei minha pasta ao meu lado e fiquei atento e contando os minutos que faltavam para o início do grande espetáculo. Mais três voltas do ponteiro grande, e o Show começaria para alegrar meu espírito no começo da noite triste e cinzenta. Na última volta do ponteiro grande do relógio da catedral, um vulto, uma miragem, uma imagem na minha frente desviou minha atenção do relógio. Uma imagem de pessoa, uma criatura humana em estado de degradação, um mendigo de aparência do sexo masculino, veio caminhando em minha direção. Na direção do banco em que eu estava sentado. Ele não olhava para mim. Apenas caminhava a esmo. Escolhera o mesmo banco em que eu estava sem motivo aparente. Ele chegou e sentou na ponta do banco à minha esquerda sem olhar para nenhuma direção e sem se preocupar com minha presença. Meu sentimento de egoísmo em relação ao espaço do banco desapareceu. Não me incomodei com a presença do estranho. 18 horas. O espetáculo. Cinco minutos de sinfonia barroca. Eu não podia adivinhar os pensamentos do meu vizinho de banco, nem sabia se o motivo que o levava até ali era o mesmo que o meu: a orquestra de sinos da catedral. Nem mesmo sabia se ele havia prestado atenção no concerto solo de um só tipo de instrumento. Os sinos. Minha atenção no espetáculo era tanta que nem me importei em saber se ele estava interessado nos sons dos sinos. Quando o concerto terminou e a rotina voltou a tomar conta da praça, olhei para o mendigo e ele finalmente olhou para mim e comentou:

- O que achou do espetáculo? No é lindo? Ou você rio prestou atenção?

- Que espetáculo? Ah, sim. Claro. Claro que prestei atenção. Mas, como sabia que eu estava ouvindo as badaladas dos sinos?, — perguntei, me fazendo de desentendido.

- Eu não sabia. Apenas imaginei. Eu venho aqui à Praça da Sé todos os dias ouvir o concerto dos sinos desde que me tornei mendigo. Eu adoro esse espetáculo. Depois que ouço os sinos, passo a noite mais feliz perambulando pelas ruas da Paulicéia Desvairada do grande Mário de Andrade.

- Eu também venho aqui todos os dias ouvir a sinfonia dos sinos. Que coincidência! Então, temos alguma coisa em comum.

- Não sei se isso chega a ser algo em comum. Duas pessoas de mundos tão diferentes gostarem de um mesmo tipo de música, música que qualquer um pode ouvir, pois a praça é pública e a catedral também, não significa que elas tenham alguma coisa em comum. A não ser que você esteja falando de outra coisa que eu não sei o que é. Acaso está?, - Disse o mendigo com segurança.

- Pensando bem, acho que você tem razão. Nem sei por que disse isso. Acho que quis ser gentil e dar asas à imaginação. Deixa pra lá. Preciso ir andando. Até qualquer dia. Como somos ouvintes e platéia da mesma orquestra e ela se apresenta sempre no mesmo lugar, pode ser que nos encontremos novamente. Adeus!

- Adeus ou até amanhã no mesmo horário de hoje? Acaso você teria uma nota de um dólar ou equivalente para me dar?

- Tenho sim. Aqui está. Só por curiosidade, O que pretende comprar com essa nota?

- Sanduíche de peito de peru e suco de goiaba. Meu jantar predileto.

- Está bem. Boa sorte e bom apetite. — Dei a nota de um dólar para o mendigo e fui caminhando no meio das pessoas sem olhar para trás. Não cheguei a caminhar cinco passos e ouvi o estranho perguntar em tom mais elevado:

- Hei, Mr...Gente Boa, será que o “homem” vem dia primeiro?

Olhei para trás e fingi que não tinha ouvido nada. Desci na primeira escadaria do Metrô.

“Gente Boa”!? Será que todo mundo que dá uma nota de esmola é “gente boa”? “... homem vem dia primeiro?” Gente boa era certo que era eu. Mas e o “homem” do dia primeiro, quem poderia ser? O que significava? A curiosidade ficou martelando minha cabeça. E a resposta só poderia vir no dia seguinte nesse mesmo horário. Vinte e quatro horas depois, portanto. O jeito era esperar e torcer para que o estranho e misterioso mendigo aparecesse e desvendasse o enigma. Fui para casa tomar banho e me preparar para mais um dos meus passeios noturnos à procura de emoções e aventuras.

JK mergulha na noite da Paulicéia Desvairada à procura de aventuras cheias de emoções e lá na outra ponta, a quase oitocentos quilômetros de distância, mais, talvez, o artista vive sua realidade trabalhando sua obra. Cada um em uma ponta da vida. Um, numa ponta e o outro, na outra. Cada um em seu mundo. O artista, a quilômetros de distância, no seu mundo real, trabalhando sua obra e curtindo a natureza e o pôr-do-sol todos os dias;JK, no seu mundo, mergulhado na noite em busca de aventuras, e o mendigo estranho e misterioso

no seu mundo com seu mistério, seu sanduíche de peito de peru, seu suco de goiaba e uma noite inteira para perambular. Perambular mais feliz depois da sinfonia de sinos da catedral.

Um pinheiro grande distante e solitário perdido no meio do campo de plantação de trigo. Um artista. O artista contempla a vastidão do horizonte depois do cair do sol. O artista admira o crepúsculo deixado pelo lindo e majestoso astro-rei que acaba de se pôr. O artista conversa com o pinheiro distante e consigo mesmo. Fala sobre felicidade. Da sua felicidade. Está muito, mas muito feliz por ter começado sua obra. Sua mais nova obra. Obra que adiou tantas e tantas vezes. Anos. Finalmente a coragem apareceu. Agora, a cada dia, ele trabalha em sua obra e vai ver sempre o mesmo espetáculo. Vai ver o pôr-do-sol e admirar a natureza e conversar com o solitário pinheiro que se perde no horizonte.

Para JK não há pôr-do-sol. Mas há o concerto da sinfonia de um tipo só de instrumento. Vários exemplares do mesmo instrumento. Os sinos. Os sinos da catedral da cidade. Da sua cidade e da cidade do mendigo. Cada um em seu mundo na mesma cidade. Os dois que têm mundos completamente diferentes e algo em comum: a noite inteira pela frente cheia de aventuras e a sinfonia de sinos todos os dias. O encontro ansioso para a próxima sessão, o próximo concerto. “Será que o homem vem no dia primeiro?” Quem será esse homem? Por que tem que ser no dia primeiro? Dia primeiro de que mês? Por que não pode ser outro dia? Dia dois, por que não?

O artista está eufórico. Eufórico e muito feliz. Depois de tanto tempo, finalmente criou coragem e deu início à sua obra. Obra prima para ele. O artista volta para casa de seu passeio ao campo de plantação de trigo. Lindo campo verde. Tapete verde com o lindo e solitário pinheiro no meio. Volta feliz pedalando sua inseparável máquina de fazer ginástica no meio da natureza. Sua Calóí de alumínio.

Gostosa e providencial Calóí. O artista adora pedalar todos os dias no meio da natureza. Sobe e desce várias colinas e longas planícies no meio das plantações de trigo. Longos e contínuos trigais. A obra no pensamento. Vai construindo a obra no pensamento. Quando chega em casa, depois de um lindo e gostoso passeio, entra em seu gabinete de trabalho e dedica-se com afinco e paixão à sua obra. A obra aguarda e pede a mão do seu criador. Lá fora, a noite segue seu destino. Seu rumo. Cada um tem seu fardo para carregar. Cada um vai ao encontro do que busca. Cada um sabé o que busca e só consegue o que deseja. Nada mais que isso. Todos correm atrás do seu desejo como o rio que segue seu curso desviando dos obstáculos naturais. A charrua do lavrador segue os sulcos na terra naturalmente sem desvios. Todos têm encontro marcado com alguém em algum lugar. Seja lá onde for ou com quem for. Não há como fugir. Alguém avança pela noite em algum lugar. A

natureza de cada ser se encarrega de levar cada destino avante. E o mais humilde de todos os inocentes e ingênuos lavradores mantém a charrua cuidadosamente nos sulcos. Tudo é mistério.

JK entra em seu apartamento que fica num dos mais luxuosos edifícios da Alameda Casa Branca, nos Jardins, bem próximo doseu point favorito: o Museu de Arte Moderna. Liga a secretária eletrônica e não ouve nenhuma mensagem. Pega o controle remoto e liga o aparelho de som. A voz suave de Ella Fitzgerald encanta a sala. Ele se enche de satisfação e tira a roupa e a joga sobre a cama e vai direto para a banheira e liga a hidromassagem. Pega o aparelho de telefone sem fio e disca um número enquanto a banheira vai se enchendo rapidamente. Sente prazer em tudo o que faz com mínimos detalhes. Os olhos faíscam de felicidade e alegria. Parece que quer comemorar alguma coisa. Alguma proeza muito grande. A banheira já está cheia e o resto funciona automaticamente. Finalmente fala com alguém.

- E aí? Onde vai ser e o que vai ser hoje?, - pergunta com muito entusiasmo e satisfação.

-Já estou saindo. Vou a uma festa de vernissage. Não leu os jornais hoje? Vinho branco importado da Espanha. Safra de 1985. Artista católico de origem semita mais famoso na Europa do que aqui, a sua terra natal. Mora em Paris. Um dos maiores do mundo. Exposição de uma semana no Brasil. Depois volta para Paris, mas antes expõe em Milão e Amsterdã. Sabe onde é a festa? Aí do lado da sua casa. Três quadras do seu prédio. Vai perder essa? Entrada somente com convite. Aposto que você não tem convite. Se for, a gente se encontra lá. Se não for, meia noite a gente se vê no balcão do Bourbon. Combinado? Até mais tarde.

- Calma, aí, seu canalha. Como é que tem festa e você não me avisou e nem providenciou um convite para mim? Tudo bem. Pode ir à sua festinha do seu famoso artista favorito. Eu vou ficar aqui muito na boa curtindo o meu banho na companhia da minha eterna Ella. Aposto como ela é muito mais gratificante que os quadros moderninhos do seu amigo pintor famoso e o vinho de quinta categoria da Espanha. Adoro a Espanha, mas nunca me dei bem com o seu vinho. Adeus, seu cleptomaníaco duma figa. Até mais tarde. — Deu uma gostosa gargalhada e desligou.

Meu horário de sair à noite, para mergulhar na noite da Paulicéia, da minha eterna Paulicéia Desvairada, era sempre depois das vinte horas. Como sou solteiro e não tenho e nem gosto de ter empregada fixa, somente diarista três vezes por semana, nunca faço minhas refeições noturnas em casa. Prefiro comer fora. Sai mais barato e é muito mais cômodo. Gosto de variar sempre de restaurante. Prefiro jantar sempre sozinho ou com um dos dois únicos

amigos que tenho. Conheci ambos nos restaurantes noturnos. Na noite todo mundo acaba conhecendo alguém. Mas nem sempre queremos ser amigos de todo mundo que conhecemos na noite. Nem devemos voltar com certa frequência aos mesmos lugares. As vezes, uma amizade de rua, com um mendigo, pode ser mais lucrativa e sincera. Nada de muitos amigos então. Meus dois únicos amigos dos jantares e encontros noturnos já são suficientes. Quando não encontro nenhum deles nos lugares que frequentamos, restaurantes, museus, clubes, boates, bares e casas de massagem luxuosas, prefiro ir sozinho. Nunca fui à casa de nenhum dos dois. Nem eles vieram à minha. Cada um no seu lugar. Um escritor, um arquiteto e empresário do ramo de livros e agora um estranho e misterioso mendigo apreciador de concertos sinfônicos de sinos da Catedral da Sé. Será que ele também entrará no meu círculo de amizades públicas? Um escritor muito maluco que quase não pára em nenhum lugar e vive só viajando em todos os sentidos, muito na dele e totalmente alheio ao mundo dos pobres mortais; um arquiteto megalomaniaco por livros e cleptomaniaco por obras de arte; um advogado bem nascido e herdeiro de um privilégio de pouquíssimos e agora um misterioso mendigo que ensaia entrar para o grupo seleta. Todos da mesma faixa de idade. Talvez o mendigo, com sua aparência degradante, aparente ser mais velho. Trinta e cinco anos no máximo. O arquiteto e o escritor também são mais velhos do que eu. O escritor deve ter uns trinta ou trinta e dois anos e o arquiteto já beira os trinta e cinco. Cada um com sua vida e seu mundo. Cada um com sua história. Cada história mais emocionante que a outra.

Terminei meu gostoso banho e vesti meu Armani petróleo e desci em busca do melhor restaurante da noite e de muita emoção. Meu prédio tem vaga para dois carros. Como tenho duas vagas na garagem e sou solteiro, herdeiro de um privilégio e uma fortuna razoável que pouquíssimas pessoas podem ter, então, dou-me ao luxo de poder ter dois carros. Um Jeep Cherokee preto último modelo importado e um Coupê-Pininfarina vermelho, desenhado e projetado sob encomenda para a fábrica italiana de automóveis de Turim. Uma jóia rara. Uma preciosidade. Presente de meu avô, quando terminei o doutorado em direito internacional na Sorbonne. Pobre e adorável vovô, que sempre foi meu pai e morreu de uma maneira tão trágica juntamente com minha avó. Uma morte anunciada e predestinada pelo destino de seres tão amados como meus avós paternos. Destino cruel, impiedoso e desgraçado. Primeiro, meus pais; ambos morreram tragicamente juntos, quando eu ainda era criança, num terrível acidente de carro numa estrada no vale do Paraíba. O destino reservou a mesma tragédia para meu querido e adorável avô-pai, avorrai e minha avó igualmente admirável, que sempre foi minha mãe substituta. Todos no mesmo tipo de morte, apenas a quinhentos metros de distância de um local do acidente do outro. Mais que isso. Mais que coincidência. Predestinação pura do

destino. Mortes iguais. Acidentes iguais na mesma estrada. Morte no mesmo tipo e marca de carros. Meus pais, há mais de vinte e cinco anos em um Passat zero quilômetro. O primeiro modelo fabricado no Brasil. Meus avós mortos, tragicamente, na mesma estrada, quase no mesmo lugar, com um automóvel da mesma marca e igualmente zero quilômetro importado da fábrica alemã. Um lindo e luxuoso Passat alemão que meu avô adorava dirigir e ia passear na casa dos velhos amigos de sua cidade natal. A bela e grande cidade de Taubaté. Mistério do destino. Não há como fugir dele. Mundo misterioso. Mundo cruel. A quem pertence o destino de todo mundo? Quem viver verá. Quem morreu nunca viveu.

Mesmo com dois carros na garagem e uma noite, todas as noites perigosas, noites e dias perigosos, só por prazer e aventura, às vezes eu saía a pé para curtir a insanidade dos habitantes da cidade. Ia a bares, boates e restaurantes e museus próximos da minha casa. Até para ir ao meu escritório, muito bem montado e providenciado com toque especial do meu avô-pai, no centro da cidade, próximo à Praça da Sé, eu ia de carro, sempre no Jeep Cherokee, que todo ano eu trocava por um zero quilômetro, e o deixava num estacionamento de prédio-garagem nas proximidades da estação do Metrô que ficava no começo da Avenida Paulista. De lá, ia confortavelmente lendo meu jornal favorito, com um dia de atraso: o Le Monde, de Paris.

Mas nessa noite, uma quinta-feira, resolvi variar minhas aventuras. Jantar sozinho. Encontro à meia noite no Bourbon com meu amigo canalha e cleptomaníaco que foi à festa do famoso pintor franco-brasileiro aprontar mais uma de suas sandices. Peguei meu Coupê Pininfarina na garagem e saí em busca de aventuras ao encontro do destino misterioso que nos rodeia o tempo todo. Subi minha rua até o Parque Trianon e virei à esquerda. A cidade é grande e a noite é longa. Primeira parada. Estacionamento de um conjunto de labirintos. Conjunto Nacional na Paulista com a rua mais famosa da cidade. Rua Augusta de tantas histórias dos boêmios e artistas. Um despretenso passeio pelo piso térreo onde meu mais ilustre e estranho amigo arquiteto concentrava seus negócios de livros. Ele possuía quatro grandes lojas de livros no mesmo piso a menos de cinquenta metros uma da outra. Todas grandes e majestosas livrarias com todos os tipos de livros do mundo inteiro em várias línguas. Duas lojas, uma em cada esquina dos labirínticos corredores do conjunto de lojas que não chegava a ser um shopping center famoso, mas era o lugar mais famoso para se encontrar livros em um mesmo local. Mais duas no meio de cada corredor do mesmo piso. Todos os grandes escritores da cidade e do país gostam e sonham com a fama começando por essas livrarias. Todo mundo quer dar sua primeira noite de autógrafos lá. Todas as lojas de livros daquele local, verdadeiras galerias de book shop, que figuravam entre as mais famosas das

grandes capitais do mundo, pertenciam ao meu amigo arquiteto. The man of the books. O homem dos livros e dos mistérios que o cercava. Quase trinta e cinco anos. Arquiteto. Arquiteto sem ferramentas de trabalho. Misterioso. Solteiro. Misterioso. Sem ferramenta de trabalho. Amante de livros e de obras de arte. Solitário. Rico. Muito rico e por isso movido por mistérios. Sem família. Sem esposa e filhos. Sem namoradas. Não confiava em ninguém. Apenas nas duas irmãs gêmeas que tinha. Duas irmãs gêmeas lindas e inteligentes que cuidavam das lojas de livros no espigão da avenida mais linda e famosa e misteriosa da cidade igualmente cheia de mistérios e armadilhas. Duas irmãs lindas e simpáticas que eu conhecia apenas das lojas de livros onde eu sempre entrava para olhar livros raros e não comprava nenhum. As vezes, quando nenhuma delas estava por perto eu escolhia um livro de minha preferência, nas estantes, nos balcões ou vitrines espaçosas escondidas atrás das grandes estantes cheias de livros e colocava debaixo do braço e ficava andando pela loja e pegava um outro livro qualquer e chamava uma das inúmeras vendedoras e perguntava o preço só por perguntar, dizia obrigado e que não ia levar o livro que estava na mão; devolvia-o e saía tranquilamente sem pagar o que estava embaixo do braço, como se fosse meu e como se eu já estivesse com ele ao entrar na loja. Havia dezenas de livros jogados em mesas e sofás no meu apartamento. Todos roubados das livrarias do meu amigo arquiteto.

Hoje não seria diferente. Entrei nas quatro lojas de livros do meu amigo com o mesmo e costumeiro propósito. Roubar mais um livro. Antes eu dava uma olhada dentro da loja para ver qual das duas lindas e encantadoras irmãs do meu amigo que estava lá. Se bem que eu sempre as confundia. Nunca sabia com quem eu falava. Janete ou Janaína. Só sabia diferenciá-las pelo crachá que usavam. Ah, meu Deus, que belezas de fêmeas elas eram. Eu era apaixonado pelas duas. Uma de cada vez. As duas juntas. Sempre passava lá só para admirá-las. Pena que elas não sabiam disso. Só eu. Amigo intelectual e misterioso com duas irmãs gêmeas lindas e inteligentes, O que mais eu poderia querer? Elas. Ficar o mais perto possível delas. Dei uma olhada matreira e filmei todo o movimento da loja, de qual das quatro lojas o vôo da ave de rapina seria facilitado. As duas book shops das esquinas dos corredores do Conjunto Nacional da Paulista estavam superlotadas de pessoas todas interessadas em arte. Literatura e todos os tipos de arte. Minha arte nessa Quinta-feira às vinte horas e trinta minutos era outra. Era a arte dos corajosos e astutos. Entrar numa livraria, na melhor e maior livraria do país, escolher um ótimo livro de um escritor igualmente ótimo e roubá-lo para ir ler em casa na banheira. Tudo sem necessidade alguma. Com dinheiro de sobra para comprar até a livraria inteira. Apenas por puro prazer e emoção. Adrenalina. Amor. Paixão por duas mulheres idênticas. Somente para testar minha coragem. Meu amor. Minha libido por alguma

coisa. A paixão pelas duas mulheres que seria capaz de amar. Teria que ser as duas. Se amasse apenas uma e ficasse com uma delas, estaria sendo desonesto comigo mesmo e com uma delas. O amor era eterno e igual para as duas. Janete e Janaína. E paixão pelo prazer de ler um verdadeiro livro de um verdadeiro escritor. Um grande escritor. Um livro que falasse de amor verdadeiro. De auto-amor. Amor de amizade. Amor e valor de si próprio. Do seu próprio eu. O amor que falasse de amizades verdadeiras. A Identidade. Do mesmo autor de A Insustentável Leveza do Ser. Pela paixão de ler um livro como esse na banheira e na cama e que valia a pena arriscar ser pego por estar roubando um livro como esse. “Roubando não!”. “Apenas esquecendo de pagar, minha senhora. Quanto é? Desculpe a distração. Mente cheia de pensamentos dá nisso, minha senhora. A senhora nunca esqueceu de pagar alguma coisa no supermercado? Para provar que não estou roubando, vou até levar mais esses dois livros aqui. A senhora vai até ganhar mais. E leve um abraço meu para o seu patrão, o meu amigo arquiteto livreiro mande lembranças tinhas para suas dedicadas irmãs e colaboradoras. Muito obrigado minha senhora”.

Saí da loja com o livro A Identidade debaixo do braço sem deixar um único vestígio de crime. Como entrei misterioso e matreiro, mais astuto e vitorioso saí. Disse até “Olá!” para as vendedoras mais antigas que me conheciam. Toda vez que saía dela, saía com um livro roubado. A não ser que elas viam tudo e não falavam nada de propósito. Pois sabiam que o patrão era muito rico e era meu amigo. Preferi refutar essa última hipótese. Preferia continuar sempre acreditando na minha ousadia e aventura. Saí de uma das lojas vitorioso e faceiro e desfilei pelo grande saguão do piso térreo no meio da multidão alegre e feliz. Passei na frente de todas as lojas para verem qual delas as duas gêmeas estavam. Não vi nenhuma. Não fiquei triste. Amanhã ou Outro dia, eu as veria. Analisei cada pessoa que eu via desfilando à procura de arte ou de fazer arte. Recebi alguns olhares exóticos e cheios de malícias de algumas mulheres bonitas. O jantar me aguardava em algum restaurante aconchegante e encantado ou com algum mistério. Fui para o estacionamento. Até mais, minhas lindas belezocas, paixões do meu coração solitário. Entrei no estacionamento e peguei meu carro, meu Coupê-Pinifarina vermelho e rumei para Pinheiros, para procurar uma boa tratoria. Tenho sobrenome começado por “K” mas adoro fettuccine Vincisgracci.

CAPÍTULO DOIS

Meia noite. O manobrista do Bourbon pegou a chave do meu carro e me deu um cartão. Entro e vou direto para o balcão. Ele, o meu amigo que tem duas lindas irmãs gêmeas e que são a minha perdição, já está lá sentado com uma taça de vinho ou champanhe na mão. O sorriso é dos maiores. Pelo sorriso, a festa e o resultado dela foram bons. Foi logo se levantando e erguendo os dois braços com a taça de bebida numa das mãos. Caminhou sorridente e feliz para me abraçar. Fui ao seu encontro com o mesmo sorriso, O livro A Identidade, roubado em sua livraria, estava no banco de trás do meu carro. Dei um abraço apertado de amigos que não se viam há tempos. Mas nós nos víamos quase todos os dias ou pelo menos umas três vezes por semana. Sempre querendo saber as novidades de um ou dois dias para o outro.

- Então, meu nobre, meu ilustre camarada, como foi a festa com o pintor de sobrenome semita? Qual é mesmo o nome do cara?

- Você ainda pergunta? Já estou quase bêbado de vinho espanhol. Vinho muito bom, diga-se de passagem. O nome do grande mestre da pintura moderna franco-brasileiro é Levy. Jean-Marie Levy. Vai dizer que nunca ouviu falar do cara?

- Já. Claro que já. Mas não o conheço e acho que não quero conhecê-lo. Talvez algum dia em Paris. Ele tem ateliê lá, não tem? Ele é filho de banqueiro, não é isso?
- Tem lá e quer abrir aqui também. Mas deixa o grande mestre pra lá e vamos aos fatos. A noite é mais misteriosa e cheia de emoções do que você possa imaginar. Tenho uma grande surpresa para te mostrar. Está lá no meu carro. Uma maravilha. Hoje tive orgulho de mim mais uma vez. Você precisa ver para acreditar. É uma maravilha. Uma jóia rara. Coisa de se orgulhar e se encher de prazer.

- O que foi dessa vez? Nunca confiou em mim para me contar seus mistérios e façanhas. Será que finalmente vai revelar seu segredo e mistério que tanto esconde?

- Paciência, meu caroJK. Quando for a hora certa eu prometo que te conto tudo.

- E mesmo? Estou pagando para ver. Tudo bem. Sou paciente e bom ouvinte. Fui jantar em Pinheiros. Tratoria dos Amigos. Sabe onde é? Conheci o local por pura sorte. Um dia eu estava passeando à meia-noite em plena Avenida Paulista, bem na hora da corrida de São Silvestre, com um livro do Kafka com uma foto dele na capa, Cartas ao Pai, e uma linda

morena alta e olhos grandes e ariscos cor de amêndoas, de sobrenome Anconi, descendente de italianos, que andava sozinha provavelmente fazendo o mesmo que eu fazia: andando à toa, à procura de alguém desconhecido para conhecer; e puxou conversa comigo e disse que eu me parecia muito com o escritor Tcheco que estava na capa do livro em minha mão. Dei um sorriso forçado e quase disse que ela se parecia com a Cláudia Ohana com vinte anos de idade. E o nome dela era Cláudia também. Jane Cláudia Anconi. Gostou dessa, meu caro camarada?

- Linda história de amor para os últimos minutos de um ano que termina e de outro que começa. E a tal morena italiana linda, o que aconteceu com ela depois? Ensinou o nome da tratoria de Pinheiros e deu no pé?

- Pior. Fiquei loucamente apaixonado por ela semanas a fio. Paixão à primeira vista. Fomos no mesmo dia, na primeira noite do ano comemorar a ceia do réveillon no restaurante que ela indicou. Seu prato predileto era fettuccine vincisgracci. O mesmo que comi hoje. Mas isso foi há um bom tempo. Foi antes de eu ir para a França estudar na Sorbonne. Nunca mais a vi. Mistérios da noite e da vida. Agora ela já deve estar casada ou sei lá o quê?

- E o destino de cada um, meu caro. Olhe para mim. Acaso acha que tenho esperanças de encontrar alguém que realmente vale a pena me amarrar? Sou cético a tudo. O destino de todo mundo já está traçado. Cada um tem uma história para contar e vivê-la. Eu tenho a minha. Você tem a sua. Cada um com seus mistérios, O que está reservado para um não pode ser destinado a outra pessoa.

- Você diz isso logo para mim? Não já te contei tudo que aconteceu comigo desde que nasci? A sorte que tive de nascer num país livre e cheio de contrastes. Língua latina. Continente tropical. Riqueza e pobreza em harmonia. Paz. Oportunidades por todos os cantos. Família de origem européia em busca de oportunidades no novo continente. Morte trágica dos pais que já gozavam de franca ascensão social favorecida pela ajuda da família que cruzou o Atlântico e se deu bem no novo continente. Morte igualmente trágica dos avós, meus protetores anjos da guarda que me deram tudo que tenho. Irmã, única irmã que tenho e que nunca convivi com ela, freira e morando num convento na Itália. O que mais você queria que eu pensasse do nosso destino já traçado e escrito antes mesmo de nosso nascimento?

- E por isso que tenho muitos mistérios e uma grande revelação a fazer. A surpresa dessa noite foi somente uma parte dela.

- Mas, afinal, meu caro, vai contar logo, ou vai ficar me enrolando como você sempre faz? Vive prometendo que vai fazer a revelação e no final acaba sempre pedindo mais paciência. Acho que vou desistir. Só passei aqui para saber as novidades da festa de

vernissage. Como já contou tudo, acho que vou para casa ler um livro muito bom que tenho no carro. Presente de um amigo. Um grande amigo. Aliás, o livro fala de verdadeiras amizades. Coisa que parece não ser ainda nosso caso.

- Você é quem sabe. Acredita mesmo que não somos amigos de verdade? Quem é amigo de verdade? Existem amigos verdadeiros? Amigo cem por cento? Estou procurando um há muito tempo. Será que vou encontrar um dia?

- Eu tenho um amigo de verdade. Você ainda não o conhece. Já te falei dele. Mas você nunca deu muita importância. Parece até que tem ciúmes da minha amizade com ele.

- Já sei. O escritor. Como é mesmo o nome dele? Long Hair? E por que não me apresenta ele então?

- Porque ele está quase sempre viajando. Mas mesmo viajando, o George Hair nunca esquece de mim. Ele não pára em lugar nenhum. Já viu escritor, escritor de verdade e não projeto, ensaio, dublê de escritor, parar em algum lugar? O George Hair é dos bons. É verdadeiro. Verdadeiro em todos os sentidos. É amigo leal e grande escritor. Nunca leu nada dele? Não vende os livros dele em suas livrarias?

- Mas é claro que vendemos. É um dos mais vendidos da literatura brasileira. Mas ele não é brasileiro, é? Tem nome britânico. Ou é norte-americano radicado no Brasil? Ele já fez lançamento de um livro lá na loja central mas eu estava viajando e não cheguei a conhecê-lo. Nunca tive oportunidade de ler um de seus livros. Nunca tenho tempo de ler livros de ninguém. Nem mesmo do seu amigo famoso.

- Está vendo? Tanto mistério para quê? Eu leio dois livros por semana. Se não tem tempo de ler livros. No que é que gasta seu tempo então?

- Bah, mas você vive em seu apartamento feito um marajá. Só vai para o escritório depois do almoço. Pode ler no escritório e em casa. E eu que nem escritório de arquitetura tenho. Assino apenas projetos feitos por outros profissionais autônomos no escritório das minhas lojas. Mas um dia ainda vou arranjar muito tempo para ler. Vou ler tudo que não li ainda. O Long Hair será o primeiro.

- Vamos ver se esse dia vai chegar? Leia também A identidade e outros tantos que já li. Depois te passo uma lista de uns mil livros. Todos de literatura. Nada pesado como os ensaios que tive que enfrentar no mestrado e no doutorado na Sorbonne. Por falar nisso, por que você nunca fez mestrado em nada?

- Fiz o mestrado da vida. Sou mestre em muita coisa. Você nem imagina. Nem sabe do que sou capaz.

- Ninguém sabe do que o ser humano é capaz de fazer. Ninguém conhece o ser humano completamente. Nem ele próprio. Você sabe qual é o maior desafio do homem?

- Não. Mas às vezes conjeturo. Acaso seria conhecer ele mesmo?

- Exatamente. O maior desafio do homem é conhecer a si próprio. Meu caro amigo, a conversa está boa, mas acho que vou me recolher. Vou para casa ler um pouco e tentar me conhecer um pouco mais. A madrugada ainda está começando e não sabemos o que as esquinas da grande e misteriosa cidade pode nos aprontar. Amanhã, aliás, hoje, quero ir para meu sítio. Quero ir saborear um pouco de ar puro e cuidar das minhas parreiras de uvas. A próxima safra será melhor do que a deste ano que já foi muito boa. Teremos vinho brasileiro para tomar o ano todo. Até mais, meu caro. A gente se fala.

- Calma, JK. Ainda é cedo. Tome mais uma taça de vinho, O fim de semana já começou mesmo. Você não trabalha às Sexta-feiras. Vamos filosofar mais um pouco acerca do mistério que cerca o ser humano.

- Não. Vou para casa. Já estou satisfeito com o mergulho na noite. O jantar solitário na Tratoria dos Amigos e o passeio nas livrarias da Paulista já valeram a noite. A gente se fala.

- Está bem. Então até mais. Só mais uma coisa. Que tal a gente jantar amanhã juntos? Por que não convida seu amigo escritor dos cabelos longos? Gostaria de conhecê-lo pessoalmente.

- Infelizmente ele não pode ir. O George Hair não está mais na cidade. Se mudou para o sul. Faz tempo que não nos falamos. Ele é de lua. Só liga de vez em quando. Só liga para contar as novidades. Deve estar mergulhado em algum trabalho ou passeando e curtindo a natureza. O cara é um verdadeiro nômade romântico. Vive na estrada. Um amor em cada cidade. Quando ele ligar novamente vou fazer o convite. Se ele aceitar, o que duvido muito, aí marcamos o encontro.

- Então não resta outra saída a não ser um jantar para nós dois. Acaso tem sugestão melhor?

- Na Segunda-feira a gente se fala e marcamos o jantar. Até lá vou pensar em alguma coisa. Adeus.

Peguei meu Coupê-Pininfarina vermelho, dei uma Ia gorjeta para o manobrista, que me deu um largo sorriso e desejou uma boa noite e fui para casa com o livro A Identidade no colo. Guardei o carro na garagem ao lado do Jeep Cherokee preto e dei uma ligeira olhada para ele. Pensei se os carros pudessem sentir ciúmes o que um não diria ao outro naquela noite. Calma, Cherokee, que amanhã será sua vez. Vamos para o sítio juntos. Subi sozinho e fui direto para o quarto. Tirei o Armani petróleo e comecei a ler o livro. Quando olhei no relógio da mesa do quarto, já passava das cinco horas e o livro já estava na metade. Decidi

descansar a mente e a alma um pouco. Adormeci. Quando acordei por volta das onze horas a empregada diarista já estava trabalhando nas outras dependências do apartamento. Levantei e tomei um gostoso e providencial banho de chuveiro. O dia estava com cara de que o fim de semana seria ensolarado. Fiquei feliz. Meu final de semana no sítio que herdei de meu avô-pai e que eu havia passado a infância e vida inteira lá, todo final de semana meu avô-pai me levava para lá, seria gratificante e proveitoso. Desde que rzas avós morreram, logo depois que eu retornei de Paris, da Sorbonne, eu passei a cuidar carinhosamente do meu Sítio como se ainda fosse deles e eles tivessem se aposentado do Sítio. Setenta quilômetros separavam meu sítio da Paulicéia. O sítio fica às margens da Rodovia dos Bandeirantes, que liga São Paulo a Campinas. A entrada da propriedade fica do lado direito no sentido capital interior, no quilômetro 71, longe de qualquer movimento de pessoas. Um verdadeiro refúgio para quem quer viver na tranqüilidade do interior longe de qualquer agito e barulho. O único som ou barulho que se ouve por lá é o som do canto dos pássaros e o silêncio da natureza. A sede fica a mil metros da rodovia e o acesso é uma estradinha de terra cascalhada no meio dos pinheiros e eucalíptos plantados pelo meu avô, O sítio é cheio de parrerais de uva e pasto onde crescem soltos vacas e carneiros que embelezam mais ainda a propriedade que sempre foi o refúgio e Perfect Liberty Place da família Kutianski. Para mim, não existe lugar no mundo melhor do que meu Sítio. Mesmo com todo o mistério que cerca o ser humano, era lá que eu gostava de passar todos os meus fins de semana. E era lá que eu gostaria de levar alguém para dividir minha felicidade e minhas imaginações cheias de devaneios: elas. Janaína e J anete. Quem sabe um dia? Por que não?

Solidão. Não existia lugar melhor no mundo onde se podia curtir uma solidão e estar feliz ao mesmo tempo. Era lá que eu buscava refúgio para curtir minha solidão voluntária. Depois de muito tempo que eujá estava no sítio, de repente lembrei-me do mendigo da sinfonia de sinos. Lembrei que tinha um encontro marcado com ele no dia seguinte, às 18 horas, que era hoje. Se eu não fosse ao encontro ele não confiaria mais em mim. Olhei no relógio e ainda dava tempo de sobra para ir a São Paulo e pegar o Metrô para a Catedral da Sé. Cheguei em São Paulo antes das 17:45 horas. Saí do Metrô direto na Catedral da Sé. Fui procurar meu costureiro banco. Ele já estava lá me esperando ou soslaido para ver se eu viria ou não. Fui direto para meu banco. Sentei e fiquei em silêncio. O meu amigo desconhecido e mendigo me observava como um ser superior edescrente do ser humano. Fiquei na minha. O meu concerto de música clássica de um só instrumento iria começar dentro de minutos. Eu só olhava para o alto da torre da Catedral onde os instrumentos pendiam em compasso de espera. Todos afinadíssimos para o grande concerto público, que

para a platéia daquela praça e bairro e cidade inteira não significava nada. Apenas para dois ilustres espectadores. Dois ouvintes especiais. Um mendigo à espera de um encontro que fora marcado na véspera. E eu. Mas que dia do mês é hoje? Hoje, por acaso, não é dia primeiro? Ou é? Claro que não. Dia 22. Por que se for, então é hoje que o homem vem. Ainda bem que hoje é dia 22 e não primeiro. Então quem será o homem que o mendigo disse que vem dia primeiro? Os sinos se preparavam para a grande sinfonia. Tudo pronto para o grande concerto de sinos da solitária e triste Catedral da Sé com seus dois ouvintes especiais. O mendigo parecia senhor de si. Faceiro. Feliz. Alegre com algo. O que será? Uma grande descoberta sobre a humanidade? O concerto Começou. O mendigo ouvia com atenção e prazer. Dava para perceber sua felicidade e alegria em seu autêntico semblante. A orquestra de sinos arrastava o mendigo por devaneios e pirações. Finalmente o concerto solo para duo acabou. Um silêncio e agonia tomou conta do ambiente e dos corações solitários. O clima era frio e de expectativa. Alguém teria que puxar conversa primeiro. Caso contrário o encontro marcado naquele mesmo horário não teria razão de ser; não teria valido o esforço de ambos. E o enigma do homem do dia primeiro? Quem pode ser esse homem do dia primeiro para esse mendigo misterioso dizer para mim, sem mais nem menos, em minha plena partida do dia anterior. Quero descobrir quem é esse tal homem do dia primeiro que o mendigo desconhecido e misterioso, que me pediu um dólar, mencionou. Será que ele vai me dizer quem é? Duvido muito que isso aconteça. Esperei alguns minutos calado e sem me mexer no banco. Tentava adivinhar o que o mendigo estava pensando sobre mim. Eu estava disposto a esperar o tempo que fosse necessário até ouvir a primeira palavra do meu ilustre e desconhecido amigo de concerto sinfônico público. Mas não demorou muito e o candidato a Salieri disparou a primeira rajada de palavras.

- Aposto como você está super curioso para saber quem sou ou quem fui. Aposto como está. Diga a verdade. Está ou não está?

- Errou, meu caro. Errou feio de ver. Estou mais curioso para saber o que eu estou fazendo aqui em plena Praça da Sé, numa linda tarde de pôr-do-sol num lindo sítio, que eu poderia estar agora. Só isso. Não estou curioso para saber quem você é, já foi ou está deixando de ser. Sabe por quê? Sabe quem foi Marquês de Sade? Então esqueça o resto? Estou mais interessado em saber quem é o homem que vem no dia primeiro. Ele sempre vem no dia primeiro? Quem é ele e o que ele traz? Por acaso pode me dizer?

- Com todo prazer. Mas não hoje. Deixa para nossos encontros aqui na Praça. Todos os dias podemos nos encontrarmos aqui para o concerto das 18 horas. Cada dia eu conto uma

coisa. Uma história. Poderá até descobrir por que sou, estou mendigo. Podemos começar nossa amizade e nosso bate-papo hoje mesmo. Pode perguntar que eu respondo. Manda ver.

- Tudo bem. Só que não prometo vir todos os dias. Haverá muitos dias que não virei. Gosto de vir mais durante a semana de trabalho. Mas sempre que puder vou aparecer e poderemos conversar muito.

- Tudo bem para mim também. Que bom que conheci você. Acho que seremos bons amigos.

- O que faz crer nisso?

- Sinceridade. Pouquíssimas pessoas são sinceras. Mas você está no meio delas. E sincero.

- Como pode dizer que sou sincero sem me conhecer? Posso não ser sincero. — Eu disse.

- Nunca. Quem é sincero sempre será. Está escrito na sua cara que você é sincero. Caso contrário não teria vindo hoje.

- E você? E sincero também, ou só reconhece a sinceridade nos outros?

- Muito. Sincero e autêntico. Já ouviu falar nos autênticos, os mais autênticos? Nos mendigos? Acabou de conhecer um mendigo sincero e autêntico. Mas isso não me faz melhor do que ninguém. Pelo contrário. Me faz passar por pior. Olhe só para meu estado.

- O que que tem seu estado? Só por que está vestido de mendigo. Por que é um mendigo livre de rua? O que isso tem de mais?

- Nada. Isso quer dizer apenas que ninguém é nada. Que somos todos células ambulantes. Nada mais que isso.

- Posso te perguntar uma coisa?

- Pode.

- Você sabe quem você é? Aposto que você só se tornou mendigo para tentar descobrir quem você realmente é. Acertei?

- E você, e o resto da humanidade sabem quem são? Aposto que você também não sabe quem você é.

- Ninguém sabe e nunca saberá.

- SATOR AREPO TENET OPERA ROTAS. Sabe o que é isso?

- Uma frase em latim. Você sabe latim? E o que essa frase quer dizer?

- Quer dizer que eu descobri essa frase há muito tempo. E é por isso que sou mendigo.

- Você virou mendigo assim, de repente, só por causa dessa frase em latim?

- Acontece que quem escreveu, quem inventou essa frase, que é um grande achado da humanidade, ela vem das coincidências da cabala, foi um escravo branco lá na distante Pompéia que criou e foi descoberta pelo meu pai que era escritor.

- Como é que é essa história? Então a coisa é mais séria e chocante do que eu imaginava? Pompéia? SATOR AREPO TENET OPERA ROTAS? Escravo intelectual em Pompéia, nos becos e Tavernas de Pompéia? Que história é essa? Não. Não posso acreditar. Continue com sua narrativa que está muito instigante. E seu pai quem é? E famoso?

- Não sei. Não sei quem é meu pai. Não me lembro de mais ninguém. De nada. Acho que sou mendigo porque não me lembro mais o caminho de voltar para casa. Saí um dia cedo, quando eu era criança e me perdi e virei mendigo e nunca mais quis voltar para casa.

- Mas nem o nome do seu pai ou da sua mãe ou o nome de algum parente ou vizinho, você se lembra mais?

- Nada. Nem me arrependo por isso. Não me lembro de nada nem da minha família, mas me lembro com toda lucidez da frase que meu pai me ensinou em latim. Ele disse que fora um escravo branco de um senhor poderoso e rico que lhe deu a liberdade depois que o escravo conseguiu montar a frase. Ele disse que o escravo era um gênio e disse até o nome do escravo e o de seu amo e o que aconteceu com ele depois. Meu pai era escritor e foi o descobridor dessa frase criada pelo escravo de Pompéia.

- E a tradução da frase? Você sabe qual é?

- Meu pai me, disse. Mas não me lembro mais.

- Então você é mendigo desde criança por causa de uma frase em latim que guardou até hoje e vai morrer com ela sem saber a tradução?

- Pode ser que eu ainda encontre alguém que sabe latim e a traduza para mim.

- Tomara. Mas fale mais sobre o que você sabe, ouviu falar, pesquisou e descobriu sobre seu pai? Descobriu se ele chegou a ficar famoso? Se ele escreveu alguma obra com a frase que ele te ensinou e você nunca mais esqueceu?

- Nada. Nunca me preocupei em descobrir quem era meu pai ou minha mãe. Para quê? Pode ser até que ele ainda esteja vivo e seja famoso. E se for, não faz a menor graça descobrir o que ele é. A história já aconteceu mesmo. Não tem como voltar atrás mesmo. Eu já vivi todos esses anos nas ruas. O que iria mudar se eu, de repente, descobro que tenho um pai escritor famoso? Nada. Nem para mim e nem para ninguém. Entende agora por que não somos nada.

- Também penso assim. Quem é o homem que você disse que vem no dia primeiro?

- Ele é seu pai que você gostaria de ver um dia?

- Quem sabe? Pode ser devaneio meu.

- Tem razão. Bom, por hoje acho que já conversamos bastante. Na Segunda-feira a gente se vê novamente. Vou voltar para o meu sítio. O meu refúgio.

- E por que não amanhã? Ou Domingo? Para mim não existe dia da semana. Segunda-feira. Todos os dias são iguais. Nunca saio da cidade mesmo. Nunca entro em férias. Estou sempre de férias. Férias eternas desde criança.

- Curta bastante a nossa cidade, o dia e noite inteiros. Curta bastante mesmo. Curta por mim também. Eu vou voltar para o meu refúgio e vou ficar lá até Segunda-feira de manhã. Quer que eu traga alguma coisa de lá para você?

- O que é que tem lá? Têm noses? Amêndoas têm? Pode trazer se tiver.

- Têm castanhas. Vários tipos de castanhas e frutas também tem. Vou ver o que acho lá e te trago. Até mais, então. Até segunda-feira.

- Hey. Tem uma nota ou moeda para me dar? Estou com vontade de comer bolo de milho verde e pamonha que as barracas vendem lá na Praça da República.

- Toma. Qivirta-se. — e fui saindo vagarosamente rumo às escaelarias do Metrô da Sé. A cabeça mais confusa do que antes.

CAPÍTULO TRÊS

Mais essa agora. Em todos os lugares onde vamos encontramos alguém com uma história de vida interessante. Essa do meu amigo mendigo então nem se fala. Peguei o Metrô e fui procurar meu carro em outra estação longe dali. A cabeça martelando com uma porção de pensamentos. Desci na estação onde estava meu carro e ao invés de voltar para meu sítio, fui direto para a Alameda Casa Branca, onde eu morava. Meus pensamentos iam maquinando e se desfigurando em devaneios sem nexos. Fazia as coisas tudo maquinalmente. Andava com os pensamentos longe e totalmente perdidos.

Estacionei o carro na garagem do prédio e subi para meu duplex. Entrei e me joguei na cama. Fiquei o tempo todo lembrando das palavras sábias do mendigo. Depois lembrei das minhas duas paixões platônicas, do meu amigo arquiteto e do pintor franco-brasileiro semita, Jean-Marie Levy. Não entendi por que o artista apareceu em meus pensamentos se nem cheguei a ir na sua vernissage. Tentei descobrir por que ele invadiu minha mente. Podia vê-lo nitidamente em meus pensamentos. Mas a saudade das minhas duas paixões, as irmãs gêmeas, me sacudia e me fazia expulsar da minha cabeça os pensamentos sobre o artista que eu nem sabia quem era. Apenas de ouvir falar e do comentário que meu amigo arquiteto fez sobre ele e sobre sua obra.

Tomei um banho demorado ao som de Mozart e sem planos para o fim de semana. Nenhum encontro marcado. A não ser um encontro comigo mesmo. Com meus fantasmas. Tudo pode acontecer numa cidade grande. O que não deve estar sendo arquitetado, planejado e ensaiado nos inúmeros esconderijos dos prédios dessa selva de pedra nesse exato momento? Meu encontro com meu mais novo amigo mendigo com seus mistérios mudou o rumo do meu fim de semana. Talvez tenha até mudado o rumo da minha vida. As gêmeas não me saíam da cabeça. Mas onde elas estariam agora e o que estariam fazendo? Nunca tive intimidade com nenhuma delas, muito menos o número do telefone delas. Não poderia falar ou vê-las. O máximo que eu podia fazer era ir lá nas lojas de livros do meu amigo arquiteto e irmão delas e tentar encontrá-las pessoalmente. Mas era muito provável que elas não estariam lá. De qualquer forma, essa era a única alternativa que me restava. E era o que eu pretendia fazer em seguida. Armani petróleo grafite. Coupê-Pininfarina vermelho, ruas noturnas sem rumo e medo numa Sexta-feira em plena São Paulo enlouquecida.

Guardei o carro na garagem do Conjunto Nacional onde ficam as lojas do meu amigo arquiteto. Fui direto para as lojas. Mesmo sendo uma sexta-feira, todas as quatro lojas estavam super lotadas. Qual livro eu roubaria hoje? Entrei na primeira e dei uma olhada por tudo, mas não vi nenhuma das minhas paixões. Também não roubei nenhum livro. Fui para a segunda loja. Nada das gêmeas. Restavam mais duas onde elas poderiam estar. Na terceira loja vi uma delas. Só não sabia identificar qual delas era. Só o crachá poderia me dizer quem era. Meu coração quase saiu pela garganta. Apenas vê-las já estaria bom. E o jantar que seu irmão me convidou? Por que não um jantar em família? Na minha casa ou na deles. Provavelmente eles moravam todos juntos. Ou será que cada um morava em apartamentos separados. Nunca perguntei pra meu amigo onde ele morava, apesar dele saber onde eu morava, nunca perguntei seu endereço. Muito menos o delas. Por que não aproveitar o momento e convidar as duas gêmeas para jantar conosco? Falta de intimidade? Ou falta de coragem? Preferi a última opção. Dei uma olhada por ali até ter uma oportunidade de cumprimentar uma das minhas paixões platônicas. Ela olhou para mim e me reconheceu e disse: “Olá! Tudo bem?”. Aproveitei para perguntar, em tom de interesse: “você é a Janaína ou a Janete?”. Ela deu mais um sorriso e mostrou o crachá. Janaína. Perguntei onde estava sua irmã. Ela disse que já estava em casa. Descansando um pouco. Tinha trabalhado o dia todo até às 19 horas. E que ela também já iria para casa. - Posso te oferecer uma carona?, - perguntei sem medo. Ela disse que não. Que estava de carro. Um outro dia, quem sabe. “Um outro dia?”.

Meu Deus. Enchi-me de esperanças. Pensei no jantar com seu irmão na semana seguinte. Por que não jantarmos juntos? Todos nós? Eu e os três irmãos? Vou pensar direito até lá. Disse “Tchau!” para ela sair da loja. Não roubei nenhum livro. Faltava a última loja. Entrei e fui logo procurar um livro bom para ler debaixo do braço para a coleção. Peguei um livro do Jack Kerouac, Viajante Solitário, e coloquei embaixo do braço e peguei outro qualquer e chamei uma vendedora e perguntei qual era o preço. Depois que ela disse o preço, devolvi o livro e saí com o outro roubado debaixo do braço. Saí da loja e andei uns dez metros e olhei para trás. O movimento continuava normal. Não fui surpreendido dessa vez. Ninguém percebeu nada. Mas de repente um sentimento estranho tomou conta de mim. Fiquei questionando a mim mesmo se era certo eu fazer aquilo sem necessidade alguma. Roubando um mísero livro de uma loja de um amigo meu. Com que propósito eu fazia aquilo? Na hora o sentimento de culpa tomou conta da minha mente. Que falta de originalidade. Que falta de honestidade. Que falta de caráter. Que covardia. Que infame eu estava sendo e sempre fora. Parei e fiquei pensando tudo aquilo. Minha consciência me culpava por tamanho disparate.

Sórdido. Patife. Que tremendo patife que eu era. Como ainda queria conquistar o coração de duas damas honestas e trabalhadoras? Voltei na hora à loja e disse para uma vendedora que tinha esquecido de pagar o livro. Ela tirou a nota fiscal e eu paguei no caixa pela primeira vez na vida um livro na livraria do meu melhor amigo. Depois de tantos livros roubados, precisei logo de um Jack Kerouac para me dar uma lição de vida. Paguei o livro e disse para a vendedora como eu era honesto e sincero. Poderia ir embora sem pagar o livro. Depois dizem que não existem pessoas honestas.

Voltei para casa. Entrevista, num canal a cabo sobre arte e personalidades. Entrevistado: Jean-Marie Levy. O grande pintor francês. Não mudei de canal. O jornal francês Le Monde do dia anterior trazia notícias sobre o retorno do artista de sucesso na Europa, à sua terra natal. Assisti à entrevista inteira. Prestei atenção em tudo que o grande artista disse. A curiosidade sobre ele e sua obra aumentava cada vez mais.

Fiquei em casa pensando em duas coisas. Em três coisas. Na minha atitude de não roubar mais livros das livrarias do meu amigo. No mendigo desconhecido que disse que eu era honesto e sincero e no grande pintor franco brasileiro. O que tudo isso tinha em comum? O que eu era e quem eu era? O que me diferenciava do resto dos seres humanos se eu era um deles? Qual a diferença que havia entre o mendigo alegre e inteligente apreciador de concerto sinfônico de sinos como eu, e qualquer outra pessoa? Quem mais apreciava o mesmo concerto todos os dias na mesma praça com tanta admiração como nós? Vale a pena levar uma vida repetitiva entre os seres humanos? Quem é o ser humano? Para que presta o ser humano? Adianta ser um sobrevivente anônimo, mesmo tendo uma vida digna com um padrão de vida como o meu? O que é mais tedioso no mundo? Qual vida, estilo de vida é melhor, a minha, a do meu amigo arquiteto-livreiro, com seus mistérios, a do mendigo da Praça da Sé ou a vida errante e cheia de aventuras do meu amigo escritor George Hair?. Onde está o grande escritor Long Hair e seus devaneios? Qual das vidas era melhor? Ninguém poderá responder. Cada um já nasce aqui nesse planeta para viver um papel. Todos somos atores de nossos próprios papéis reais na vida. O mundo, o planeta é o grande palco onde desempenhamos nosso papel. Qual será meu papel? Mocinho ou vilão? Herói ou bastardo? Qual papel é melhor aqui nesse mundo, nesse planeta, nesse país? Qual é o verdadeiro sentido da vida? Por que o mundo, a vida se apresenta tão diferente para cada ser? E a curiosidade pelo desconhecido, pelo irreal, pelo sentido de descobrir algo que vai além do nosso alcance? A curiosidade pelo anormal? Por que temos que levar uma vida comportada e cheia de méritos e honrarias? O que é certo e o que é errado? Fiquei pensando e filosofando sobre tudo isso e resolvi uma coisa muito séria. Tomei uma atitude que daria uma guinada de 180 graus em minha vida. Afinal, minha vida

não pertencia a mim. Se não tinha completo controle sobre ela, ninguém tem controle sobre sua própria vida, pode determiná-la, o máximo que podemos fazer é cuidar dela. Uns podem se dar ao luxo de cuidar bem da sua vida. Os que têm condições, como eu e muitos abastados de dinheiro, riquezas e poder. Mas, e os miseráveis, como todos os mendigos e desgraçados pobres, a maioria dos seres humanos, como é que ficam? Já que não tenho domínio sobre minha vida, sobre lei nenhuma que possa mudar alguma coisa no mundo, então, não há razão de viver covarde e hipocritamente levando uma vida certinha como todos os conceitos de razão e etiquetas recomendam. Alguma coisa diferente e até ilícita, perante a lei criada pelos humanos, pelos donos da razão e da lei desse mundo, teria que acontecer. Quem iria fazer alguma coisa? Quem se rebelaria contra o status quo? Alguém teria que ver esse mundo tão caduco por uma ótica diferente, por mais estranha que fosse. A decisão estava tomada. Quem seria o novo personagem? E o que ele iria inventar? Qual seria seu papel? Herói, mocinho, patife, vilão, bastardo, anti-herói ou mendigo?

Peguei o jornal francês em cima do sofá e o folhei de capa a capa à procura de uma pista e idéia do que poderia ser o ensaio de um projeto. Um plano estava começando a virar balão de ensaio. Ninguém segura o ser humano quando ele está determinado a fazer algo. A botar em prática um plano. Tudo não passa de ilusão e devaneios. A vida é uma grande ilusão. Uma miragem. Folhei o jornal parisiense inteiro e nada. Quando fechei o jornal e estava quase dando por encerrado e sem nenhuma pista ou idéia, me sentindo derrotado. Uma foto pequena na capa do diário, me deu um insight. Um flash de adrenalina percorreu minha medula em frações de segundo e comandou meu cérebro já muito atento e preparado. A foto era do grande pintor semita. Jean-Marie Levy. Eu já havia lido a matéria interna do jornal, na seção de cultura, mas voltei a ela e li novamente. A matéria falava sobre o talento do grande artista e de sua exposição que aconteceria no Brasil, Milão, Amsterdã e Paris, que era esperada com muita expectativa pelos franceses, dentro de quinze dias. A imaginação começou a funcionar. Recortei a matéria do jornal e a coloquei no meio da minha agenda. A imaginação começava a funcionar. Agora era questão de tempo e de ação, sem medo e sem arrependimentos, fosse o que fosse que estivesse para acontecer. Quando se toma uma decisão importante, não se deve temer pelos resultados. Tem que se estar preparado para as conseqüências e resultados. Não importa o desfecho. Não importa se o papel a ser desempenhado é bom ou ruim. A decisão estava tomada. Agora só restava uma alternativa: agir.

Liguei para meu amigo arquiteto. Ele mesmo atendeu.

- Não acredito. Não vai dizer que o meu amigo advogado ficou solitário em seu refúgio silvestre e resolveu bater um papo por telefone, - descarregou o arquiteto com tom de ironia.

- Pode ser. Só que não estou no sítio e sim em meu apartamento. Mas não liguei para jogar conversa fora. Apenas gostaria de saber uma coisa.

- Pode perguntar que sou todo ouvidos e no que estiver ao meu alcance prometo responder.

- Você disse que tinha uma revelação para me fazer. Quando pretende fazê-la?

- Você ligou só para perguntar isso?

- O que mais eu poderia perguntar? Se dormiu o dia todo na companhia de duas lindas morenas e fez amor com as duas juntas?

- Também não é para tanto assim. Mas a revelação que tenho a fazer é muito séria. Será a revelação do meu mistério. Você não diz sempre que sou um homem cheio de mistérios e enigmas?

- Sim. E não é verdade o que digo? Então, já que não pode me contar seus segredos agora, responda a outra pergunta menos difícil. O que era que você tinha no carro e queria me mostrar ontem à noite no Bourbon, depois da vernissage do pintor semita? E só mais uma coisa. E o jantar? Que tal a gente antecipá-lo para hoje? Ainda não tenho programa para essa noite.

- Quanto ao jantar, pode escolher o restaurante. Quanto à outra parte da pergunta vou decidir até o jantar se devo respondê-la.

- Tudo bem. Só que tem um detalhe. Gostaria de convidar mais duas pessoas para jantar conosco

- Está mais misterioso hoje do que nunca, doutor JK? Quem são as duas pessoas? O Long Hair apareceu e trouxe com ele uma morena do sul?

- Não. Deixa o George Hair sossegado em suas viagens e pirações. As duas pessoas que gostaria de convidar são duas pessoas muito importantes e ligadas a você. Elas merecem ser tratadas com mais atenção. São suas irmãs.

- Minhas irmãs? Mas o que elas têm a ver com a nossa amizade? Você nunca se interessou por nenhuma delas. O que deu em você JK?

-Topa ou não topa convidá-las para jantar conosco?, - perguntei sem deixar brecha para resposta vazia.

- Claro. Por que não? Só não garanto se elas vão aceitar.

- Aguardo sua resposta dentro de vinte minutos. Até mais. - Desliguei com a esperança de que meu jantar seria diferente hoje. A cabeça viajava a mil por hora. Os pensamentos trabalhavam como uma engrenagem em compasso alinhado. As idéias ou devaneios iam se concatenando automaticamente. Não demorou nem dez minutos e o telefone tocou. É hoje ou nunca.

- Alô.

- Tudo resolvido. Elas toparam. Toparam na hora quando disse o nome do amigo que iria jantar comigo e com elas. E mandaram agradecer pelo programa inesperado. Você é um herói. Sorbonne? O que os anos da Sorbonne não devem ter te ensinado, em meu caro JK? Onde quer jantar e a que horas?

- Pensei que já tinham resolvido tudo. O que acha do Terraço Itália? Ou prefere comer lagosta fígada na hora. Suas irmãs podem gostar da emoção de se fígar uma lagosta no viveiro antes de saboreá-la. Ou você tem sugestão melhor?

- Deixa que eu resolvo tudo e te ligo para marcar o lugar e horário de encontro. Até mais. – Desligou.

Comecei a me preparar para o grande encontro. A decisão já estava tomada. Minha medíocre vida não seria a mesma a partir desse dia. O ansioso encontro com minhas paixões que aconteceria dentro de instantes não me fazia mais feliz ou mais infeliz. A decisão já estava tomada com a ajuda do meu amigo mendigo desconhecido. Eu estava decidido a fazer algo que jamais passara pela minha cabeça e que jamais passaria pela cabeça de qualquer mortal nas minhas condições. Um ser humano, um humano que desenvolvia o papel de advogado bem formado, sucedido e comportado, herdeiro de um privilégio que poucos possuem, estava decidido a fazer algo que estaria fora dos planos de qualquer ser racional com as minhas posses e estilo de vida quase pacata. O encontro.

Meu amigo combinou tudo com suas lindas irmãs gêmeas e pediu para uma delas me ligar e dizer em qual restaurante iríamos nos encontrar para o grande jantar a quatro. Fizeram reserva de mesa e tudo. A encarregada de ligar e quebrar o gelo e marcar o encontro foi a Janete. Sua voz macia e educada me fazia delirar de emoção. Combinamos o horário e o restaurante. Eu disse que estava muito grato por elas terem aceito o convite Ela disse que também agradecia muito e que finalmente alguém tivera uma boa idéia de chamá-las para um programa diferente. Que se dependesse da boa vontade de seu irmão, elas nunca seriam convidadas para nada. Aproveitei o embalo e disse que aquele não seria o único jantar que teríamos. Que muitos poderiam acontecer. Ela disse que iria esperar por outros convites. Dentro de uma hora estaríamos todos nos divertindo no melhor restaurante italiano da cidade.

O Don Giovanni, na Avenida Nove de Julho. Me ofereci para ir pegá-las em casa. Mas ela disse que iam com o irmão. Durante o jantar resolveriam o que fazer. Convidei ela e a irmã para tomarem um licor ou chá no meu apartamento e ouvir um pouco de música. Ela disse que me daria a resposta no jantar. Meu coração não se continha de felicidade. O jantar, enfim!

O jantar fora marcado para às 21 horas. Quando cheguei ao local, eles já estavam à minha espera na recepção. Minhas convidadas de honra estavam impecavelmente vestidas. Elegantes. Nada muito formal. Usavam trajes esporte-fino. Todas muito lindas e alegres. O arquiteto portava-se como um homem gentil e educado. Andava garboso. Senhor de si. Cheio de satisfação. Parecia um nobre. Era bom falante. As irmãs agiam com curiosidade e desejo. Pareciam duas princesas desembarcando de um sonho. Fui educado e cumprimentei as duas moças pegando em suas mãos, mas sem beijá-las. A serenidade e um pouco de formalidade dava o tom do início da conversa.

- Boa noite! Que bom encontrá-los. Finalmente pude ver as duas senhoritas fora de seus trabalhos e sem crachá, - falei tentando amenizar o suspense que o encontro causava.

- Nós é que agradecemos o convite e oportunidade que nos deu. — respondeu uma delas, e agora ficava mais difícil de lembrar seu nome. Janete ou Janaína.

- Esse encontro já poderia ter acontecido há mais tempo. Mas meu amigo arquiteto nunca me deu oportunidade de convidar vocês. Daqui para frente acho que não precisamos mais da permissão dele para jantarmos juntos, quando ele não puder. O que acham da idéia?

- Ah, muito obrigada. Ficamos agradecidas. Pode fazer o convite que não recusaremos. Já que nosso irmão não nos leva para jantar fora, aceitamos seu convite de coração, Doutor JK.

- Obrigado. Mas por favor, deixem as formalidades de lado. Me chamem apenas de JK.

- Tudo bem. JK fica mais carinhoso e jovial.- Disse a morena que quase enlouquecia meu coração. Parecia ser a Janaína. Sua irmã só observava com ar de encantada. O arquiteto devaneava em seu mundo. Não estava nem aí com o mundo encantado dos humanos. Preferia “viajar” com seu próprio mundo. Em seus devaneios.

O jantar transcorreu normalmente. Nenhum inconveniente ou contratempo marcou-o. Vez ou outra eu me lembrava do meu amigo mendigo. Não sabia por que ele vinha à mente de vez em quando. Meu coração estava realizado por poder fazer parte de uma ocasião tão nobre e cheia de emoções como o jantar a quatro num restaurante fino e elitizado. A culpa do ser humano ser o que é não era minha. Cada um tem o que deseja. Eu não podia me sentir culpado por fazer parte de uma sociedade que contabiliza altos e baixos entre atos de nobreza,

grandeza e hipocrisia. Eu sou apenas células ambulantes como todos os seres humanos. O grande e genial Kafka sacou logo que ele era parte desse mundo de seres humanos, portanto não era nada. Era igualmente um verme muito bem descrito e encarnado numa Metamorfose. Eu não vou me sentir menor, nem pior que qualquer ser humano. Seja ele um misterioso arquiteto livreiro, um artista de origem semita ou meu amigo mendigo da Praça da Sé. Não sou nada mais e nem menos do que ninguém. Somos todos iguais. Temos os mesmos valores biológicos. Mais irracionais que racionais. O jantar era apenas um protocolo social reservado para poucos privilegiados como eu. Mas tudo pode mudar. Nada é imutável.

Terminamos o jantar e colocamos em votação as sugestões apresentadas para o resto da noite. O arquiteto sugeriu fervo. Eu sugeri paz. Um chá e blues na minha casa. Esperei as respostas e outras sugestões. Venceu a minha proposta. Mas meu amigo tinha seus mistérios e gostava de vivê-los, preferiu não nos acompanhar, depois de aprovar a idéia; pois sabia que eu era um cavalheiro e as levaria para casa na hora que elas pedissem, e candidatou-se a vampiro mergulhado na noite paulistana. Fomos para meu apartamento. Primeiro, licor de laranja. Depois, chá. Blues do século vinte inteiro. Clima de confidências e sessão abre-coração por todos os lados. Cada um falava um pouco de si. O interesse era o mesmo para os três. A palavra central era felicidade. Quem era feliz e por que o era. E o mais importante para os três jovens adultos solteiros e solitários era a mesma pergunta. O que era a felicidade? Quem era realmente feliz se não tinha um amor para curtir? O que era o amor para cada um dos três? E o que todos buscavam? Todas as perguntas ficavam sem respostas. Mas cada um via a felicidade no rosto do outro e no seu íntimo, o que mais queria era poder amar aquela pessoa querida que estava ali ao seu lado, mas não sabia como isso seria possível. Eu ficava na minha. Sabia que podia adivinhar o pensamento de cada uma delas. E elas também podiam fazer o mesmo. Sabia que se convidasse elas para passarem a noite toda juntos ali no meu apartamento, elas topariam. Pois eu sabia que as duas lindas gêmeas eram carentes e necessitavam de carinho como qualquer fêmea humana. Mas sabia que não podia fazer isso. Jamais cometeria uma gafe dessas. Uma indelicadeza. A educação que tive não me permitia cometer atos impensados. Apenas aguardaria elas pedirem para eu ir levá-las para casa. Só o encontro e o jantar que pude desfrutar em suas companhias já tinha valido a noite. Sem falar que nos tornamos íntimos e confidentes de primeira viagem. Outros jantares não tardariam. E com a promessa que sairíamos os três juntos. Sem ao menos a presença incômoda do irmão delas. O meu amigo arquiteto. Já passava das duas horas quando uma delas disse que estava começando a ficar com sono. Perguntei se ela gostaria de ir para casa. Não ofereci guarida para ela descansar porque sabia que criaria um clima de envolvimento e privacidade com a

outra que ficaria acordada conversando comigo. Elas entenderam o recado e disseram que era melhor encerrarmos nosso encontro naquele momento. Descemos animados com o futuro encontro. Elas elogiaram meu apartamento e insinuaram quanto desperdício de espaço de um duplex para um rapaz sozinho, O que o coração de ambas não devem ter sugerido a respeito? Fiquei só imaginando o que elas estavam pensando de tudo aquilo. Levei-as para casa, que não ficava muito longe do meu apartamento, pois elas também moravam nos Jardins. Voltei feliz para meu doce lar. A decisão.

CAPÍTULO QUATRO

Passei o resto da noite em meu apartamento mergulhado nos meus dilemas. A decisão já estava tomada. Algo teria que acontecer. Quando resolvemos que a decisão está tomada não há como voltar mais atrás. E era exatamente isso que eu estava disposto a fazer. Não me importava com nada. Estava disposto a correr o risco de pagar um preço alto pela decisão que tinha tomado. Pensei na minha irmã freira que vivia num convento-castelo na Itália e que eu nunca tinha convivido com ela. Passei a noite toda arquitetando um plano para colocar minha decisão em prática. Pensei no meu amigo mendigo da sinfonia. Hoje às 18 horas eu iria ao concerto sinfônico de sinos só para falar com ele, como o próprio havia me sugerido no dia anterior. Pensei no grande artista semita. Pensei no meu refúgio confortável que herdara dos meus avós. Comecei a montar um grande quebra-cabeça. A frase em latim que o mendigo me presenteou não saía mais da minha mente. Cheguei a pensar em mandar traduzí-la, mas descartei essa medíocre possibilidade. Ela merecia permanecer originalmente e sem tradução, caso a traduzisse, ela perderia seu enigma. Pensei em tudo que o mendigo me contou a respeito de seu hipotético pai escritor. Quem seria o escritor que achou uma frase como aquela em latim, um verdadeiro tesouro da humanidade? Um holograma perfeito. Esse cara, se é que era escritor mesmo, deveria ser o homem mais realizado e feliz do mundo, mesmo tendo um filho bastardo que preferiu as ruas da cidade para viver. Quem seria ele? A história que o mendigo me contou sobre o legado de seu pai e a história do escravo de Pompéia, que criara a frase em latim, era algo que em dois mil anos ou mais poderia acontecer uma vez . Apenas uma vez em mais de dois mil anos. Era a própria simbologia e mistérios da cabala vindo à tona para um único ser no planeta inteiro. Era um holograma tão perfeito como o holograma que forma o número 34. Fiquei imaginando eu mesmo sendo o escravo intelectual trabalhando anos a fio para um senhor lá em Pompéia, nos prostíbulos e tavernas noturnas e soturnas de Pompéia, com seus mistérios, tentando criar um holograma perfeito em latim.

Depois que terminasse o holograma, a ressurreição. A glória. Mas eu não me encontrava em Pompéia, que fora condenada ao desaparecimento debaixo das águas, de onde se salvou apenas o grande invento do escravo para chegar até nossos dias. Eu estava num planeta de humanos dois mil e tantos anos depois. Talvez agora eu tivesse as mesmas pretensões do escravo. Talvez eu quisesse criar, inventar algo tão grandioso como o escravo. O mendigo não disse o que aconteceu com o escravo depois da sua liberdade. E nem eu sabia e pouco estava me importando com o que iria acontecer comigo depois da minha façanha. Sabia que era perigosa e arriscada. Mas temer o que neste mundo? Ter medo de quê num mundo tão caduco como esse?

Depois de muito tempo pensando em tudo que eu planejava realizar, a cidade já começava a despertar para mais um dia de Sábado caótico. Decidi descansar e aguardar o encontro na Praça da Sé com meu ilustre mendigo.

Cheguei ao encontro faltando cinco minutos para o início do concerto. Meu convidado de honra já estava sentado no mesmo banco de sempre. Ele me viu chegando e esboçou até um sorriso. Fiquei feliz por reencontrá-lo. Agora era eu quem tinha mais curiosidade de conversar com ele. Aposto que hoje ele teria mais uma boa e grande surpresa para mim. Sentei-me no mesmo banco sem olhar para ele e sem cumprimentá-lo. Ele foi nobre e educado e não se sentiu inferior diante do meu gesto também nobre e educado. Nossa amizade não era pública e sim quase secreta. Ninguém sabia da nossa amizade. Ninguém no mundo precisava saber que dois apreciadores da mesma música, da mesma sinfonia, eram amigos públicos. Ninguém sabia e ficaria sabendo que éramos amigos. Conversar com um mendigo sobre amenidades em qualquer lugar, qualquer um pode e faz isso. Mas ficar amigo de um mendigo, ah, isso ninguém faz.

Sentei-me na ponta do banco e fiquei aguardando o concerto começar. O mendigo olhava para alhures. Parecia um lorde do time dos pensadores. Dos grandes pensadores da antigüidade. Sócrates era um mendigo. Os grandes gênios nunca se importaram com a aparência. Aparência física. Somente com a essência do ser. De qualquer ser. Meu amigo mendigo parecia um grande pensador. Só observava as coisas e analisava tudo que existia e se movia à sua volta. Tudo que havia ali na praça era seu. Era seu campo de pesquisa para análise. O pensador vive na praça para analisar tudo vinte e quatro horas por dia. Eu era um ser analisado pelo grande pensador, mendigo da praça, que já foi filho de escritor, mas não sabia quem era o pai, muito menos quem ele próprio era. Ele analisava tudo. Dava para perceber o brilho no seu olhar de grande conhecedor da essência dos seres humanos. O concerto começou e o grande pensador-mendigo se encheu de satisfação ao ouvir os primeiros

acordes dos sinos. Eu curtia o espetáculo duplamente. Primeiro, porque o concerto sempre fora minha alucinação, segundo, porque eu podia me deliciar vendo a satisfação do mendigo ouvindo a sinfonia da orquestra só de sinos.

- Acaso existe espetáculo mais lindo que esse, diga-me, meu bom amigo?, - perguntou o estranho e misterioso pensador maluco.

- Lindo! Bárbaro! Metafísica. Obra da natureza. Apenas isso, meu camarada. — Respondi sem olhar para o sujeito que acidentalmente me encontrou na praça e agora era candidato a ser meu amigo.

- Você tem uma caneta? Pode me emprestar uma caneta?

- Tenho. Por que você precisa de uma caneta? Perguntei meio curioso.

O mendigo pegou a caneta da minha mão, apanhou um pedaço de papel no chão e escreveu uma palavra e me entregou o papel e a caneta.

O que é isso? O que isso significa? OULIPÔ? Que palavra é essa? Em que língua é? Parece francês ou português. Mesmo com o estudo que tenho nunca ouvi falar essa palavra. O que isso significa? Só pode ser mais um dos seus mistérios. Uma peça de um quebra-cabeça. Uma palavra para eu começar a montar um holograma como o holograma criado pelo escravo branco de Pompéia. Pode dar mais alguma pista? Quem sabe seu pai possa aparecer na história?

Impossível. Já desisti de saber quem foi ou é meu pai. Mas a palavra que escrevi no papel, OULIPÔ, é um presente que estou te dando.

- Presente?! Mas que presente mais esquisito? Arre!

- Calma que eu explico. Guarde bem esse papel. Ou então não esqueça mais essa palavra. Como é que se diz ela?

- OULIPÔ. Mas por que a última sílaba tônica?

- Agora não esqueça mais essa palavra. Ela funcionará como uma senha para você daqui para frente. Quando você criar uma obra de arte, dê esse nome a ela. Se você escrever um livro, coloque esse título nele. Se pintar um quadro. Coloque o mesmo título. Sempre OULIPÔ. Ou Oulipô. Pode ser qualquer obra de arte. Mas só coloque em uma obra. Se você fizer mais de uma obra de arte, coloque o nome somente em uma do mesmo estilo de arte. Naquela que você mais gostar. Um quadro ou um livro.

- Está bem. Mas se eu nunca criar uma obra de arte? O que faço com o nome, a palavra Oulipô?

- Isso é impossível. Se você não criar uma obra de arte, por qualquer motivo que seja, arrume alguém que faça para você e peça para o artista colocar o mesmo nome. Dê o nome como um presente. Uma sugestão ou um pedido, uma encomenda artística. Entendeu?

- Mas posso saber o que a palavra quer dizer?

- Você descobrirá sozinho. Depois que fizer uso dela e tudo der certo no final, aí você terá descoberto o seu significado.

- Você é um gênio. Parece um pensador colhendo seus discípulos em praça pública. Você me dá a chave nuclear da palavra e me manda ir à luta sozinho. Você age como o senhor do escravo de Pompéia que criou o holograma em latim. Acho que você é o senhor dono do escravo, e eu sou o seu escravo. O escravo para desvendar os seus enigmas. Primeiro a frase em latim. Ainda não esqueci a frase e menos ainda a palavra de hoje. Sou bom aluno. Sou bom escravo. Gil vicente também foi escravo intelectual. Prepare-se, meu amigo mendigo misterioso. Tentarei acompanhar atentamente todos os labirintos que essa palavra, Oulipô, possa criar. Preciso ir agora. Eu apareço. Não sei quando. Mas apareço. Vou para casa tentar começar minha obra de arte. Adeus.

- Até breve. Acaso tem uma nota para o jantar à base de peito de peru?

- Toma. Cuidado com os trombadinhas. Até logo.

- Não esqueça a palavra. Mais uma coisa. Será que ele vem dia primeiro?

- Só você sabe a resposta. - descii a escadaria do Metrô delirando de felicidade e entusiasmo e fui para casa.

Todos os últimos acontecimentos iam se acumulando em minha mente. Eram tantas coisas acontecendo simultaneamente que eu não conseguia administrar direito. Parecia perturbação mental. Fui para casa descansar um pouco e pensar no que faria no fim de semana. O sítio já tinha ficado fora de qualquer cogitação.

Oulipô! Agora eu tinha uma pista e a primeira peça do holograma. Ela seria a minha senha secreta para tudo que eu tinha em mente. A decisão que eu tinha tomado seria guiada por essa palavra. Ela caiu como uma luva para mim. A decisão que tomei já era o começo da construção da minha obra de arte. Minha obra de arte seria realizar com perfeição o meu projeto. Oulipô. O que será que essa palavra significava? Mesmo sem saber seu significado ela já tinha um peso muito grande para mim. Eujá sabia que uso daria a ela. Sabia onde iria aplicá-la. Ela seria o nome de uma grande obra de arte. Eu tinha plena convicção disso. Agora era só agir e montar meu quebra-cabeça. Meu holograma. À obra de arte, então.

Vamos colocar as idéias em dia para dar continuidade à obra de arte. Vamos por ordem. Vamos ver o que temos em prioridade para fazer. Viagem para fora do país. Ler os

jornais todos os dias. Algum brasileiro, inclusive. Fazer as coisas com muito prazer e acreditando nelas. Usar sempre a astúcia, a paz, e a justiça. Mesmo que vá contra algumas regras, princípios, moral, razão ou lei. Usar a inteligência mais do que nunca. Ser filósofo e ator a vida toda. Fazer as coisas em que se acredita nelas. Por mais difícil que seja. Agora tenho a senha que me foi dada pelo meu mestre do universo, pelo meu pensador-mendigo anônimo, que só eu entendo e consigo compreender suas alucinações e pirações, como as mesmas pirações e alucinações do meu amigo escritor, Long Hair, George Long Hair. O que mais era prioridade para eu fazer? Começando por hoje mesmo, agora que tenho a senha de entrada no labirinto. Primeiro, o sítio. Preciso de refúgio para colocar minhas idéias em ordem e ação. Fui para meu sítio. Desde que meu avô morreu, que não faz muito tempo, eu cuido do meu sítio sozinho. O único caseiro, o senhor José Maria, que morava lá, desde que eu era criança, foi demitido e voltou para sua terra natal. Minas Gerais. Era por isso que eu ia todo fim de semana para meu sítio, a menos de uma hora de carro do centro de São Paulo. No sítio me sinto livre para pensar e dar asas à imaginação. Levei meu Lap Top, uma impressora portátil a Laser: Antes de sair de casa eu já havia escaneado a logomarca do jornal francês, Le Monde, que já estava na memória do meu Lap Top e que seria deletada logo depois de impresso. Fiz um crachá de imprensa. Repórter. Nome fictício. Pseudônimo. Nome de guerra. Artístico. Jean-Paul Olivier (Olivie). Repórter de cultura do maior jornal da Europa. O Le Monde de Paris. Recortei e queime qualquer vestígio ou pista. Plastificaria a identidade e crachá de jornalista depois na cidade. Nenhum vestígio do plano ficou ali. Nem no meu Lap Top. Deletei tudo da memória e da lixeira do meu micro. Dei uma olhada no sítio onde passei a vida inteira, desde a infância, olhei tudo e tive um arrepio. Aquela poderia ser, se algo desse errado, a última vez que eu veria e curtiria aquele lugar.

Peguei o carro e voltei para São Paulo. Guardei o carro na garagem e subi. Comecei a preparar minha mala para a viagem e me lembrei da minha secretária. E da nova cliente. Peguei a agenda e liguei para o celular da minha secretária e avisei que estava indo viajar e que demoraria alguns dias para voltar. Quando voltasse eu ligaria avisando que estava de volta. Ela não perguntou para onde eu ia. Não precisei mentir. Não avisaria mais ninguém que eu estava de partida. Ninguém sabe por onde ando. Ninguém sentirá minha ausência. Talvez as minhas duas paixões. Desliguei tudo. Secretária eletrônica e celular. Não acessaria a Net em nenhum lugar. Eu estava incógnito em qualquer parte do mundo. Guardei meus documentos verdadeiros e o celular numa gaveta do armário e liguei para minha empregada diarista e disse que ela estava de férias por quinze dias. Férias remuneradas. Peguei a mala, um gravador pequeno, que eu sempre tive desde a Sorbonne, uma máquina fotográfica e uma

câmera filmadora portátil. Todo material de turista que eu tinha, agora iria servir como trabalho. Trabalho jornalístico. Repórter Jean-Paul Olivier. Jornal. Le Monde. Aonde eu ia agora, não seria difícil tirar um passaporte falso com minhas credenciais. Chamei um táxi e desci para a portaria do meu prédio. O porteiro perguntou se eu estava de viagem. Respondi que sim e que iria demorar para voltar. Fui direto para a rodoviária.

Encomendei uma passagem num ônibus leito. A viagem era longa. Peguei meu cobertor e uma água mineral e fui dormir. A viagem era muito boa. Poucos passageiros. Nenhuma conversa com ninguém. Nem cumprimentos ou agradecimentos. Não falava a língua desse país. Só francês e inglês e um pouco de espanhol. Mas falava sempre francês. Trabalhador intelectual francês. Jornalista. Seria sempre meu diálogo com quem quer que fosse. Esperava falar com poucas pessoas. Apenas o necessário. Eu nem iria tirar passaporte falso e nem nada. Computador teria que ficar afastado de mim. Identidade então nem se fala. Eu compraria um passaporte de alguém que nunca tinha viajado, alguém do povo pobre.

Cheguei em Foz do Iguaçu e fiquei meio perdido. Hotel, usando nome de Jornalista. Os únicos documentos que eu tinha. Mais fácil do que nunca. Hospedagem com facilidade. Pagamento adiantado com dólares. Uma noite só. Tomei banho e saí com equipamentos e carteira de jornalista. Matéria sobre o Brasil. Fronteira com dois países. Tríplice Fronteira perigosíssima. A maior porta do narcotráfico do cone sul. Agências de turismo. Informações apenas em francês. Quantos brasis existem? Todos. A sorte tinha que ser minha maior aliada. Peguei um táxi para o inferno. Cidade del Leste. Paraguai. Todos os taxistas do mundo inventam sua linguagem para falar com todos os clientes. O meu não foi diferente. Perguntava se eu era turista. Eu respondia em francês que era jornalista, Repórter. Mas não queria conversa. Ele insistia. Já dentro do Paraguai, logo depois da passagem da linda ponte, paguei em dólares e desci. Fui andando no meio do mar de pessoas. Era muita gente. Gente de todos os biotipos. Uma babilônia de línguas. Caminhei no meio da multidão observando e analisando tudo. Ninguém ali era capaz de descobrir quem eu era. Vi um paraguaio me oferecendo algo. Lá todo mundo oferece tudo. Mercenários estão em toda parte. A palavra que eu mais respondia ali era “Non. Gracias!”. Mas eu precisava pedir algo em francês para um nativo. Não foi difícil convencer um nativo a me vender seu passaporte sem uso. Com o que eu mais queria em mãos, estava resolvida a primeira parte. Liguei de um telefone público para uma agência de turismo e reservei uma passagem aérea para Paris em nome do dono do passaporte, com minha foto, no primeiro voo da LAP. O voo só partiria à noite, como ainda era de manhã, daria tempo de sobra para voltar ao hotel e descansar um pouco. Passei na agência de turismo e paguei minha passagem de ida e volta em dólares. Voltei para o hotel de

ônibus. Desci do ônibus próximo do meu hotel no centro da cidade. Eu não conhecia a cidade e não era dessa vez que eu a conheceria.

Quando estava chegando ao meu hotel, parei numa loja de conveniência de um posto de gasolina que ficava aberta 24 horas. Quando eu ia entrar na loja, para comprar filmes para a máquina fotográfica e para a filmadora, um carro igualzinho o meu Jeep Cherokee, encostou ao meu lado e desceram três lindas moças e correram para o meu lado e pegaram em meu braço e me levaram para dentro do carro. Fiquei assustado com o ato inesperado, mas fui diplomático.

Onde é a festa? Eu aceito o convite. - Disse eu em francês para a loira que já estava me beijando.

Havia mais uma mulher no carro e um senhor de meia idade ao volante. O que o cio de fêmeas não é capaz de fazer? Elas disseram que estavam indo a uma festa na casa do motorista e dono do carro. O senhor se apresentou. Era um lorde. Muito educado e parecia ser o cara mais feliz do mundo. Ele disse para não me preocupar com as meninas que eram todas amigas. Entendi logo o recado. A loira, que se chamava Jamile Tatiane Lange, parecia que já era minha noiva há anos. Me abraçou e não largou mais. Só faltou me pedir em casamento. Fomos direto para a mansão do dono do carro e sua esposa, bem jovem, que estava ao seu lado e suas amigas. Entrei abraçado com a loira chamada Jamile Tatiane. Dentro da casa a festa particular começou cedo. Logo pela manhã. Eu não perguntava nem respondia nada. Havia várias salas e muitos quartos na casa. Mas não havia nenhum empregado ou empregada domésticos. Todo mundo tomava vinho. A esposa do dono da casa, um empresário italiano, ficava só rindo o tempo todo. O dono da casa era quem fazia todo o serviço. Servia bebidas. Estava sempre fazendo alguma coisa. Minha namorada me levou para um quarto. Os quatro ficaram na sala e cozinha. Eu carregava comigo todos os meus equipamentos de trabalho. A loira queria sexo. Eu não podia fugir da raia. Pois fazia parte do jogo da sedução de uma mulher no cio. Não tirei a roupa. Permaneci o tempo todo vestido. Ela já estava nua e toda sinuosa. Brincamos um pouco e perguntei em francês como eu poderia sair dali e voltar para meu hotel. Ela não entendia uma palavra. Só queria sexo. De repente comecei a ouvir gritos e palavrões. Insultos. O dono da casa apareceu com um chicote de couro trançado, desses de boiadeiro. Um chicote igual o chicote do Indiana Jones. Sua esposa xingava as duas outras moças de lésbicas, sapatonas e taradas. O dono da casa deu um soco em cada uma das moças que caíram sangrando na sala. Ele pegou uma por uma e amarrou seus braços na escadaria que subia para o andar de cima. Sua esposa ajudava em tudo. As duas pobres lésbicas ficaram algemadas em pé penduradas nas escadarias e o italiano começou a chicoteá-las com toda

força e fúria do mundo e dizia que elas nunca mais agarrariam sua esposa. A esposa delirava de prazer e dava pulos. O dono da casa chicoteava as pobres indefesas disposto a matá-las. As chicotadas eram tão violentas que seus corpos iam se desfigurando a cada chicotada. Era triste e dolorido ver aquele espetáculo. Seu propósito era esse e não haveria ninguém para detê-lo. Fiquei no quarto observando tudo horrorizado. Minha namorada loira se vestiu e ficou preparada para o pior. Peguei todas minhas coisas e fiquei preparado para minha fuga. As pobres vítimas perderam os sentidos e as vidas com uma terrível arma inventada na hora pelo assassino. Um chicote de surrar animais. Nunca acontecera antes um assassinato com uma arma dessa. Ninguém nunca tinha sido assassinado de forma tão brutal como as duas moças homossexuais. Um horror. Uma grande desgraça. O italiano foi para o banheiro se lavar e sua esposa o acompanhou sem se lembrar que tinha um hóspede em sua casa com filmadora e câmera fotográfica e tudo. Um estranho estrangeiro com sotaque e tipo de francês. Eles entraram e se trancaram no banheiro e eu fui saindo com o maior cuidado do mundo. Uma fuga espetacular. Saí à rua e comecei a correr em busca de um táxi. A loira vinha logo atrás e me chamava baixinho. Mas ela não sabia que eu, entendia português. Vi um táxi na primeira avenida em que cheguei. Dei com a mão e ele parou. Entrei e mandei partir. “Go! Go!”, falei em inglês firme e alto. A loira gritava para eu esperar. Fingi que não era comigo. Que susto! Tudo ficou para trás e eu estava salvo. A loira não sabia onde eu estava hospedado e que partiria à noite para Paris. Fui para o hotel. Parei uma quadra antes do hotel e dei uma gorjeta para o taxista. Entrei e deitei para descansar e fiquei pensando no que tinha acabado de acontecer comigo. Qualquer coisa pode acontecer com qualquer um. Tudo pode acontecer quando estamos preparados. Até um duplo assassinato cometido por um senhor sério e de boa aparência, contra duas lésbicas, homossexuais, amigas de sua esposa que resolveram atacá-la. Tudo. Descansei um pouco e voltei à minha concentração. Dentro de horas eu estaria em Paris. A minha Paris de tantos anos. Conhecia Paris como conhecia São Paulo. Não seria difícil encontrar quem eu queria. Peguei um táxi e fui para o aeroporto do Paraguai com um pequeno bigode e cavanhaque postiço que comprei numa loja de Foz. Ainda no hotel coloquei tudo e me olhei no espelho. Perfeito. Oculos escuros, bigode e barba cavanhaque. Mesmo que alguma câmera do aeroporto me filmasse, não era eu e sim outra pessoa que estava viajando naquele avião.

Dormi a viagem quase toda. Quando acordava, apalpava meu passaporte verdadeiro com o nome de um estranho. Tive que aprender meu novo nome. Juan Baez. Paraguaio. Profissão: Professor desempregado. Mas ninguém me perguntaria nada nem na viagem, nem em lugar algum. Em Paris eu deixaria meu passaporte de paraguaio no hotel e seria francês.

Mas ninguém me incomodaria também. Peguei um táxi no aeroporto de Paris direto para meu hotel no centro da cidade. Lá eu andaria sempre de Metrô e a pé. Hospedei-me num hotel pequeno no centro. Falava francês como os parisienses. Morei muitos anos lá e me portava como um francês. No hotel peguei minha agenda e reli a reportagem que eu tinha guardado. Peguei o número do telefone do jornal na lista telefônica que havia no quarto e liguei para falar com alguém do caderno de cultura. Uma repórter com voz simpática me atendeu. Perguntei se ela sabia onde ficava o ateliê do artista Jean-Marie Levy. Ela pediu um minuto e voltou ao aparelho com o nome do ateliê, o endereço e o telefone. Anotei tudo num papel e coloquei dentro da minha agenda. Em seguida desci e liguei de um telefone público para o ateliê do grande artista. Eu sabia que ele ainda deveria estar no Brasil. Pois a vernissage em São Paulo aconteceu no meio daquela mesma semana. Uma secretária atendeu e disse que seu patrão chegaria no dia seguinte. Marquei um horário para falar com ele. Disse que era crítico de arte. Eu ainda ligaria para falar com ele antes. Tudo estava saindo como eu planejara. A senha. Oulipô. O mendigo. As gêmeas. O assassinato com o chicote, sem que o assassino sequer ficasse sabendo quem eu era. Paris. Foz. São Paulo. Pompéia. O escravo branco. A frase em latim que ele criou para seu amo. O quebra-cabeça. O labirinto. Até um lindo pinheiro distante no meio de uma plantação de trigo. Lindos campos de trigo. Tudo isso vinha à minha mente como flashes repentinos. Eu estava no caminho certo. Se soubesse conduzir com maestria meu plano, eu descobriria o significado da palavra Oulipô, a senha que meu mestre me presenteou. Aguardei o dia seguinte no hotel. Fiquei lendo o jornal Le Monde, que eu podia comprar ali na rua, na banca da esquina. A visita, O artista. O grande artista.

Visitei algumas livrarias. Fui ao cemitério visitar o túmulo de Balzac. Bem ao seu lado estava o jazigo do poeta e cantor de rock, Jim Morrison. Olhei tristemente para seu túmulo e para várias fotos colocadas por seus inúmeros fãs do mundo inteiro. Pensei na sua curta e alucinante vida que teve. Morreu aos 27 anos. A mesma idade minha. Voltei para o hotel. Passei a noite lendo. O artista.

Levantei depois das dez horas. Tomei café no restaurante do hotel e liguei da rua, de um telefone público, para o ateliê do pintor semita. Oulipô. A senha era para ele. Ele estava. Chegou e foi direto para seu ateliê e garçonniere. Falei com ele e perguntei quando voltaria ao Brasil. Disse que em uma semana estaria no Brasil novamente. Eu disse que era um crítico literário com passagem pela Sorbonne e que estava escrevendo um trabalho sobre os artistas famosos de origem brasileira. Que estaria visitando o Brasil e se poderia entrevistá-lo. O pintor ficou agradecido pelo convite e disse que poderíamos conversar em São Paulo na semana seguinte. Deu o endereço de sua família, o telefone, email e marcou horário e local de

encontro. Anotei tudo num papel e coloquei dentro da agenda, na página do dia do encontro em São Paulo.

Voltei para o hotel feliz. Tudo se encaminhava para o sucesso. Liguei para a companhia aérea e marquei meu voo de volta ao Paraguai. Eu tinha poucas horas para embarcar. Tomei um banho. E me vesti de doutor JK, com identidade de Jean-Paul Olivier e passaporte de um tal de Juan Baez. Tudo pronto para o retorno até São Paulo. Deu tudo certo. Paris - Buenos Aires – Assunção - Cidade del Leste – Foz - São Paulo. Tudo no mais absoluto anonimato. Será que muita gente consegue viajar assim? Já viajei muitas vezes assim. A maioria das vezes, para curtir minha solidão no meio de estranhos que nunca mais eu veria. Cheguei em São Paulo cheio de emoção. Teria que aguardar o encontro com o pintor. O grande mestre da pintura do século XXI. A espera.

Pensei em ligar para minha secretária e dizer que já tinha voltado. Mas preferi ficar no anonimato. Precisava de silêncio e concentração total. Iria esperar o encontro marcado para a entrevista, alternando em ficar em meu apartamento duplex e o sítio. Trabalho, nem pensar. Concentração total. O jogo já estava em andamento. Poupança de energia. Precisava descansar. Precisava continuar anônimo. O passaporte em nome do pobre Juan Baez, que nunca poderia conhecer Paris e ficaria no sonho de um dia ter ajudado alguém viajar em seu lugar em troca de uma boa gorjeta, foi guardado para as emergências e futuras viagens, se fosse necessário. Decidi manter o cavanhaque e bigode postiço. Só entrava no meu prédio de carro e com os vidros protegidos por insulfilmes fechados. Agora eu não era o Doutor JK para ninguém. Eu era um jornalista francês chamado Jean-Paul Olivier. Mas ninguém sabia da minha identidade falsa e anônima. Não queria contato com ninguém. Só observar tudo e analisar tudo. Descansaria e passearia bastante até o dia do encontro. E as minhas paixões das livrarias do meu amigo? E o meu amigo arquiteto, com seus mistérios, por onde andava e o que andava fazendo? E o mendigo-pensador, em que mundo ele estaria agora? Tudo teria que ficar distante de mim nesse momento. Já que todos nós não passamos de células ambulantes, eu preferia continuar no anonimato total. Um ser, um vulto apenas no meio dos seres humanos. A tardinha eu iria para um parque da cidade fazer cooper e ver imagens diferentes.

O grande dia chegou. E hoje o encontro com o grande pintor. Durante a semana passada inteira eu preparei tudo para o grande encontro. Fui aos lugares certos. Comprei tudo que precisava. Chequei tudo em detalhes. Fiz desenhos. Mapas. Roteiros. Perguntas. Montei um “QG” em minha mente. Fui ao meu sítio todos os dias. Montei todos os equipamentos nos seus lugares. Transformei o porão da adega onde estava guardado meu estoque de vinho produzido no próprio sítio, em um agradável estúdio de trabalho. Nenhum barulho. Nenhuma

suspeita. Nenhum eco. Nenhuma janela ou ventilação, a não ser a ventilação dos ventiladores. Somente uma porta grossa de madeira pesada, com tranca pelo lado de fora. Ninguém chegava ali sozinho, sem conhecer o lugar. Porão grande. Um pequeno banheiro e uma pia no canto, longe dos tonéis de vinho deitados. Tudo perfeito. Nenhuma falha. Coloquei um pequeno congelador cheio de comida e bebidas no porão. Tudo estava pronto. O encontro de novo. Dessa vez no Brasil e sem volta.

Liguei de um telefone público para o pintor. Falei pessoalmente com ele em francês parisiense. Ele respondia tudo em francês fino e educado. Ele procurou criar um clima de informalidade. Perguntou onde eu queria fazer a entrevista? Eu disse que queria conhecer a cidade. Gostaria de conversar andando pela cidade. Eu poderia fazer umas fotos com ele mostrando algum ponto da sua cidade natal. Ele gostou da idéia e disse que poderíamos andar a pé, de Metrô e até de ônibus, se eu quisesse. Poderíamos nos encontrar na escada do Masp, onde suas obras estavam em exposição. Ele disse que ia sozinho de táxi. Eu fui para lá trajando um Armani petróleo e sapatos de couro cru. Carregava somente a câmera fotográfica portátil e minha pasta pendurada no ombro, disfarçado de jornalista francês com bigode e cavanhaque postigo. Tudo muito bem feito. Ninguém dizia que não era original. Fui de carro. Aluguei uma Sprinter da mercedes-bens furgão, toda fechada e sem vidros, com o meu passaporte paraguaio e paguei a diária em dólares. Trabalho de filmagens no Brasil. Fui com o furgão-estúdio. Deixei estacionado ao lado do Masp. Peguei a reportagem do Le Monde e fiquei com ela na mão olhando para a foto e para todos os taxis que paravam na porta do Masp. De repente ele apareceu sozinho. Desceu do táxi sorrindo e acenou para mim, mesmo sem saber com certeza se a pessoa para quem ele acenava era seu convidado. Fiquei aguardando ele chegar até mim. O pintor, alto e magro, idade média, próxima dos 45 anos. Simpático. Elegante. Educado. Traços meio afeminados. Ele carregava uma pasta preta com alças penduradas no ombro. Deveria ser pincéis, telas e papéis. Ferramentas de artista. Um artista. Um mestre. Ele veio caminhando sorridente em minha direção e falava algo que eu não conseguia ouvir direito. Percebeu meu interesse e satisfação e foi perguntando, já pegando na minha mão.

- Senhor Olivier? Jean-Paul Olivier, muito prazer!, - disse ele em francês culto.

Apertei sua mão e dei boas vindas. Perguntei se poderíamos sair para o passeio. Ele gostou da idéia. Não o convidei para ir ver suas obras ali no museu. Não seria previdente que fôssemos vistos juntos na sua exposição. Seria melhor visitar suas obras depois do passeio. Antes dele chegar eu já havia visitado sua exposição e ficara realmente impressionado com sua obra. Eu nunca tinha visto uma obra de arte sua antes pessoalmente. Só por fotos no

jornal. Peguei o prospecto com seus dados biográficos. Seus traços eram fortes e realistas. Pareciam mais arte clássica do século XIX. Ele pintava qualquer objeto com o mesmo realismo. Parecia a obra do pintor francês Jean-August-Dominique Ingres. Deixamos o Masp para trás e saímos para dar um passeio pela Avenida Paulista. O carro ficou lá do lado do museu. Fomos em direção à rua Augusta. Ele se divertia com tudo. Todo artista quando não está trabalhando, torna-se uma pessoa comum. Procurei não encurralá-lo sobre sua obra e carreira artística. Preferia ouvir somente o que ele falava espontaneamente. Ele apontava para tudo que achava interessante e curioso. Eu só ouvia e me fazia de desentendido. Falou de arte popular. Dos grafiteiros anônimos de rua. De obras de arte expostas na rua. Falou de um tal de Flávio de Carvalho. Mas não perguntava nada sobre os pintores franceses atuais. Os de maior notoriedade. Sua linguagem culta discorria sobre as várias tendências e vazantes da pintura brasileira atual. Citou alguns nomes desconhecidos da grande mídia. Disse quem eram seus mestres na pintura. Do Brasil ele falou, uns dois ou três nomes. Citou Tarcila do Amaral. Disse que depois dela não tinha aparecido nenhum nome feminino na pintura brasileira. Falou dos ídolos com quem aprendeu muito. Picasso, Edgar Degas, Claude Monet, Michelangelo Bonarrotti, Van Gogh, o espanhol Goya, o francês Dominique Ingres e seu maior ídolo irreverente e louco, Salvador Dali. Disse que era um clássico como todos eles. Tive que concordar. Sua obra era realmente muito boa e seu nome seria referência mundial de pintura em poucos anos. Andamos pela linda Avenida Paulista como dois turistas e velhos amigos. Ele me convidou para comer pão de queijo e tomar cafezinho. Paramos numa casa de pão de queijo e comemos de pé no balcão. Depois que terminamos nossa refeição rápida, apontei para um pico longínquo. Perguntei o nome do lugar e ele disse que era o pico mais alto da cidade. Pico do Jaraguá. Perguntei se ele tinha um telefone celular com ele e pedi emprestado. Ele disse que não usava celular. Eu também não. Era isso que eu queria. Eu disse que gostaria de ir até lá para filmar a cidade de cima do pico. Disse que iria para lá agora mesmo. O pintor semita sorriu e ficou feliz. Concordou em me acompanhar na hora. Eu disse que estava de carro e que iria dirigindo até lá, guiando-me apenas por informações de um guia- mapa. Disse que meu carro era desconfortável para ele. Que se quisesse, poderia me esperar no museu, ou em casa, até que eu voltasse. Ele insistiu para ir comigo. Era isso que eu queria. Voltamos a pé pelo mesmo caminho até o museu. Abri a porta da lateral, na parte fechada, do furgão e pedi para ele ir sentado no banco traseiro. De dentro do furgão ele não veria nada. Nem o motorista. Ele entrou meio decepcionado, mas não fez recusa. Não reclamou. Eu disse que iria tentar dirigir sem parar. Só pararia para pedir informações, sem descer do carro. O furgão era confortável, super macio, ligeiro, andava razoavelmente bem. Eu já conhecia a estrada mais

do que nunca. Peguei a Rodovia Bandeirantes em poucos minutos. Meu passageiro especial, o maior pintor brasileiro do século XXI, Jean-Marie Levy, ali comigo, que decidira, há poucos dias, que nunca mais roubaria um livro do meu amigo arquiteto, viajando tranqüilamente sozinho comigo. Rodovia Bandeirantes, Km 71. Estradinha de cascalho. Mil metros de estradinha solitária no meio da natureza. Pinheiros, eucalíptos, parreiras e muitos tipos de árvores nativas. The Perfect Liberty Place. O sossego. O paraíso. A grande obra de arte. OULIPÔ! A profecia da cabala. O esforço do escravo branco. O holograma em latim com cinco palavras e TENET no centro, entre duas palavras. A estradinha solitária era a única testemunha e conhecedora da senha, sabedora do significado da palavra Oulipô. Todos os gênios são mendigos.

Antes de entrar na parte murada, com portão eletrônico alto, abri minha pasta e peguei um óculos preto grande e com viseiras laterais e uma toca grande de lã escura. Passei o portão, que se fechou sozinho, a casa não tinha cachorro, e estacionei na garagem próxima da adega. Desci e fui abrir a porta do furgão para o maior pintor franco-brasileiro do século XXI ter uma grande surpresa.

- Já chegamos, senhor Levy.

Abri a porta com cuidado e rapidez, com uma mão e com a outra interrompi sua descida e entrei repentinamente no furgão. Puxei a porta e disse para meu passageiro não se assustar. “Calma que é uma filmagem. Estou fazendo um documentário. Depois te explico com mais detalhes. Sou o diretor de cena e do documentário. Crio as cenas na hora e em qualquer lugar. Faça tudo com naturalidade. Esqueça as câmeras. Elas não existem. Faça tudo naturalmente o que eu mandar. As câmeras não podem ver seus olhos. Não podem saber quem você é. Você não é você. As câmeras estão posicionadas em vários ângulos. Onde você andar ou ficar tem câmeras ligadas. Vai ser um documentário sobre arte. O próprio documentário vai ser uma obra de arte depois de realizado. Como seu rosto não pode ser visto nessa cena, coloque essa toca aqui e esses óculos escuros. Desça de mãos dadas comigo. Vamos caminhando naturalmente na frente das câmeras como se nós soubéssemos que elas estão lá. Quando eu tirar sua toca e seus óculos, você estará num estúdio improvisado para a entrevista mais importante da sua vida. Uma grande e longa entrevista. Vamos nessa”.

Coloquei a toca em todo o rosto do pintor e os óculos escuros, peguei na sua mão e descemos normalmente, como eu dirigira a cena antes. Andamos um pouco em direção da grossa porta da adega. Lá dentro tudo já estava pronto. Cavalete, tintas, pincéis, telas, lápis e canetas aos montes. Ali, realmente havia minha câmera filmadora instalada em um tripé. Destranquei a porta com a única chave que havia daquela porta. Entramos na adega, tranquei

e guardei a chave e tirei a toca do grande artista. Arrumei seu cabelo, ficamos de costas para a câmera que estava desligada e eu olhei para ele e disse: “Pronto. Pode olhar agora”. Ele se virou e deu um sorriso para a câmera. Saí de perto dele e fiquei olhando para seus gestos, surpresa, lugar e a viagem até ali. O que será que estava acontecendo? Será que era um documentário mesmo, e ele torcia e acreditava nisso, ou se era um rapto? Um seqüestro?

- Ok, senhor Levy. A cena é toda sua. Pode perguntar o que quiser e dizer o que quiser que eu vou gravar tudo. O que achou do estúdio?

- Caramba! Que belo susto eu tive. Acabamos de sair do museu que está expondo minhas obras agora mesmo e já estamos dentro de um estúdio com um cenário pra lá de louco e estranho. Tem vinho, deve ter, nesses barris?

- Muito. Você gosta de vinho?

- Adoro. Mas sou moderado quando bebo.

- Então você pode tomar quanto você quiser. E só abrir as torneiras. Gostou do lugar, do estúdio de trabalho? Quanto tempo você conseguiria ficar num lugar como esse pintando um quadro?

- Não sei. Nunca fiquei num lugar como esse. Talvez uma semana ou mais. Nunca se sabe.

- Pode ficar o tempo que quiser aqui.- tirei o pedaço de papel com a palavra que o misterioso mendigo havia escrito e entreguei para o pintor. Ele pegou, leu, fez uma expressão de curioso e perguntou:

- OULIPÔ? O que é isso? O que isso significa?

- O nome de uma grande obra de arte que entrará para a história. O nome do quadro mais famoso da pintura franco-brasileira. Sabe quem é o autor dessa obra, senhor Jean-Marie Levy?

- Não. Mas gostaria de saber. Será que conheço o autor?

- Conhece. Conhece muito. Porque o autor do quadro com esse nome, Oulipô, é você mesmo.

- Não estou entendendo. Nunca pintei um quadro com esse nome. Nunca vi essa palavra antes. Pode me explicar o que está acontecendo, senhor Jean-Paul?

Contei todo meu plano para o grande pintor. Ele ficou em estado de choque. Não acreditou que tamanha loucura, um verdadeiro labirinto estivesse acontecendo com ele.

- Seqüestrado? Então eu estou seqüestrado? Estou num cativado por tempo indeterminado para pintar uma obra de arte com o título OULIPÔ? Que loucura, meu Deus! Tudo bem, meu seqüestrador querido, o que mais você vai querer de mim?

Um carneiro berrou lá fora. Meu sítio tinha carneiros e algumas vacas e um cavalo de sela. Eu não usava nenhuma arma. Nunca usei. E provavelmente nunca usaria. Seria cauteloso saber se meu hóspede também não estava armado. Celular ele não tinha. Se tivesse teria me emprestado. Mas arma é uma coisa que qualquer um pode usar. Precisava descobrir isso de uma maneira inteligente. Pedir para o artista tirar sua roupa seria muito vexatório. Que impasse! Que clima! Qual seria a melhor saída? O pintor não sabia se estava sendo filmado ou não. Imaginava e confundia tudo com o filme-documentário que o francês estava criando na hora e dirigindo tudo. Ele poderia ser apenas um personagem fazendo um papel de pintor seqüestrado. Ele não sabia se realmente estava sendo seqüestrado ou tudo era ficção, encenação. Preferia agir atuando como um ator.

A câmera filmadora continuava desligada. Eu só a usaria mais tarde. Ela era a parte mais importante da peça, teatro, filme, tudo. O artista sentou-se na cadeira de pintor, de costa para a mesa de desenhos. Ficou olhando para mim, com um olhar indagativo. Finalmente perguntou:

- E agora? O que eu faço? O que pretende agora, meu querido crítico de arte?

- Crítico e diretor. Nada. Eu não pretendo fazer nada para você. Mas você vai fazer uma obra de arte, sob encomenda, para mim. Quero que pinte um quadro lindo. O mais lindo que você possa pintar. O quadro que você mais gostará entre toda sua obra de arte. Pinte o quadro em quanto tempo quiser. Tem tudo que precisa aqui. Quando terminar de pintar sua obra-prima, coloque o título que eu te dei. Está aí no papel que te entreguei. Oulipô.]

- Posso te perguntar uma coisa?

- Pode.

- Você é louco?

- Sou, por quê? Quem não é?

- Não, então tudo bem. Vai em frente.

- É aqui, meu camarada Levy, que você começa a trabalhar hoje mesmo. Escravo de uma obra de arte. OULIPÔ. Sabe o que é isso? Você ser eternizado com a sua obra-prima? Quadro Oulipô, do pintor franco-brasileiro, vendido na Europa por dez milhões de dólares. Já pensou nisso, senhor Levy? A casa é sua. Vinho tem de sobra. À obra-de-arte. Já ouviu falar de algum escravo branco de Pompéia, que criou um holograma em latim?

- Não. Nunca ouvi falar. Por quê?

- Que pena. Ia gostar da história do escravo e da sua obra-prima. Mas deixa isso pra lá. Isso aconteceu há mais de dois mil anos. Foi antes de Cristo.

- Posso criar a minha história, a história onde eu mesmo sou o escravo branco, prisioneiro de um senhor importante, que manda o seu escravo criar uma obra de arte?

- Não só pode como deve. Esse documentário que estou fazendo também é uma obra de arte, mas não vai se chamar OULIPÔ.

- Quando vou poder sair daqui?

- Quando você terminar sua obra. Quanto mais rápido terminar, mais rápido sairá. Você vai ficar aqui sozinho o tempo todo. Não adianta gritar, que não há vizinho perto. O sítio é grande e o vale inteiro é de matas. Eu virei te visitar todos os dias. Você pode trabalhar sossegado e descansar quando quiser. Pode tomar vinho. Há um colchão e cobertor de solteiro atrás das pipas de vinho. Comida tem de sobra no frigobar. Quando quiser comer, é só ligar o micro-ondas. Lasanha e muitos pratos prontos. Tem tudo aí. Só que terá que fazer tudo sozinho. Uma verdadeira terapia para qualquer artista. O que você precisar, você terá. Mas antes quero saber se você está armado ou não.

- O que é isso, meu caro? Acaso tenho cara de quem anda armado? Toma. Olhe você mesmo se eu tenho arma.

- Ele tirou quase toda a roupa e me entregou. Ficou apenas de cuecase meias. Olhei roupa por roupa e devolvia para ele. Tudo bem. Assim é melhor. Revistei sua pasta e nada. Nenhuma arma. Ele era um artista. Artistas não usam armas.

- Melhor assim, você não acha? Armas para quê? Viu o que aconteceu lá no Morumbi com aquele alvoroço todo?

- E você? Usa arma?

- Claro que não. Jornalistas, artistas usam outras armas. Usam a maior arma do mundo. A inteligência.

- Mesmo para fazer certas loucuras?

- Mesmo. Se não fosse pelas loucuras que fazemos, não valeria a pena usar a inteligência. Sente-se direito nesse banco. Vou gravar sua primeira mensagem. Sua família precisa saber onde você está e o que está fazendo. Preste atenção no que eu vou falar e você repete tudo olhando para a câmera. Entendeu? Fale com a maior naturalidade e felicidade do mundo. Prepare-se. Vamos lá: “queridos papai e mamãe, não tive tempo de me despedir de vocês. Por isso deixo essa mensagem gravada. Se eu esperasse para dizer para vocês e pedisse uma sugestão, não sei se iriam concordar com o que estou fazendo. Por isso prefiro agir como estou agindo. Somente vocês poderão ver essa mensagem e dizer onde me encontro agora. Fui viajar. Viagem anônima. Refúgio total para eu pintar minha obra- prima. Já tenho até o título

para ela. Não quero contato com ninguém, a não ser com o meu assistente que vocês não conhecem. E será quem dará notícias minhas para vocês até eu terminar de pintar minha grande obra. Preciso de refúgio absoluto. Se eu não fizer isso, nunca serei um pintor de verdade. Nunca serei o que quero ser. Preciso de um refúgio como o que encontrei. Tão secreto que ninguém sabe onde estou. Não sabem nem podem descobrir. Portanto, meus queridos pais, toquem a vida adiante sem revelar que estou em absoluto refúgio. Estou no meio da natureza. O lugar perfeito para eu criar minha obra-prima. Sabe quanto minha obra vale? Vocês ainda a comprarão por dez milhões de dólares. Fiquem sossegados, que eu mando notícias pelo meu assistente. As notícias chegarão de formas meio estranhas para ninguém seguir meu assistente e descobrir meu esconderijo. Não deixe a imprensa, os paparazzi, descobrirem meu refúgio. Posso demorar até um ano para terminar minha obra-prima, mas até lá, preciso de paz absoluta. Deixem que eu entro em contato apenas em mensagens como essa. Só vou aparecer o dia que eu terminar meu quadro preferido. Beijos, pai. Beijos, mãe. Amo todos vocês. Até a próxima mensagem”.

O pintor famoso repetiu tudo direitinho, desenvolvendo seu papel de ator com muito talento. Agora era deixar o artista em seu “estúdio”, seu refúgio, até o fim da empreitada. Eu tinha certeza de que ele daria conta do recado. Eu confiava nele. Tudo teria que dar certo para eu conseguir desvendar o enigma da palavra que o mendigo-pensador tinha me presenteado. A fita. A mensagem.

Eu usava luvas finas de algodão o tempo todo. Minha identidade era secreta. Ninguém sabia quem eu era. Muito menos o pintor franco-brasileiro. Para ele eu era o crítico de arte e diretor do documentário que eu estava fazendo. Ele era inteligente e percebia que eu era francês mesmo. Tinha todos os traços de um francês. Ainda por cima eu tinha jeito de quem tinha estudado na Sorbonne. A mensagem ao destinatário. Eu já tinha o endereço dos pais do artista marcado num pedaço de papel, anotado ainda em Paris. Tirei a fita da filmadora, com as luvas na mão. Deixei a filmadora desligada. Eu tomava o cuidado de nunca aparecer no vídeo. Só eu filmava e não aparecia nele. Não havia nenhuma impressão digital minha em nada. Nenhum vestígio de digitais ficariam na fita. Peguei um envelope grande e entreguei para o pintor e mandei ele escrever com sua própria letra o nome do destinatário, com endereço certo e assinar seu nome no remetente. Conferi o endereço com o que ele tinha me dado em Paris, O correio. Preferi entregar pessoalmente na portaria do prédio.

O pai do artista era o banqueiro católico de origem semita mais rico do país. Era dono do maior Banco privado do Brasil, com agências na França e outros países da Europa e América inteira. Ele morava num prédio grande e luxuoso numa travessa da Avenida Estados

Unidos. Não era difícil achar. Deixei o pintor trabalhando e perguntei se ele precisava de alguma coisa para eu trazer da cidade. Ele deu uma olhada em tudo que tinha no estúdio, abriu sua pasta e tirou um monte de pincéis e pequenas espátulas e tintas especiais pequenas. Checou tudo e disse que já dava para começar. Que se precisasse ele anotaria e pediria depois. Tranquei tudo e peguei a estrada tranqüilo. Sabia que o artista estava seguro e saberia dar início à grande obra. Fui entregar a mensagem. Antes passei na loja de aluguel de carros e devolvi o furgão. Peguei um táxi e fui para a casa do banqueiro de origem semita dono de uma fortuna incalculável que seria herdada pelo grande Jean-Marie Levy, o filho único do banqueiro Semita que também era filho único e herdara o Banco de seu pai, um estrangeiro que veio da França para o grande Eldorado chamado Brasil. Levy era grande artista, tinha grande talento e uma herança maior ainda. Dez milhões de dólares para a família era uma bagatela.

Desci do táxi umas duas quadras antes de chegar no prédio e fui caminhando calmamente. Cheguei na portaria, usando bigode, barba cavanhaque e óculos escuros, e perguntei para o porteiro se ele conhecia o doutor Jacob Levy. Ele disse que sim. Entreguei o envelope lacrado e disse, em espanhol misturado com francês, que fora o Masp, museu de arte de São Paulo, que tinha mandado. O porteiro só pegou a correspondência e nem olhou para mim. Voltei a pé até pegar um táxi para o Masp, que ficava perto da minha rua. Tudo estava dando certo. Os pais do pintor iriam entender numa boa a decisão do filho. Sabiam que ele precisava de um refúgio para criar uma grande obra. Aguardariam novas notícias despreocupados. Pois torciam pelo sucesso do filho. O filho artista e orgulho da família. Faltava a segunda parte do plano, a segunda peça do quebra-cabeça. Voltei para meu apartamento e fui descansar. Não iria ver ninguém hoje. No dia seguinte, eu pretendia ir ao meu escritório trabalhar normalmente.

Cheguei em meu apartamento e liguei para minha secretária e disse que já estava de volta. Iria para o escritório no dia seguinte. No mesmo dia fui à Praça da Sé ouvir meu concerto de sinos. O mendigo com certeza estaria lá me esperando. Para ele agora os dias passariam mais rápidos e cheios de ansiedade pelo encontro das 18 horas. Ele passaria a contar os dias em, “veio” e “não veio”. Todos os dias ele iria à praça, às 18 horas só para ver se me encontraria. Cheguei à praça da Catedral da Sé, faltando cinco minutos para o início pontual às 18 horas. Sentados no mesmo banco, ouvimos atentamente o concerto. Divino! Bárbaro! O espetáculo terminou e eu permaneci calado e sem olhar para meu mestre de outro mundo. Do mundo da metafísica. Esperei que ele tomasse a iniciativa. O mendigo não olhava para mim, mas podia me sentir e saber o que eu estava pensando. Ele sabia que eu o tinha

como um mestre. Ele fazia mistério e até criava um clima de tensão para dar mais emoção. Esperei a primeira pergunta ou comentário.

- Diga-me, meu bom rapaz, quanto vai ser o jogo de hoje da Seleção Brasileira de futebol? Será que o Brasil ganha?

- Claro que ganha. - Eu aposto que o Brasil vai ganhar de 200 a zero. É isso mesmo que você ouviu. Duzentos a zero! Você não acha?

- Duzentos a zero, aí também já é demais. É um exagero..

- Então você verá. Será que o homem vem dia primeiro? E a nota de um dólar? Conhece aqueles waffles suíço? Estou com vontade de comer um daqueles.

O mendigo pegou a nota e sumiu no meio da multidão. Eu fui para casa tentando interpretar e dirigir a cena. Fiquei a noite toda em casa. Na rua, quando eu era apenas o doutor JK, um advogado de 27 anos, pacato e mergulhado no meu mundo e no mundo dos humanos, dos quais eu também era um, eu não usava o bigode e cavanhaque postiços. Quando ia para o sítio, eu era o crítico de arte, de bigode e cavanhaque. Passei a noite arquitetando a segunda etapa, a segunda peça do quebra-cabeça para montar meu holograma, minha obra de arte.

A reação. A mensagem. O impacto da notícia via mensagem para os pais do pintor. Mas eles eram inteligentes e pacientes. Eles não fariam nenhum alarde. Afinal, o filho era artista e artistas, às vezes, tinham idéias e maneiras esquisitas. Esperariam pelas notícias malucas do filho com suas manias.

No estúdio dentro da adega, o pintor trabalhava com vontade e afinco. Só uma situação daquela já era um motivo mais do que especial para pintar a obra que tanto sonhara. O artista demora anos amadurecendo sua obra-prima, mas só a concretiza quando chega o momento certo. E aquele era o seu momento de glória. De maior criatividade De maior vontade e gana para concretizar uma grande obra de arte. O momento veio meio forçado pelo susto, pela situação em que aconteceu, mas veio no momento certo. Na hora exata. No dia de sorte. Agora ele poderia concretizar a obra que tanto sonhou. Sua obra-prima.

Longe dali, muito longe dali do sítio do Km 71 da Rodovia Bandeirantes, lá do outro lado da fronteira. Lá no sul, nos grandes campos de plantações de trigo, com o lindo pinheiro solitário e distante, o artista contempla sua paisagem. O grande mestre da palavra contempla a natureza e o lindo pôr-do-sol. Todos os dias o artista da palavra vai lá no meio dos grandes campos de plantações de trigo e contempla a maravilha que sua mãe natureza criou para embelezar sua visão e encher seu coração de prazer e felicidade. Sua obra de arte está a caminho. Ele já começou sua grande e tão sonhada obra de arte que adiou por muitos anos, para começar a elaborá-la e criá-la. Agora o artista da palavra trilha seu próprio caminho com

que tanto sonhou e por que tanto lutou por ele. Seu trabalho nascia e crescia com o toque de um mestre da palavra e do pensamento. O artista e seu pinheiro, e sua beleza que a mãe natureza lhe proporcionava. O grande artista da palavra e da observação adora ficar sentado distante, perdido no meio da natureza, saboreando a delícia do silêncio e sossego que a natureza lhe proporciona. Sentir-se solitário e na mais profunda concentração, no meio dos grandes campos de trigais, é uma das coisas de que o artista da palavra mais gosta. Dali ele irá direto para seu gabinete de trabalho, com sua Calói de alumínio, dar continuidade ao seu trabalho. No meio das plantações de trigais ele pensa, raciocina, elabora, devaneia, depois ele coloca tudo no papel, na sua grande obra de arte. A solidão é sua maior aliada e melhor companhia.

CAPÍTULO CINCO

O doutor JK continua sua rotina do dia-a-dia. Vai para o escritório normalmente e todo dia pega seu carro e vai dar um passeio fora da cidade. Uma hora de carro até seu sítio, seu refúgio sossegado longe de qualquer barulho ou movimento. Seu escravo-pintor trabalha com esmero e prazer para dar conta do seu trabalho. Os pais do pintor aguardam notícias do filho tranqüilamente. Lá longe no meio dos grandes campos de trigais do sul, o artista da palavra elabora e dá continuidade ao seu trabalho. Ele não gosta de agitos, tumultuos e barulho. Pelas ruas da cidade perdida o mendigo goza sua liberdade e mistérios andando de um lugar para outro à procura de nada. A procura do seu eu que só ele conhece. Ele é apenas um vulto sem identidade no meio de milhares de almas perdidas andando de um lugar para outro. A cidade inteira anda de uma parte para outra totalmente perdida e sem saber o que o futuro guarda para todos. Mas em dois pontos da cidade alguém tem algo em mente e passa os dias com mais expectativa. Alguém tenta fazer os pensamentos viajarem com maior velocidade. São as irmãs gêmeas que não param mais de pensar no novo amigo e nova companhia para os jantares. Agora elas passam os dias contando as horas e os minutos para ver o ilustre amigo de seu irmão misterioso aparecer na loja para visitá-las. As duas. Cada uma com a curiosidade maior para saber se ele se interessará por alguma delas. Por qual será? Qual das duas o amigo do seu irmão se interessará mais? As duas eram idênticas. Lindas. Da mesma idade. A mesma formação. Uma era administradora de empresas. A outra era pedagoga com especialização em marketing. Solteiras. Idade de casamento. 25 anos. Sem namorados. Moravam juntas no mesmo apartamento. Vida feliz. Só faltava um amor. Todos procuram no amor a felicidade total. As duas achavam o simpático e pacato doutor JK o melhor partido que uma moçoila

casadoura poderia procurar. Mas qual das duas seria a escolhida? Qual das duas seria a vencedora do coração do homem que elas procuravam? Elas ficavam na dúvida cruel para saber que atitude deviam tomar. Ele era educado, simpático e solícito com ambas. As duas queriam o mesmo homem. Despertaram um sentimento pelo mesmo homem. Qual seria a saída?

Em seu esconderijo mais do que secreto, o arquiteto delira de felicidade. De prazer. Pelo seu grande feito. Seu grande legado. Seu maior mistério. Ele conta e reconta, com muita atenção, para não se confundir depois nos números, seus grandes feitos. O resultado dos grandes feitos. Sua coleção de resultados inéditos é grande. É um verdadeiro tesouro. Ele apalpa todas as obras muito bem guardadas. Conversa com elas. Se sente o homem mais feliz e realizado do mundo. O que mais um homem como ele poderia querer nesse mundo tão cheio de enigmas e mistérios? Cheio de mistérios da metafísica. O arquiteto era um homem que podia se considerar um grande vencedor. Nasceu numa cidade pequena no interior de Minas Gerais, no sul de seu Estado. Cresceu no meio da pobreza. Era filho de lavadeira e de um artista de circo. Seu pai sumiu com um circo quando ele ainda era pequeno. Foi criado apenas pela mãe. Quando ele terminou a escola secundária foi morar em São Paulo. Foi sozinho. Morou em muitos lugares. Sempre sozinho. Teve muitos empregos. Quando terminou a faculdade de arquitetura, já tinha uma pequena livraria dentro do Conjunto Nacional da Paulista. Suas irmãs cresceram e estudaram como ele. Quando elas se formaram lá em Minas, ele já estava bem estabilizado e seus negócios com livros cresciam em ritmo galopante. Elas foram morar e trabalhar com ele. A partir daí, os negócios não pararam mais de crescer. Muito menos a fortuna que os irmãos possuíam. O arquiteto era generoso. Deu dez por cento de cotas para cada uma de suas irmãs no negócio de livros. Eles já possuíam quatro grandes e sofisticadíssimas lojas de livros no melhor lugar de São Paulo. Todas no mesmo piso. Eles diziam que não pretendiam ampliar mais as lojas. Achavam que crescer demais só poderiam piorar as coisas. Eram todos educados. Finos. O passado de pobreza sequer entrava mais em suas mentes. Eles eram ricos, solitários, a mãe morrera alguns anos antes, e quase felizes. Só faltava uma coisa: o amor. O arquiteto não se empolgava mais com o amor. Só um tipo de amor. Uma paixão. Um tipo de paixão. A paixão, o amor, pela arte. Grandes obras de arte. Ele se sentia um mercador, um mecenas das artes. Das grandes obras de arte. Por isso seu grande mistério. Mas suas irmãs gêmeas pensavam diferente. Elas tinham amor. Amor por uma única pessoa. O doutor JK. Mas como elas resolveriam o enigma? Qual seria a saída mais honrosa? Ambas queriam o mesmo amor. Uma saída elas teriam que encontrar. A espera. A saída. JK.

Os dias foram passando enquanto JK procura as peças do seu holograma, o seu quebra-cabeça. Visitava e conversava com seu escravo todos os dias. Via sua obra-prima nascer e crescer e ir tomando todas as formas. Obra de sua autoria dividida com os criadores e executores, o mendigo-pensador, que criou o título da obra e o escravo branco pintor. JK gravou e enviou outras mensagens tranquilizadoras para os pais semitas do escravo-pintor. O escravo-pintor estava feliz e eufórico com a realização de um grande sonho. A sua obra-prima. O quadro Oulipô. O quadro que lhe daria a imortalidade. Ele pagaria qualquer preço por essa obra de arte. Não imaginava que poderia pintar um quadro nas condições em que pintava. Escravo de um cara maluco e genial. Um gênio que teve a grande idéia de seqüestrá-lo para pintar um grande quadro. Ele nem tinha explicações para essa passagem de sua vida. Morreria um dia feliz por isso ter acontecido em sua vida. Um gênio maluco, ainda por cima crítico de arte francês, teve uma idéia genial para o grande pintor franco-brasileiro concretizar seu grande sonho. Sua grande obra-prima. O quadro ficou pronto. O quadro.

Tudo estava pronto. A obra-prima de Jean-Marie Levy estava pronta e descansando. JK estava pronto para a segunda jogada mais arriscada de sua vida. Ele tinha convicção de que conseguiria encaixar a segunda peça do quebra-cabeça. Já cuidara de tudo com detalhes.

Voltei ao estúdio e o grande artista estava sentado no chão descansando com uma jarra de vinho ao seu lado. O artista contemplava sua criação. Criador e criação frente a frente. Peguei a filmadora e filmei tudo. Pedi para o pintor falar de sua obra. Dar nota. Fazer comparação com qualquer artista de qualquer época. Ele estava bêbado de felicidade. Comemorava sozinho. Ele era tímido. Apesar de sua sexualidade frágil. Seus traços homossexuais. Ele era digno. Solitário. Feliz. Tímido. Gênio. Mas os grandes gênios só conseguem criar grandes obras na mais absoluta solidão. Ele era grato pelo que eu havia feito. Ele me abraçou e beijou meu rosto num gesto de agradecimento fraterno. Graças à minha loucura, ele conquistaria a imortalidade. Disse que agora poderia morrer feliz. Que tinha valido vir a esse planeta chamado terra. Ter vivido no meio dos humanos.

- Parabéns Você conseguiu o que o escravo de Pompéia conseguiu. Você é o maior. E o maior pintor franco-brasileiro do século XXI e de toda história da pintura do Brasil. Meu documentário mostrará isso. Mas e agora? O que faremos com o quadro? Tem idéia do que fazer com o quadro? Já pensou nisso?

- Não. Por quê? Qual a sugestão que tem? Já pensou em alguma coisa?

- Já. Pensei nisso a vida inteira. Já pensei e até tenho sugestões. Quer saber quais são?

- Quero.

- Você acabou de conquistar a imortalidade com esse quadro. Mas somente eu sei disso. Somente eu tive acesso a ele. Como é que você pretende conquistar sua imortalidade se ninguém mais sabe da existência desse quadro? Pretende colocá-lo num leilão de Paris com, um lance inicial de dez milhões de dólares?

- Não. Claro que não. Quem compraria?

- Sua família.

- Minha família? Por que minha família pagaria dez milhões de dólares por um quadro que ela poderia ter de graça?

- Você não entendeu direito. Vamos tentar de novo. Eu estou dizendo que esse quadro ainda será vendido por dez milhões de dólares um dia e algum descendente teu poderá comprar o quadro como lembrança de um parente imortal. Entendeu agora?

- Claro. Agora sim. Mas, afinal, quais são suas sugestões, meu caro Jean-Paul?

- Você conhece o escritor húngaro-brasileiro George Hair, senhor Jean-Marie?

- Só de nome, por que?

- Nunca leu nenhum livro dele?

- Ainda não pude. Não tive tempo. Mas já tenho dois livros dele. Ainda pretendo ler. Por que? Você já leu? Já está traduzido para o francês?

- Já. Li em francês e em inglês. Gostei mais da tradução em francês. Eu já o entrevistei e nos tornamos grandes amigos. Estamos sempre em contato. Eu me interesso muito por literatura. Acho que é um dos maiores daqui desse país. É mais conhecido lá na França do que no seu país de nascimento. Acho que é por causa do nome. Ele não tem nome brasileiro. Acho que é por isso. Ele me escreveu lá do sul dizendo que está morando numa cidadezinha muito linda e gostosa e cuidando de onças.

- De onças? O cara, o escritor George Hair, o grande escritor brasileiro, está cuidando de onças? Mas que história é essa?

- Calma. Ele criou e está cuidando de uma entidade, uma Ong não governamental, que cuida das onças em extinção do Parque Nacional do Iguaçu. Ele vive lá no meio da natureza cuidando de suas onças. Dentro de todo o parque, uma área muito grande, restam apenas dez exemplares da onça pintada de todo o Estado do Paraná. Ele montou essa Ong sozinho e trabalha com a ajuda dos amigos da onça. Eu já me tornei um amigo da onça pintada do parque do George Hair. Vou fazer um documentário com ele também. Com ele e suas onças pintadas. Você não gostaria de contribuir com a Ong do escritor para proteger as onças pintadas?

- Claro. Por que não? Pode colcar o meu nome como amigo da onça pintada. Será um prazer para mim, morar na Europa e contribuir com uma Ong não governamental que cuida de animais em extinção. Me passe o site dele.

- Levy, sei que você pode se assustar com o que vou te dizer, mas tudo que está acontecendo com você, desde que nos conhecemos, tudo é mistério e acontecem por ironia do destino. Olhe para seu quadro. Uma maravilha. Você atingiu sua maturidade como artista. Conseguiu realizar um grande feito, deu cabo de sua obra que você nem imaginava que faria tão logo. Por isso, tudo que acontecer daqui para frente não será mistério para você. É tudo uma predestinação. Obras do acaso. Você gosta mais do acaso ou do destino? Eu prefiro o acaso. Foi por acaso que nos conhecemos. Foi por acaso que você pintou sua grande obra. O acaso se encarrega de tudo. O acaso é a própria metafísica que não tem explicação lógica. Você gostaria de fazer uma boa, uma grande doação em dinheiro para uma boa causa, Jean-Marie? Você disse que seus pais são filhos únicos, assim como você. Então para quem vocês pretendem deixar toda a fortuna da família Levy? Para obras de caridade? Para entidades filantrópicas? Você não pretende se casar e ter filhos, Levy?

- Mas por que está me perguntando tudo isso? Não pretendo me casar e muito menos ter filhos. Será que você ainda não percebeu que não tenho preferência por mulher? Se eu tivesse que me casar já teria me casado. Não sei por que certas pessoas não gostam e discriminam os homossexuais? Você pelo jeito não gosta muito do terceiro sexo, apesar de ser francês, um país onde a liberdade sexual é a maior do mundo. Você nunca teve um caso com outro homem em seu país, Jean-Paul?

- Não. Nem pretendo. Acho que sou o único francês que gosta só de mulheres.

- Mas sempre tem a primeira vez.

- O que você está querendo insinuar?

- Que podemos comemorar a realização e concretização do meu quadro Oulipô, que você mesmo deu o título, com vinho e sexo. O que você acha, meu querido?

- Nada feito. Acabei de te dizer que só gosto de mulher. Sem falar de outros detalhes. Você acaso tem camisinha, condon, aqui com você? Nunca ouviu falar que sexo só se faz com camisinha? Eu, além de fazer sexo somente com mulher, só faço se tiver preservativo.

- Você não acha que minha obra merece uma comemoração especial? Sei que estamos num sítio ou fazenda. E os carneiros que ouvi berrando? Eles não são seus?

- São, por quê? O que tem meus carneiros? O que eles têm a ver com comemoração especial? Quer comer um carneiro assado ou quer fazer sexo com um carneiro?

- Na idade média, para se prevenir contra doenças sexuais transmissíveis, como a sífilis, os grandes nobres, reis e príncipes matavam carneiros e tiravam as tripas e faziam uma espécie de preservativo natural para fazer sexo mais seguro. O que acha da idéia?

- Você está sugerindo que eu mate um carneiro e tire suas tripas só para eu fazer sexo anal com você, para comemorarmos sua grande obra-prima? Será que foi isso que entendi?

- Foi. Já pensou que cena cinematográfica que dará? Sem falar que o dia que você olhar para meu quadro ou uma foto dele, poderá lembrar do passado e carregar um segredo de um sacrifício com você para sempre.

- Carneiro? Esquece, meu amigo. Não gosto de segredo. Só tenho segredos comigo mesmo e nunca os revelo para ninguém. Nunca confie um segredo a ninguém. Quando fizer isso, aí ele deixa de ser segredo. Esquece o carneiro e o sexo comigo. Calma que você poderá transar com quem quiser. Já terminou sua grande tarefa e agora poderá ir para casa comemorar como quiser. Pode escolher quantos garotos bonitos quiser para fazer uma orgia, se assim desejar. Seus pais já devem estar ansiosos para saber mais notícias suas. Voltando ao quadro. O que pretende fazer com ele para a humanidade saber que você é um gênio imortal? Acha que só expondo o quadro nas melhores galerias de arte do mundo inteiro será o suficiente?

- Ainda não sei o que vou fazer com ele. Preciso mostrar para meus pais primeiro e pedir a opinião deles. Por quê, você tem alguma sugestão.

- Quanto você acha que vale sua obra? Tem idéia disso?

- Nem cheguei a pensar nisso. Eu sou um artista. Não penso em dinheiro. Não preciso me preocupar com dinheiro. Quando nasci, nasci num berço de ouro para ser um artista. Dinheiro para mim, fica sempre em segundo plano.

- Que bom! Mas muita gente precisa de dinheiro. Muitas pessoas precisam de doações para levarem em frente seus propósitos e empreitadas, como as milhares de Ongs que nascem para ajudar grandes causas. A Ong Amigos da Onça Pintada do George Hair é uma delas. Ele abandonou tudo para se dedicar à causa das onças pintadas em extinção. Alguém precisa fazer alguma coisa. Poucas são as pessoas que estão dispostas a fazerem sacrifícios por uma boa causa. Uma boa doação em dinheiro para a Ong do escritor que cuida das onças iria ajudar muito, O que acha de você contribuir com uma boa ajuda para a Ong dele? Ou para qualquer outra Ong?

- Mas é claro que vou ajudar. Já te disse antes que pode colocar meu nome na lista dos amigos da onça pintada. Quando posso ajudar?

- A hora que você puder. Até agora mesmo, se você tiver talão de cheque aqui com você. Acaso tem talão de cheque?

- Tenho sim. Com quanto você acha que posso ajudar? Eu não tenho a mínima idéia sobre valores em dinheiro. Pode falar a quantidade que eu faço o cheque.

- Quanto você acha que seu quadro vale? Doe uma quantidade que você acha que é o equivalente à sua obra- prima e seu coração se sentirá feliz por ter ajudado uma boa causa.

- Quanto vale minha obra-prima? Já disse que não tenho a menor idéia de quanto vale meu quadro.

- Você sabe por quanto foi vendido o quadro Os Girassóis, do Van Gogh?

- Sei. Por mais de vinte milhões de dólares.

- Você acha que seu quadro não vale pelo menos a metade disso? Seu quadro, para te dar a imortalidade terá que ser vendido por dez milhões de dólares. Esse é o valor do seu quadro Oulipô.

- Você quer que eu faça uma doação de dez milhões de dólares para a Ong do George Hair?

- Você acha muito dinheiro? Você não disse que sua fortuna e da sua família será doada para entidades filantrópicas? Que você não deixará herdeiros? Então por que se assustou com o valor de sua obra? Você não tem esse dinheiro? Se não tiver o dinheiro disponível e não quiser fazer essa doação, então pode doar o quadro. O que você prefere?

- Claro que tenho o dinheiro. Só preciso avisar meus pais para eles cobrirem o cheque. Tenho cheque personalizado do Banco do meu pai. Eu nunca faço depósitos. Eles cobrem todos os meus cheques, por mais alta que seja a quantia. Acho que eles não verão nada de mais em eu fazer uma grande doação para uma Ong brasileira. Eles vão até gostar da idéia. Está aqui o cheque. Mas, agora me responda só uma pergunta. O que te faz acreditar que meu quadro Oulipô vale dez milhões de dólares?

- Feeling. Aguarde e você mesmo poderá conferir. Quem viver verá.

Vitória! A segunda peça do grande quebra-cabeça estava encaixada. Estava resolvida. Ponto para o mendigo-pensador. Ponto para mim. Meu carneiro estava salvo e poderia pastar livremente em seu pasto. Tripas de carneiro!?! Essa foi boa. Nunca tinha ouvido conversa mais absurda do que essa do grande artista-escravo. O artista limpou tudo, protegeu sua criação com muito cuidado e se preparou para deixar o estúdio que nunca mais sairia de sua mente. Com certeza ele não iria revelar para ninguém onde criou sua maior obra. Voltaria para Paris e levaria seu quadro misterioso consigo. Aguardaria a profecia de seu quadro ser vendido um dia por uma soma fora dos padrões normais. Eu pedi para guardar seu quadro e descansar um

pouco. Poderia ficar tomando vinho para comemorar sua façanha. Dentro de três dias eu viria buscá-lo.

Enquanto dirigia meu carro para a cidade, fui pensando na grande obra do artista. Uma dúvida assaltou minha mente. Eu já estava com o cheque de dez milhões de dólares. Os valores foram convertidos em Reais. Mais de vinte e cinco milhões de Reais. Mas e se o pintor voltasse atrás e cancelasse a doação? Não. Isso jamais. Ele era um artista honesto e sensível e não tinha coragem de fazer isso. Mesmo assim não é recomendável confiar nos seres humanos. Decidi que ele só seria liberado depois que o cheque fosse compensado e creditado na conta da Ong Amigos da Onça Pintada, dirigida pelo escritor George Hair.

Mandei um e-mail para meu amigo Long Hair e disse que iria depositar uma grana minha na conta da sua Ong. Ele podia ir gastando o dinheiro aos poucos, e quando eu precisasse do dinheiro eu retiraria da conta com a sua assinatura e ele não precisava pagar o que tivesse gastado. Meu amigo respondeu no mesmo dia dizendo que tudo bem e mandou o número da conta e o Banco. Em dois dias o cheque do pintor-escravo já tinha sido compensado, depois que o artista tinha ligado para seu pai pedindo a doação e cobrir o cheque, num celular roubado que comprei de um camelô e depois joguei fora.

Tudo acontecia como a realização de uma profecia. A obra-prima já estava acabada. Agora o mundo iria conhecer mais uma obra do acaso e dos mistérios secretos que esse mundo pode proporcionar. O artista escravo e sua obra foram deixados no mesmo lugar em que foi apanhado, da mesma forma e no mesmo carro. Ele colocou a toca como na chegada e saiu sem ver nada. Voltou do seu esconderijo sem ter visto nada. Tudo aconteceu como num conto de fadas. Saiu da sua cidade natal num carro fechado, meio seqüestrado, um seqüestro intelectual, um seqüestro que só lhe trouxe benefícios, e voltou mais feliz do que nunca. Sua grande doação, dez milhões de Dólares, ajudaria salvar e preservar muitas onças pintadas e ele seria um gênio da pintura mundial para sempre. Em uma semana ele estaria de volta a Paris e tentaria esquecer tudo que aconteceu e guardaria um segredo para sempre. Ele levou o quadro para seu ateliê e o guardou com muito cuidado.

CAPÍTULO SEIS

JK estava mais misterioso do que nunca. Ele já tinha realizado uma grande façanha. Andava calado e raciocinando mais do que nunca. Ele não precisava daquele dinheiro. Vinte e

cinco milhões de Reais. Dez milhões de dólares. Não precisava de um único centavo daquele dinheiro. Mesmo que seu amigo gastasse um pouco em seu projeto, mesmo assim, ainda sobraria muito dinheiro. Tinha um segredo consigo mesmo e jamais o revelaria a ninguém. Aprendeu muito cedo com a vida que não se deve confiar em ninguém. A partir de agora ele tinha mais um dilema em sua vida: tinha que pensar em alguma coisa para gastar ou investir sua fortuna. Seu parente ou herdeiro mais próximo era sua irmã freira, que ele nem conhecia direito, pois ela foi para um convento na Itália quando ele ainda era criança. JK precisava descobrir uma saída. Ele não demorou muito e começou a agir. Ligou para seu amigo arquiteto e marcaram um encontro. Marcaram um jantar para aquele mesmo dia. Jantar a quatro. Agora só sairia para jantar sozinho ou na companhia agradável do amigo misterioso e de suas duas lindas e simpáticas irmãs gêmeas.

- Como vai, meu amigo arquiteto misterioso? Quais são as boas ou más notícias que tem para mim?

- A boa notícia é o jantar de hoje. Minhas irmãs já estavam ficando até curiosas e perguntaram por você e quando seria o novo jantar. A má notícia é que faz tempo que não nos vemos. Você anda mais ocupado do que nunca.

- Pode ficar tranqüilo que já coloquei meu trabalho todo em dia. Vou diminuir o ritmo de trabalho. Quando terminar os processos que tenho em andamento vou tirar férias. Pelo menos um ano de férias. Vou poder viajar. Quero viajar pelo Brasil inteiro e depois fazer um tour pelo mundo inteiro. O que acha da idéia?

- Me convide que eu vou junto.

- Pode deixar que não esquecerei. Mas onde vai ser o jantar hoje?

- Vamos deixar para as minhas irmãs escolherem. Elas decidirão o cardápio e restaurante. Mas já dei a sua sugestão das lagostas fígadas na hora. Elas ficaram curiosas e disseram que um dia querem ir comer lagosta. Esteja pronto às vinte horas. Nós ligamos quando elas estiverem prontas.

JK ficou em seu duplex lendo um pouco e aguardando o retorno das suas convidadas. Elas eram as únicas mulheres no mundo que tinham tocado seu coração fechado e triste. Elas tinham despertado o amor em seu coração. Mas era um sentimento fora do normal, fora dos padrões normais. O amor de um homem por duas mulheres ao mesmo tempo. Por duas irmãs gêmeas. Talvez se elas não fossem gêmeas ele não se interessaria por nenhuma delas. Mas como ele resolveria esse dilema? Como um homem pode se apaixonar por duas mulheres ao mesmo tempo? Como um homem poderá escolher e ficar com duas mulheres sem magoar nenhuma, ao mesmo tempo? Só ele tinha a resposta e saberia resolver isso. Mas teria que ser

diplomático e contar com a sorte e a ajuda delas. Nessa noite, depois do jantar ele as convidaria para irem ao seu apartamento e depois as levaria para casa. Sabia que seu amigo não se importaria e ele sairia antes delas para algum lugar. O jantar.

Durante todo o jantar o advogado mergulhado em seus mistérios tinha um brilho nos olhos. Tinha mistérios que ninguém podia fazer a mínima idéia deles. Tinha amor. Tinha paixão. Tinha desejos e tinha os pensamentos longe. Suas convidadas eram sorridentes e alegres e apaixonadas o tempo todo. Mas elas sabiam que aquele clima era cheio de suspense. Era um enigma muito grande e precisaria de muita audácia para ser resolvido, decifrado. O amor de três pessoas era como um labirinto. Ninguém ousava tomar a iniciativa e mergulhar de cabeça no grande labirinto com medo de se perder. O jantar terminou, o arquiteto preferiu sair sozinho e ir admirar e fazer companhia para sua coleção de mistérios. JK foi para seu apartamento na companhia de suas duas deusas. Suas duas paixões proibidas. Eles conversaram muito. Falaram de muitos assuntos. Tomaram licor de jabuticaba. Ouviram música clássica e jazz. Mas nunca deixavam qualquer dúvida ou pistas de que estavam todos apaixonados. O advogado pediu para elas falarem de suas paixões e sonhos para o futuro. Elas se esquivaram e pediram para ele falar primeiro de suas paixões e seus sonhos. Ele disse que o mundo em que vivia não permitia sonhos. No máximo, alguns devaneios. Mas já que não podia falar de amor, porque não tinha nenhum, ia contar a história de um rapaz que ele admirava muito e que ele conhecia bem.

- Não sei se vocês vão gostar da história do meu amigo. E muito simplória. Meu amigo é meio misterioso. Ele anda sempre sozinho. Não gosta de falar muito. Prefere mais o silêncio e o som da natureza. Adora ouvir o canto dos pássaros soltos. Adora ficar no meio da natureza horas e horas admirando as paisagens. Sua maior paixão é a natureza. Mas ele gosta muito de livros também. Um dia ele conheceu duas moças muito lindas e inteligentes. Elas eram irmãs. Nenhuma das duas tinha namorado. Meu amigo também não tinha namorada. Ele vivia sozinho em seu apartamento luxuoso que herdou de seus avós. Ele vivia numa solidão muito grande. Morava numa cidade grande cheia de pessoas por todos os lados, mesmo assim, vivia numa solidão muito grande. Ele se apaixonou pelas duas irmãs e não podia dizer isso a elas. Não podia porque se dissesse isso para alguma delas estaria correndo o risco de perder as duas. Preferiu ficar só admirando secretamente e vivendo a ilusão de que um dia poderia namorar as duas ao mesmo tempo e viverem harmonicamente juntos num lugar bem distante. Ele tinha dinheiro para viver o resto da vida sem se preocupar com nada. Só queria ser feliz e fazer suas duas paixões felizes ao seu lado. Mas tudo isso só era possível em sua mente. Em

seus devaneios. Como seu sonho era uma utopia, ele preferia passar em seu mundo solitário e cheio de mistérios e segredos. O que acharam da história do meu amigo?

- Boa! Muito interessante. E as amigas e paixões dele? Por que elas não revelavam o que elas sentiam por ele? - Quis saber uma delas.

- Não sei. Talvez fosse por educação, falta de oportunidades ou coragem mesmo. Elas eram moças pacatas, discretas e educadas e não podiam quebrar as tradições dos padrões de uma sociedade decadente.

- Como ele sabia que elas se interessavam por ele e eram impedidas de amá-lo e de declarar seu amor por ele?

- O amor não precisa de palavras para ser demonstrado. Ele nasce e fica no brilho do olhar de qualquer um, de qualquer pessoa, quando se está apaixonado.

- O que aconteceu com o seu amigo solitário e suas duas paixões proibidas? - Perguntou uma delas interessada, cheia de curiosidade e com o olhar cheio de brilho e curiosidade.

- Comprou uma fazenda de gado de corte num estado do sul e foi criar gado e plantar arroz. Esse era seu maior sonho. Viver feliz para o resto de sua vida. De vez em quando ele faz longas viagens pelo mundo inteiro. Parece que foi isso que ele fez. - Elas entenderam o recado. Depois de mais um licor, já passava da meia-noite e elas pediram para o amigo solitário levá-las para casa.

No dia seguinte JK foi para o escritório e perguntou para sua secretária quantos processos estavam em andamento. Disse que não iria pegar mais nenhum caso. Para encaminhar os novos clientes para outros advogados. Ele iria tirar férias e precisava de tempo livre para estudar. Depois que terminasse os processos em andamento, o escritório seria desativado ou alugado para outros advogados. Às 17:45 ele deixou o escritório e foi para a Praça da Catedral da Sé. Sentou-se no seu banco de sempre e em poucos minutos ele, o mendigo-pensador chegou. Assistiram ao espetáculo de sempre.. Ninguém olhava para a cara do vizinho de banco. Depois do encerramento da sinfonia de sinos, o mendigo desconhecido perguntou:

- Como tem passado, meu caro rapaz? Já encontrou o significado da palavra Oulipô? E a frase em latim que o escravo de Pompéia criou, o que descobriu a respeito dela?

- Já. Já descobri tudo. Mas ainda não sei o que fazer com o seu resultado. Preciso pensar mais um pouco. Preciso descobrir outras coisas primeiro. Tenho algumas coisas em andamento. Puramente mistérios do ser humano. Sabe como o ser humano é cheio de mistérios, não sabe? Primeiro preciso desvendar alguns desses mistérios. O enigma do homem

do dia primeiro, por exemplo. O amor também me intriga um pouco. Você já teve um grande amor, meu caro mendigo desconhecido?

- Já. Talvez muitos. Mas nada importante. Existem muitos tipos de amor. Já tive muitos tipos de amor. Mas nada que não fosse resolvido com habilidade. Por que, acaso está amando, meu caro colega de concerto sinfônico?

- Pode ser. Mas está sob controle. Preciso ir andando. Toma. Hoje só tenho uma nota de cinco dólares. Ou não vai querer uma nota hoje? Se não quiser pode doar para outros mendigos. Pode convidar seus amigos mendigos e fazer um lanche de peito de peru.

- Muito obrigado. Você é generoso. É gente muito boa. É um verdadeiro “GF”. “Gente Fina”. Até a próxima. O homem vem mesmo dia primeiro. E a Seleção Brasileira de Futebol, que vexame, hein?

- Duzentos a zero!? Adeus, meu amigo misterioso. - Levantei do banco e fui andando no meio da multidão sem rumo e destino. Ele foi para outro destino ignorado no meio da selva de pedra construída pelos humanos com seus mistérios. A cidade gigante agoniza entre tantos rumos e mistérios.

No dia seguinte JK ligou para o gabinete do Secretário Estadual de Segurança e marcou uma audiência. Dentro de alguns dias ele seria atendido pelo Secretário. Ligou para seu amigo arquiteto e disse que precisava conversar com ele. Negócios.

- Que tipo de negócio, JK? Como você não me falou nada ontem no jantar? Eu também preciso muito falar com você. Lembra-se da vernissage do pintor famoso?

- Jantar é uma reunião social. Nunca devemos misturar as coisas. Você pode me atender agora? Posso passar aí ou você prefere vir aqui no meu escritório?

- Parece que a coisa é séria mesmo, hein, JK? Tudo bem. Para você eu sempre tenho um tempo. Estou na loja 01. Pode vir agora mesmo. Estou te esperando. O que será dessa vez? Estou curioso.

- Estou saindo agora. Vou de Metrô. É mais rápido e contribuo com o ar da cidade. Menos carros circulando, menos poluição. Trinta minutos.

No pequeno escritório improvisado no mezanino da loja de livros principal, o arquiteto mergulhado nos seus mistérios e segredos recebe o amigo mais do que misterioso. JK expõe seus planos. O arquiteto ouve atentamente e fica surpreso com o amigo.

- Você o quê? Quer um pré-projeto de um presídio? Quer construir uma penitenciária privada para alugar para o Estado? Você está variando das idéias ou ficou louco de vez?

- Por que você diz isso? Acha que não é possível um negócio desse? Tenho tudo para construir uma penitenciária privada. Tenho meu sítio. Tenho dinheiro. O Estado tem carência

de presídios para alojar seus condenados. O que vê de errado nisso? Não existe nenhum presídio privado no Brasil por incompetência dos empresários e do governo. Se o governo federal ou estadual tivessem competência e abrissem concorrência para esse tipo de iniciativa e os empresários gananciosos e individualistas colaborassem, o problema das super-lotações e suas conseqüências estariam todas resolvidas. Ou você acha isso utópico ou tem medo de que a ironia do destino possa me pregar uma boa peça e eu ir parar no presídio que eu mesmo construí?

- Claro que não. Não é nada disso. Acontece que ninguém teve uma idéia dessas, até hoje. Nunca ouvi falar de alguém que queira construir uma penitenciária privada. Você conhece alguma no Brasil?

- Não. Ainda não conheço. Mas tenho certeza de que o governo do Estado vai aprovar a iniciativa e até vai divulgá-la e incentivá-la para outras pessoas comprarem a idéia. Se em outros países os governos apoiam esse tipo de iniciativa, por que não apoiarão aqui também? Então, topa ou não topa fazer o pré-projeto? Já tenho uma audiência com o Secretário de Segurança Pública no final da semana que vem. Preciso tudo pronto até lá. Preciso que vá comigo a essa reunião para expôr o projeto com mais detalhes. Ou não quer ganhar dinheiro? Se não quiser ou estiver com medo do destino, a cidade está cheia de arquitetos.

- Tudo bem. Eu aceito. Vou ver o que posso fazer. Preciso de um mapa do seu sítio. Você tem certeza de que quer estragar seu sítio e construir um presídio particular lá?

- Alguém tem que tomar a iniciativa primeiro. Ou vamos conviver com os problemas crônicos das superlotações para sempre? Então, meu caro, mãos à obra. Comece hoje mesmo a trabalhar. Tenha sempre em mente que a obra é particular e que um dia ela pode deixar de ser prisão e virar um convento, seminário ou escola agrícola. O presídio será para condenados a penas máximas de dez anos. Para presos com curso superior e presos comuns. Será uma espécie de presídio colônia penal. Lá tem um grande lago, um parreiral com mais de onze mil pés de uva, pasto, animais, carneiros e vacas e muitas árvores grandes nativas e plantadas. Um presídio para condenados especiais. Nada disso poderá ser removido ou destruído. Entendeu bem, meu caro amigo arquiteto?

- Deixa comigo que eu boto a criatividade para funcionar. Pensando bem, acho que você é um cara inteligente. Só gostaria de saber de onde você tirou essa idéia.

- Da vida, meu amigo. Só isso. O ser humano é cheio de mistérios e enigmas. As vezes, a sorte ajuda um pouco. Ou até mesmo o acaso dá uma mãozinha. Obrigado, por enquanto. Preciso voltar para meu escritório.

O arquiteto sentou-se em sua banqueta de trabalho e trabalhou o dia e a noite todos no pré-projeto do presídio de JK. No dia seguinte ele ligou para o escritório do advogado e disse para a secretária dele que o trabalho já estava pronto. Quando JK recebeu a notícia, ficou orgulhoso do amigo. Agora faltava desvendar alguns enigmas. Os mistérios do arquiteto e o que ele escondia do amigo. O que ele tinha para dizer sobre a vernissage do pintor semita e não disse nada na noite do jantar com as irmãs gêmeas. Tudo caminhava para uma solução dos mistérios. De alguns mistérios.

O dia da audiência com o Secretário de Segurança Pública chegou. JK levou seu pré-projeto e sua sugestão e seu amigo arquiteto para dar detalhes da construção. Os homens do governo gostaram da sugestão e acataram a idéia e marcaram uma nova reunião para a semana seguinte com a presença do governador. JK ficou feliz e agradecido por seu plano estar caminhando a passos longos e certos.

No caminho de volta JK insistiu com o amigo para tentar descobrir algum dos mistérios que o arquiteto tinha e escondia. Ele precisava descobrir alguma coisa.

- Você disse que precisava falar comigo sobre a vernissage daquele pintor famoso. O que é que você queria me dizer?

- JK, você é um homem inteligente. Muito inteligente mesmo. Consegue até adivinhar os pensamentos das pessoas. Por que você ainda não descobriu o que eu tenho para te revelar? Eu sei que você é capaz de imaginar e até cogitar sobre os meus segredos. Venha. Vamos até minha garçonniere que quero fazer uma revelação. Sei que você ficará muito chocado. Tenho até medo de nossa amizade terminar. Mas não faz mal. E nessas horas que descobrimos se temos amigos verdadeiros. Finalmente chegou a hora de você conhecer meus mistérios e segredos. Você sempre soube que tenho segredos e não os revelo para ninguém. Mas nunca tentou descobrir. Isso é um bom sinal. É sinal de que é um amigo discreto. Acho que posso confiar em você. Pois, será a única pessoa no mundo que conhecerá meus mistérios e segredos. Só espero não me decepcionar com você. Mas prepare-se. O choque será muito grande. Preciso de um amigo de confiança a quem confiar minha façanha. Só posso confiar em você. Nem minhas irmãs são dignas de conhecer tal segredo. Confio em você e tenho certeza de que não revelará nada para ninguém. Nem mesmo para elas. Será que posso confiar essa missão a você, JK?

- Não sei, meu amigo. Você é quem decide. A bíblia diz que maldito do homem que confia no homem. Mas se quiser arriscar, sou seu amigo e também tenho meus mistérios. Sem falar que a vida já é um grande mistério que envolve o ser humano e seus enigmas. Mas não

tenho o hábito e a mania de ficar descobrindo segredos dos outros, dos seres humanos e sair por aí revelando o que não é para ser revelado.

- Ótimo. É isso mesmo. Gosto de como você fala e age. Você terá uma grande e agradável surpresa quando chegar lá na minha garçonniere. A surpresa é tão grande que você ficará admirado.

- Estou um pouco curioso. Mas não chega a ser uma excitação de orgasmo. Quero ver do que o ser humano é capaz.

Os dois amigos foram direto para o prédio onde ficava a garçonniere do arquiteto onde ele escondia, a sete chaves, os seus mistérios e segredos. Eles entraram desconfiados, misteriosos e atentos atrás de uma missão secreta. Alguém que os visse entrando ali juntos, apesar de ser um local público jamais desconfiaria ou podia imaginar o que passava pela cabeça dos dois homens.

- É aqui, meu bom e grande amigo JK, que eu guardo, com a máxima segurança do mundo, todos os meus segredos. Olha isso aqui. Veja que maravilha. Faz anos que me especializei em trazer para cá todas essas raridades. Olha só isso aqui. O que acha disso tudo? É tudo meu. Agora eles são meus. Ninguém poderá mais tirar tudo isso de mim. Posso até morrer ou ir para um lugar para onde eu e ninguém jamais gostaria de ir, mas não abro mão de nada do que está aqui. Tudo isso foi o trabalho de anos de pesquisa e muita audácia. Olha aqui o resultado da última empreitada. O resultado daquela noite em que nos encontramos no Bourbon, depois da vernissage do grande pintor semita. Olhe tudo e confira você mesmo, meu amigo, toda essa preciosidade. Entendeu agora por que sou misterioso? É a vida. Cada ser humano tem seus mistérios. Eu tenho os meus e você tem os seus. Mas não precisa revelar nenhum mistério ou segredo que tem. Não costumo fazer troca, negociar mistérios e segredos. Cada um tem os seus e faz deles o que bem entende. Os meus estão todos aqui. Agora você já os conhece e minha vida e segredos estão em suas mãos. Só você os conhece e sabe de tudo.

- Parabéns, meu caro! Gostaria de saber só uma coisa. Como conseguiu colecionar e manter tudo isso sem nunca ser descoberto e penalizado por tamanha façanha. Isso já aconteceu com um outro cleptomaniaco e megalomaniaco como você. Parece que foi na Inglaterra ou na Itália. Cuidado que pode acontecer o mesmo com você. Não tem medo de ser o primeiro condenado a inaugurar meu presídio-colônia? Ou pretende se aposentar, agora que revelou seus segredos para mim?

- Você já estudou filosofia? Isso aqui se chama capricho de um filósofo.

- Simplesmente não tenho palavras para dizer. Tudo isso aqui é fruto de uma mente muito afinada e audaciosa. Você é uma espécie de herói. Conseguir realizar uma façanha

dessa, é porque é um herói. Juro que eu não teria coragem para tanto. Eu vou te fazer uma revelação. Talvez você até já saiba, mas vou revelar uma coisa que perto de tudo isso aqui chega a ser risível e patética. Até há poucos dias eu tinha um costume tolo que para mim, era um ato de audácia e maldade. Eu entrava numa livraria qualquer e para sentir a adrenalina na pele eu roubava um livro qualquer e saía na maior tranqüilidade do mundo, sem nunca ter sido pego. Mas chegou uma hora em que resolvi parar com a brincadeira. Só que eu fazia isso de propósito e torcendo para ser pego e dizer para a vendedora que eu tinha me esquecido de pagar e não estava roubando livro algum. Até que decidi que nunca mais roubaria um livro de ninguém. Mas pelo jeito você nunca teve esse propósito. Roubar um quadro, uma obra de arte é tarefa muito mais arriscada e pode até dar cadeia. Gostaria de saber como você conseguiu realizar um trabalho de Hércules como esse?

- Fácil. Muito fácil. Como você sabe, eu sempre vou às vernissagens muito bem vestido, de paletó e gravata, me misturo no meio das pessoas, olho todas as obras como um expert em pinturas, em grandes e bons quadros, pego e examino quadros, carrego de um lado para outro no meio dos convidados, tudo sem ninguém me conhecer. Todo mundo sempre pensa que sou um artista ou marchand. Escolho um quadro de minha preferência, coloco-o debaixo do braço e saio com a maior naturalidade do mundo no meio das pessoas. Foi assim que consegui roubar todos esses quadros. Essas obras de arte. Já cheguei a ler nos jornais sobre o sumiço ou roubo de algum deles e dou grandes gargalhadas de prazer. Muitos roubos nem chegam a ser noticiados. Conhece todos esses nomes aqui? Tudo isso vale uma fortuna incalculável. Tem até Salvador Dali e Di Cavalcanti originais. Mas não vendo nenhuma peça, nenhum exemplar. São todos da minha coleção particular. Um dia pretendo colocá-los em uma exposição particular em minha casa que ainda pretendo construir e dar uma grande festa para mostrar minha grande coleção que me custou muitas noites de audácia e adrenalina.

- Isso se você nunca for preso e a justiça confiscar

- A justiça não pode fazer isso. Eles não têm como provar nada contra mim. Além do mais, nunca serei preso por isso. Ninguém pode ser preso sem cometer um crime. Esse tipo de ato que eu cometi não pode ser caracterizado como um crime. Colecionar um capricho, uma paixão, um amor por um tipo de arte não é um crime. Um ato de dedicação de amor pela arte nunca poderá caracterizar um crime. Isso é um sentimento que qualquer ser humano pode ter ou adquirir. Um sentimento não é um crime. Não existe justiça nenhuma no mundo que possa condenar um sentimento de amor pela arte como um crime igualado a roubo. Isso nunca. Crime é crime e se a lei do homem o considera culpado, a lei precisa ser cumprida. Mas apropriar-se de uma obra de arte por paixão, por sentimento de amor, isso não é crime que

deve ser penalizado. Você, que é advogado, é meu advogado de hoje em diante, acha que isso que eu fiz é crime, meu caro JK?

- Sou advogado mas não sou juiz para julgar o certo e o errado. Se você, que é o personagem dessa situação, acha e sempre acreditou que isso não é crime. Prefiro confiar em você. Meu conceito do que é crime, o que é razão, moral, ética, comportamento do ser humano, é bem diferente do que você conhece e respeita. Eu sou um ser especial aqui neste mundo complicado dos humanos. Mas isso não importa para nossa situação. Da sua situação. Para o mundo que envolve você e as leis e regras que comandam esse mundo. A justiça dos humanos. A justiça desse mundo. O que importa, no momento, é ela. Temos que esquecer tudo. Todos os mundos que nos envolvem. Esquecer a metafísica e temos que lembrar que estamos num mundo real cheio de truques e de armadilhas contra nós. Quero saber o que pretende com tudo isso? Se já está satisfeito com a brincadeira. Se pretende continuar com o capricho de colecionar quadros raros e de grande valor ou se pretende dar por encerrada a aventura. Como devo me comportar daqui para frente com você e com suas irmãs. Se finjo que não sei de nada e continuo com a mesma naturalidade de sempre. Quero saber tudo que tem em mente. Diz aí.

- Missão cumprida! Gostei da sua história sobre livros. Eu nunca soube de nada. Só espero que tenha roubado muitos livros nas minhas lojas. Quando faz alguma coisa por amor, por paixão, você não está cometendo nenhuma falta. Nenhum crime. Age de forma natural pela arte. É um artista. Gostei dessa dos livros. É um lindo capricho. Muitas pessoas fazem isso. Agem dessa forma. Pergunte para elas se isso chega a ser um crime. Mas como você decidiu parar de roubar livros para evitar qualquer constrangimento, acho que fez bem. Tomou uma atitude certa. Eu não sei responder com exatidão se vou me aposentar na arte de colecionar arte. Vou pensar mais um pouco. Quando eu decidir eu te aviso. A partir de hoje você só conhece meus segredos e mais nada. Como são segredos confidenciais, guarde-os para você e esquece o resto. Deixe que eu cuido bem da minha vida. Os jantares continuarão acontecendo normalmente. Vamos comemorar hoje à noite?

- Tudo bem. Organize a festa. O jantar. Me ligue quando tudo estiver pronto. Preciso ir agora. Depois de hoje, depois de tudo que descobri, preciso ir para casa descansar. Vou tirar o resto da semana de férias. Até mais, meu caro arquiteto, que é um verdadeiro mestre para arquitetar planos e segredos.

Saí da garçonniere do meu amigo arquiteto que teve a coragem, a honra, a audácia de confiar em alguém seus segredos. Nunca se deve confiar seus segredos a ninguém. Eu nunca confiei e jamais confiarei. Mas ele confiou à pessoa certa. Se eu tinha os meus segredos e não

confiava em ninguém, isso é sinal de que eu também não confiaria os segredos do meu amigo a ninguém. Nem nas minhas duas paixões. As irmãs gêmeas lindas que faziam meu coração balançar por elas. O segredo do meu amigo e os meus estavam salvos para sempre. Ele podia fazer o que quisesse com sua vida, mas seus segredos estavam seguros. Só ele mesmo poderia revelá-los um dia. Fui para casa descansar e pensar nos meus segredos e mistérios. Não iria ver o mendigo hoje. Passaria uns longos dias sem aparecer na praça da sinfonia. Eu tinha mais coisa para fazer. Precisava organizar as peças do grande quebra-cabeça. A chave nuclear da palavra. A palavra chave do enigma. TENET no centro de uma linda frase em latim para decifrar o enigma que envolve um mendigo e um escravo branco. As onças pintadas do parque do meu amigo escritor precisavam de ajuda. Alguma coisa precisava ser feita para impedir sua extinção.

CAPÍTULO SETE

O meu projeto foi aprovado pelo Secretário de Segurança Pública e pelo Governador do Estado. Todos da esfera do governo estadual gostaram da iniciativa e acharam que finalmente alguém tinha uma solução para os sérios e crônicos problemas das super-lotações e maus tratos de presos. Depois de aprovado o projeto e liberada a construção do presídio, a obra começou. Tirei férias do meu escritório de advocacia e passei a me interessar e acompanhar o trabalho dos operários da construtora que venceu a concorrência. O prazo de entrega do presídio era de dez meses. Até lá eu estaria envolvido com a obra e acompanhando tudo. Parecia que eu aguardava o fim da construção de um castelo onde eu pretendia morar o resto de minha vida. Meu interesse na conclusão dos trabalhos era grande. Tudo corria tranqüilamente. Meu amigo arquiteto aparecia de vez em quando para supervisionar os trabalhos de engenheiros e operários. Tudo corria com grande velocidade e a construção ia erguendo muros e paredes para isolar seres condenados. A obra crescia e seus mistérios cresciam juntos com os segredos que envolviam tudo.

O pintor franco-brasileiro semita, Jean-Marie Levy, voltou para a França e expôs seus quadros na maior galeria de arte de Paris e fez lançamento de sua última criação, O quadro Oulipô, sua obra-prima. Críticos de arte da Europa e América escreveram sobre seu quadro e o compararam às maiores obras já pintadas nos três últimos séculos. Chegaram a dizer que a pintura universal havia ressuscitada. O quadro foi avaliado em uma grande fortuna. A mídia especializada chegou a dizer que o quadro poderia atingir o maior preço de uma obra de arte de um artista vivo, em algum leilão. Nunca mais entrei em contato com o artista semita. Eu

sabia que ele carregaria um segredo para seu túmulo. Nunca revelaria como criou seu quadro principal. Se ele me encontrasse sem bigode e cavanhaque em qualquer lugar, jamais me reconheceria. Nunca ficou sabendo minha identidade verdadeira e jamais ficaria sabendo. Somos espíritos, almas, energia, células, átomos estranhos, perdidos no meio da grande massa de seres humanos perdidos que não sabem quem são e porque existem. Ninguém tem identidade e muito menos provas de que somos nós mesmos. Apenas um corpo em movimento. Um vulto com células vivas que se movimenta de um lugar para outro levando, carregando nossos corpos. A grande doação que fez para uma Ong brasileira era um segredo que não interessava mais. O que ele mais queria agora era conseguir a imortalidade com seu quadro que abriu muitas portas nesse rumo. Seu segredo estava enterrado e ele não podia revelar nada, caso contrário, sua obra deixaria de ter o valor sentimental que tinha. Ele não podia contratar um detetive para descobrir algo que nem mesmo a polícia conseguiria. Agora era tarde demais para qualquer investigação. Nem ele poderia inventar uma história para sua família, de que havia sido seqüestrado. Que provas ele apresentaria. A doação já havia sido feita para uma Ong. Pedi para o escritor deletar todos meus e-mails. Por onde a polícia começaria as investigações sem nenhuma pista. Nenhum vestígio do seqüestro foi deixado. O crime perfeito não deixa vestígios. Então seu segredo, o segredo do seu quadro Oulipô, seria guardado para sempre.

Os meses foram passando e o presídio ia se erguendo e mudando a paisagem do Sítio. Faltava pouco para a entrega da obra. O governo já havia feito grande publicidade do projeto e pedido a ajuda da sociedade para melhorar a situação carcerária no Estado. Muitos empresários e até empresas se interessaram pelo programa de construção de novas penitenciárias privadas em parceria com o Estado. A população apoiava a idéia. A sociedade temendo a explosão de violência cada vez maior nos presídios, era a primeira a defender o projeto de melhoria das condições dos detentos. Meu exemplo de cidadão era elogiado e apoiado pela mídia e ganhava dimensões e muitos admiradores. A OAB foi a primeira entidade a dar apoio à iniciativa.

Eu não me sentia aliviado e ébrio pelo sucesso. Meus segredos e mistérios continuariam comigo para sempre. Meus segredos eram só meus. Somente eu continuaria mergulhado em mistérios e segredos. Nem meu amigo arquiteto, que confiou seus segredos e mistérios a mim, era digno de conhecer meus segredos. Ninguém. Nem mesmo meu mestre e pensador-mendigo da praça da sinfonia, que me deu a chave nuclear da palavra e a frase em latim, era merecedor da minha confiança e dos meus segredos. Ninguém. Nem as minhas paixões proibidas conheceriam meus segredos e enigmas. Maldito do homem que confia no

homem. Nunca se deve confiar um segredo a ninguém. O ser humano não é digno de confiança.

Meus jantares com as gêmeas continuaram acontecendo com certa freqüência. Os corações dos três pareciam que não resistiam mais e queriam explodir. Explodir de paixão, de amor. Mas ninguém tinha coragem, ousadia de revelar o que sentia um pelo outro, ou pelas duas e as duas por mim. Ninguém tinha coragem de fazer qualquer comentário sobre o que sentia. Os três amigos inventaram uma linguagem para falar de seus sentimentos. Todos se referiam ao amor, ao próprio sentimento amoroso através de metáforas. A linguagem dos três amigos apaixonados era a metáfora. Ninguém se tocava. Não havia intimidade de troca de beijos no rosto. Nem beijos educados na mão. Nada meloso. Não existia mais formalidades nos jantares. Mas ninguém se tocava para sentir a energia uns dos outros. Ninguém se falava ao telefone. Não havia uma paixão explícita entre nós três. O amor que nos envolvia era um amor puro, duro e cheio de mistérios. Ninguém queria perder ningu[em]. Por isso era um amor fora do compasso. Nenhuma das duas abria mão de seu amor em prol da outra. Nenhum acordo foi proposto por elas ou por mim. Eu não desistia de nenhuma das duas. Eu amava ambas com igual intensidade e interesse. Elas sabiam disso mas não sabiam se era verossímil ou devaneio delas. Só havia duas saídas para elas. Ou ambas desistiam do seu amor complicado e nenhuma seria a vencedora do coração de um homem ou as duas dividiriam, ficariam com o mesmo homem para sempre. Mas como elas tomariam uma decisão dessa se nem elas sabiam se eu concordaria com essa última hipótese. Diante do meu comportamento cheio de mistérios e sem iniciativa que possa encurralar uma mulhe apaixonada, ou até de duas mulheres explodindo em amor, e arrancar dela uma declaração de amor elas também faziam o tipo comportadas e educadas. Mas a situação estava chegando a limites intoleráveis. O coração estava a ono de explodir. Alguém tomaria a iniciativa de romper o silêncio e dizer o que sentia. Restava saber quem tomaria a iniciativa primeiro.

Um dia passei numa das livrarias do meu amigo só para ver minhas paixões de perto. Entrei e procurei um livro de contos de um dos maiores contistas dos EUA, Mark Twain, para comprar. Quando paguei o livro e ia saindo, uma das minhas paixões me viu e me chamou. Voltei-me para ela e parei. Ela chegou perto e com um lindo sorriso de mulher apaixonada me pegou pelo braço e me convidou para um cafezinho na própria loja. Fui gentil e aceitei na hora. Li seu nome, Janete, no crachá e a cumprimentei falando seu nome. Depois perguntei como estava sua irmã. Ela respondeu que estava ótima. E que elas precisavam falar comigo com certa urgência. Se eu podia levá-las para jantar naquele mesmo dia. Respondi que sim.

Elas poderiam escolher o lugar e o horário. Janete disse que esperasse em meu apartamento às 20 horas que elas ligariam.

Fui para meu Sítio dar uma olhada nos últimos retoques da obra que já estava pronta. Recebi uma ligação do Secretário de Segurança Pública. Ele perguntou se eu tinha alguma sugestão de nome para homenagear e dar ao presídio que eu estava construindo. Eu pensei um pouco e respondi que não tinha a mínima idéia. Ele disse para eu pensar e dar uma resposta até o dia seguinte. Pensei em alguns nomes. Meu avô não gostaria de receber uma homenagem dessa. Pensei no grande pintor semita. Mas descartei na hora. Seria muita provocação e deixaria algo suspenso no ar. O melhor era deixar por conta do Secretário de Segurança. Ele com certeza teria um nome perfeito. Liguei no mesmo dia e disse que não queria homenagear ninguém. O nome que ele escolhesse estava bom. Só não podia colocar o meu nome. Ele prometeu que respeitaria a minha vontade.

Voltei para casa e me preparei para meu encontro com minhas duas paixões, as donas dos meus sentimentos e do meu coração. Faltando cinco minutos para as Oito horas o telefone tocou. Elas estavam prontas e disseram que estavam chegando. Iriam deixar o carro na minha rua e iríamos juntos no meu carro ao restaurante que elas escolheram. Eu estava ansioso pelo jantar e pela conversa. Será que finalmente elas tinham criado coragem e fariam uma revelação dos seus sentimentos por mim? Será que o grande dia tinha chegado? A consagração? O reino? A vitória do amor de um homem misterioso e perdido no planeta dos humanos? O amor de duas lindas e inteligentes mulheres por um só homem? Será que tudo isso tinha chegado a hora? A espera. A revelação.

Elas escolheram um restaurante muito bom que eu não conhecia pessoalmente. Só de nome. Durante todo o jantar elas faziam mistérios do que tinham para me falar. Não perguntei nada. Eu agia naturalmente. Nunca demonstrava estar preocupado com nada. Era sempre frio e mais desligado do cotidiano ainda. Elas olhavam para mim e eu podia adivinhar seus pensamentos. Elas perguntavam a si mesmas o que acontecia com um homem tão maravilhoso e cheio de mistérios como eu. Por que eu não demonstrava nenhum sinal do meu amor por uma delas ou pelas duas? Será que eu não as amava? Será que eu tinha alguma amante secreta? Ou será que eu era um pederasta, homossexual não assumido? Não. Isso nunca. Elas tinham uma proposta a fazer ao homem que as duas amavam ao mesmo tempo. Janete foi a primeira a falar.

- JK, você sabe que nenhuma de nós temos namorado e interesse por algum homem. Só temos interesse por um homem no mundo. Mas ele é misterioso e não nos dá oportunidade

de expressar qualquer sentimento que sentimos por ele. Queremos saber se você estaria disposto a nos ajudar.

- Eu? Mas o que eu tenho com isso? O que eu poderia fazer para resolver uma situação dessa?

- Vamos sair de férias no mês que vem e vamos viajar juntas. Gostaríamos muito de convidar você para viajar conosco, se você puder, é evidente. Somos amigas. Três pessoas adultas e solitárias. Quem sabe passando um mês de férias juntos podemos inventar alguma coisa e descobrir outras. O que você acha?

- Estou só esperando a obra ficar pronta para eu entregar para o Estado. Está programado para ser entregue dentro de quinze dias. Depois que acabar tudo, pretendo tirar férias também. Se vocês me esperarem, podemos viajar juntos. Será um grande prazer para mim. Acho que nós três temos algo em comum. Somos solitárias e temos muita sorte. Para onde estão pensando em ir?

- Ainda não decidimos nada. Queríamos convidar você primeiro e ver se você concordava. Podemos decidir juntos. Cada um apresenta uma sugestão e estudamos a melhor opção. Podemos contar com você então?

- Sim. Espero que essas sejam as minhas melhores férias.

- Se depender só de nós, pode ter certeza de que terá. Nós também esperamos por isso. Há muito tempo que estamos ensaiando esse convite. Já avisamos nosso irmão e ele concordou na hora. Disse que se sentirá mais tranquilo e confiante com sua companhia.

- Posso contar um segredinho para vocês?

- Sim, claro que pode. — Responderam em coro.

- Vocês sabem que vocês duas são minhas únicas amigas. Só tenho amigas. Poucas. Não gosto de ter amigas e amigas. Só tenho dois amigos. O irmão de vocês e mais um amigo escritor que conheci na rua. Conheço também um mendigo mas não posso me considerar seu verdadeiro amigo e nem ele me considera seu amigo do coração. Apenas amigos para dividir os mistérios que cercam o ser humano.

- Nós também não gostamos de muitas amizades. A maioria das amizades são interesseiras. Existem poucas pessoas que são amigas de verdade. Você é um amigo de verdade. Nunca foi nosso amigo por interesse. Jantamos toda semana juntos e você nunca nos deixa ajudar a pagar a conta. Mas hoje quem vai pagar somos nós, porque fomos nós que o convidamos para jantar.

- Não. Claro que não. Eu faço questão de pagar.

- Deixa para outro dia. Hoje somos nós que pagamos. O convite foi nosso.

- Está bem. Mas só hoje. Para onde vamos agora? Querem ir para meu apartamento ou para uma boate?

- O que você prefere? Você não é muito de ir a lugares onde há muitas pessoas. Nós também não gostamos de muito barulho e agitação. O seu licor de jabuticaba é muito gostoso e seu chá é relaxante. O que você prefere, Janaína?

- Perguntou a irmã um pouco mais falante, Janete.

- Eu voto no apartamento do JK. Nenhum lugar numa cidade grande e louca como São Paulo oferece mais segurança do que um apartamento confortável como o seu, meu querido amigo. Tenho certeza de que é para lá que o seu coração solitário pede para nos levar. Acertei? - Perguntou a morena que daria seu coração por um homem dividido entre duas mulheres. Fomos para meu duplex na Alameda Casa Branca tomar licor e chá e ouvir a maravilhosa Dinah Washington cantar rhythm and blues divinamente.

Finalmente a obra ficou pronta e foi entregue. O Governador do Estado, o Secretário de Segurança Pública, a mídia e mais um exército de pessoas foram ao local para participarem da entrega do Presídio. A penitenciária foi batizada com o singelo nome de “Casa de Custódia Sítio Encantado”. Fiquei feliz por estar colaborando com a melhoria de vida de muitos detentos. O local ganhou novo contraste. O presídio era o mais moderno e equipado de todo o Estado. Parecia mais uma escola rural do que uma penitenciária, O sítio era grande e pode comportar instalação para funcionar uma escola agrícola dentro do presídio. Os presos que fossem transferidos para lá, somente presos com penas de no máximo doze anos. O contrato de aluguel com o Estado era de dez anos, mas exigi que condenados a penas de até doze anos também pudessem ir para lá. Depois de dez anos o contrato venceria e o presídio seria transformado definitivamente em escola agrícola e seria mantido pelo Estado. Os presos que ainda tivessem mais dois anos de pena para cumprir ficariam livres se permanecessem na escola como monitores ou professores dos alunos que viriam das unidades da Febem ou de outras instituições de menores e jovens infratores.

O Governador do Estado gostou da obra e da iniciativa e me deu os parabéns. Fez um discurso me elogiando e dizendo para a mídia do país inteiro que meu exemplo de cidadão deveria ser seguido por muitos empresários. Ele conheceu todo o sítio e ficou encantado com o local e a estrutura montada. Todos os detentos trabalhariam e estudariam para manter o presídio. Eles colheriam uva e fabricariam vinho e vinagre para consumo interno e para venda. Plantariam cana e fabricariam açúcar mascavo e rapadura. Criariam porcos na grande pocilga construída na divisa do sítio longe da sede do presídio. Criariam frangos de granja e muitos outros tipos de animais. Muitas vacas holandesas foram adquiridas para fornecer leite.

O presídio-escola estava pronto para receber os condenados. Os novos moradores do Sítio Encantado já estavam selecionados e seriam transferidos em breve. Minha renda mensal estava garantida pelos próximos dez anos com o aluguel do presídio e depois com a escola. O presídio do Sítio Encantado era uma referência nacional de colônia penal em todo o país. Lá, todos os presos teriam o que fazer e aprenderiam a trabalhar em alguma coisa. Muitos presos que tinham curso superior e nunca valorizaram trabalhos ligados a natureza, poderiam trabalhar e teriam o melhor lugar para aprender a conviver em sociedade. O trabalho seria uma terapia anti-estresse para todos. O Governador do Estado e o Secretário de Segurança Pública ficaram encantados com tudo que viram. Por tudo que comentaram eu seria homenageado e condecorado com alguma honraria mais cedo ou mais tarde. Não havia dúvida disso. Tudo terminado. Meu refúgio agora era um lugar para ajudar a melhorar a vida de muitos homens perdidos. Minha missão estava concluída. Agora as minhas merecidas férias. Férias na companhia de duas mulheres que conquistaram meu coração

CAPÍTULO OITO

Durante os últimos dez meses de construção do presídio terminei todos os processos em andamento e aluguei meu escritório para outros advogados. Continuei indo à praça da sinfonia com certa regularidade. Todas as vezes que ia lá ouvir meu concerto sinfônico de sinos eu encontrava o mendigo-pensador. Ele andava sempre sereno e observador. Conversávamos toda vez que eu ia lá. Mas ele não ficava sabendo o que eu andava fazendo. Não falei nada dos meus segredos e nem da construção do presídio. Eu podia até tentar tirar o mendigo das ruas e descobrir seus segredos e mistérios mas eu tinha certeza de que não era isso que ele queria. Depois de tantos anos perambulando pelas ruas e de uma vida inteira como mendigo ele não se adaptaria mais à vida normal dentro de um lar. Ele mesmo disse que não gostaria de descobrir quem era seu pai e se ele era vivo e famoso. Preferia continuar vivendo com seus mistérios e enigmas. Cada um tem a vida que escolhe.

Três dias depois da entrega da obra do presídio para o Estado, eu e minhas duas paixões saímos de férias. Escolhemos um roteiro pelo sul do Brasil e Pantanal brasileiro. Fomos de carro. Meu Jeep Cherokee era propício para pegar estrada e fazer longas viagens. Um mês viajando e gozando as delícias de uma viagem de férias muito bem acompanhado. Primeira parada. A cidade onde presenciei o assassinato de duas lésbicas por um estranho que nem fiquei sabendo seu nome. E se o tornasse a vê-lo novamente eu não o reconheceria. Cataratas do Iguazu. Nenhum de nós conhecíamos ainda as lindas e famosas Cataratas do

Iguaçu. Dois dias em Foz. Mas não falei para minha convidadas que eu já conhecia a cidade antes. Onde o assassino de mulheres homossexuais estaria agora? Não fomos ao Paraguai. O passaporte comprado do camelô chamado Juan Baez, já tinha virado lixo reciclável há muito tempo. Rasguei e coloquei no lixo para não deixar pistas e vestígios. Nunca alguém descobriria que um dia usei nome falso de Juan Baez para ir à França. Quando um segredo pertence a uma só pessoa e ela não deseja que outras fiquem sabendo, então, ele nunca aconteceu. Tudo cai no esquecimento para sempre.

Na ida para o Pantanal no Mato Grosso do Sul, aproveitamos para fazer uma visita breve ao meu amigo escritor George Hair e suas dez onças pintadas restantes no Parque do Iguaçu. Mas não chegamos a ver nenhuma onça pintada. Aproveitamos para conhecer o projeto da Ong do meu amigo. Minhas convidadas gostaram do meu amigo, do seu projeto e do parque. Elas assinaram o livro de amigos da onça pintada. Ele estava feliz e concentrado em muitas tarefas para proteger as onças da extinção. Deixamos meu amigo e suas onças pintadas para trás e fomos em frente. Próxima parada: o Pantanal.

Nem eu nem minhas paixões conhecíamos a beleza do recanto e reserva ecológica e patrimônio da humanidade. Uma maravilha de lugar. Perguntei para minhas convidadas o que elas achavam de morar numa fazenda às margens de um dos inúmeros rios que formam o Pantanal. Elas gostaram da idéia. Dinheiro eu ainda tinha uma boa bolada na conta da Ong do meu amigo George Long Hair. O dinheiro da doação do pintor escravo resolveu a situação de muita gente. E de poucas onças pintadas de serem extintas por caçadores covardes e desumanos. Pelos meus cálculos o que restou do dinheiro ainda dava para comprar uma boa fazenda e montar uma pousada e viver tranqüilo o resto da vida. Mas eu só faria isso se duas pessoas concordassem.

Ficamos uns quinze dias aproveitando as delícias da natureza e o encanto do Pantanal. Cada dia demorava o dobro do tempo de São Paulo para passar. Depois de visitarmos várias cidades e muitas propriedades, com o interesse de encontrar uma que estivesse à venda e me agradasse, rumamos para o sul do país. Voltamos pelo mesmo caminho até o Estado do Paraná e descemos para os Pampas na divisa com o Uruguai. Eu adorei o Mato Grosso e a beleza inesquecível do Pantanal, mas meu coração batia mais forte pelo Rio Grande do Sul. Sempre tive em mente conhecer os Pampas e começar vida nova lá. Minhas companheiras de viagem estavam adorando as férias. Elas já tinham perdido as formalidades de São Paulo e já estavam bem soltas e se sentindo muito à vontade com minha companhia. Parecíamos três irmãos deslumbrados com os prazeres da vida abastada. Três pessoas apaixonadas pela vida e

por todos. Formávamos um trio inseparável. Duas mulheres apaixonadas por um homem e um homem apaixonado por duas lindas mulheres. A vida.

Visitamos muitas cidades dos Pampas e me encantei com tudo que vi. Eu procurava uma cidade que fosse plana e longe do mar e das serras gaúchas. Queria encontrar uma fazenda formada para criação de gado e plantação de arroz. Eu tinha uma escolha. Para viver o resto de minha vida tranquilo e sossegado longe de qualquer pesadelo e esquecer meus segredos para sempre, eu queria comprar uma boa fazenda e montar uma pousada no meio da natureza. Estava disposto a fazer isso agora. Mas para a realização dos meus projetos de vida eu precisava agora da aprovação de duas pessoas. Elas tinham bom gosto e não me decepcionariam. Eu não dependia apenas de minhas decisões. Procurei dois lugares que eram de minha preferência mas deixaria a decisão para elas. O que uma gostava a outra gostava também. Elas sabiam que eu estava procurando uma boa propriedade para comprar. E sabiam também que eu as incluía nos meus planos. Eu percebia a felicidade das duas. Eu sabia que aquelas férias teriam um sabor especial para nós três. Suas vidas mudariam depois dessa viagem. Era certo que elas estavam satisfeitas com o trabalho que tinham em São Paulo. Mas também era certo que ambas estavam dispostas a abrirem mão de tudo pelo amor de um homem. Pelo amor e pela companhia desse homem. Largar uma vida sólida e comportada numa cidade problemática e cheia de mistérios e perigos como São Paulo era o sonho e desejo delas. Elas não pretendiam viver uma vida inteira sob as asas e proteção do irmão arquiteto bem sucedido. A vida repetitiva e sem perspectivas que elas levavam era cansativa e desgastante. Elas sonhavam e queriam uma vida melhor longe da agitação. E elas teriam, se dependesse de mim.

Depois de trinta dias passeando e conhecendo muitos lugares lindos e agradáveis, chegou a hora de voltar para a agitação da cidade grande. Minhas companheiras de férias tinham se encantado com tudo que viram e curtiram. Se dependesse delas, nenhuma das duas voltaria para São Paulo. Agora só restava uma pergunta.

- Então, minhas princesas, O que acharam das férias e da viagem? Se não gostaram, nem precisam responder. - Perguntei aguardando a reação delas para dar a cartada final.

- Você é um herói, JK. Você sabe conquistar a confiança de uma mulher. De duas mulheres carentes. Essas foram as melhores férias que já tivemos em toda nossa vida. Não dá nem vontade de voltar. - Respondeu uma delas e a outra concordando com tudo.

- Posso dar uma sugestão? - Perguntei, segurando a mão de cada uma delas e com expressão de apaixonado.

- Claro que pode. Você pode tudo, JK. - Disse as duas em coro.

- Minha sugestão é mais um convite para vocês duas. Um convite que nenhum homem tem coragem de fazer para duas mulheres solitárias. Duas irmãs gêmeas lindas e especiais. Vocês querem viver, morar para sempre no meio da natureza, numa linda e gostosa fazenda comigo? Passaremos o resto da vida desfrutando do sossego de uma fazenda. Só nós três. Prometo que darei amor e carinho para as duas igualmente. Viveremos sem rivalidade, ciúmes e concorrência. Formaremos uma família feliz para sempre. Lembram do homem solitário e suas paixões proibidas que falei outro dia? Esse homem sou eu. E minhas paixões são vocês. Só serei feliz se puder compartilhar meu amor com duas mulheres encantadoras como vocês, O que têm a me dizer? Se não quiserem responder agora, não precisam. Podem pensar o tempo que quiserem. Quando chegarmos em São Paulo vocês me dão a resposta.

- Eu não preciso esperar chegar em São Paulo. Minha resposta é sim. Eu aceito viver com você onde você quiser. Não dependo da resposta da minha irmã. Se você quiser ficar aqui ou lá no Pantanal hoje mesmo eu nem volto para São Paulo mais. - Respondeu a linda e apaixonada Janaína, segurando minha mão e com lágrimas de mulher apaixonada e cônica do que estava dizendo.

- Eu também JK, você nunca percebeu, mas desde o dia que saímos para jantar a primeira vez, ficamos ambas apaixonadas por você. Essa viagem que fizemos foi arquitetada e planejada para dizermos tudo o que sentimos por você. Estamos pouco importando com a reação da sociedade e de seja lá quem for. Somos maiores de vinte e cinco anos e decidimos o que fazemos com nossas vidas. Nosso irmão é inteligente e sempre nos apoiou em tudo que fazemos com prazer e amor. Ele será o primeiro a nos dar a maior força e incentivo. Ele não quer se casar, mas sabe que não queremos ficar solteironas para sempre. Você é o homem da nossa vida. Somos apaixonadas com a mesma intensidade e não vemos nada de errado em duas mulheres viverem com o mesmo homem. E nem um homem viver e ter duas mulheres sob o mesmo teto. Os árabes têm mais de quatro mulheres e conseguem viver em harmonia com todas. Nós já tínhamos decidido que a melhor saída para as duas era dividir o amor e a cama com o mesmo homem. Queremos viver com você o mais breve possível. Nossas vidas estão ligadas a você para sempre. Nem precisamos e queremos cerimônia de casamento e nem nada. Basta dizer quando, que iremos morar com você. Onde você escolher. Essa é nossa decisão. - Disse minha outra linda morena, Janete, segurando minha outra mão com muito carinho e paixão.

- Viva a vida, meninas! Um brinde a tudo de bom que a misteriosa vida desse mundo nos proporcionou. Então, agora preciso da opinião e ajuda de vocês para tomar uma decisão. Onde vocês querem morar? Numa daquelas lindas fazendas do Pantanal que olhamos e

gostamos ou nas planícies dos pampas? No inverno o sul costuma ser bem frio. O que vocês decidirem eu acato. Meu coração bate mais forte pela beleza e costumes do Rio Grande do Sul, mas a beleza e tranqüilidade do Pantanal me fascina. De qual lugar vocês gostaram mais e preferem morar? Seremos fazendeiros em qualquer lugar. Teremos uma bela fazenda de gado de corte e uma gostosa pousada para passarmos nossas horas e dias de felicidade. O que vocês decidem? Não deixem para eu decidir.

- Pantanal. - Respondeu minha linda Janete.

- Adorei o sul, mas meu coração sempre acompanha o coração da minha linda e querida irmã. Mas o Pantanal é realmente mais fascinante. Viveremos no Mato Grosso do Sul juntos e felizes para sempre. Faremos você o homem mais feliz do mundo. Pode escrever isso. E temos certeza de que você é a alma gêmea de duas irmãs gêmeas. - Disse minha princesa Janaína.

- Pantanal então. Turismo rural. Precisamos voltar ao Mato Grosso do Sul. Quero que vocês me ajudem a escolher a melhor fazenda para eu comprar. Se não tiver pousada na fazenda que nós escolhermos, nós construímos uma de nossa preferência. Querem voltar lá agora ou vamos depois que voltarmos para São Paulo e informarmos para o arquiteto irmão de vocês?

- Vamos agora mesmo. Quando voltarmos para São Paulo já teremos tudo encaminhado e avisamos nosso irmão que estamos nos mudando para o Pantanal. - Respondeu Janaína.

- Eu também concordo com a Jana. Vamos ligar para São Paulo e avisar o gerente geral das lojas que vamos prolongar nossas férias por mais dez dias. Você não precisa avisar ninguém porque não tem mais secretária e escritório para trabalhar. Se quiser ficar na fazenda que comprar pode ficar e nós voltamos de avião ou de ônibus e começamos nossa mudança. - Disse minha linda e admirável, Janete que sabia pensar em tudo. A volta ao Eldorado. Ao Paraíso. A felicidade.

Em dois dias já estávamos de volta ao Mato Grosso revisitando as fazendas que tínhamos gostado e que estavam à venda. Fizemos uma verdadeira via sacra para pesquisar o que tinha de melhor em todas as fazendas. Algumas tinham pousadas outras não. Nós preferíamos uma grande e boa fazenda que já tivesse uma pousada e que já estivesse toda formada. Fizemos uma relação de nomes e visitamos todas. Depois de alguns dias de pesquisa e muitas visitas finalmente encontramos uma fazenda com pousada e muita beleza que agradou a todos. A fazenda estava à venda com as porteiras fechadas. O dono era um francês que estava no Brasil há mais de trinta anos e queria voltar para sua terra natal e morrer lá.

Acertei tudo e ficamos hospedados na pousada da fazenda uma semana para conhecer tudo e fazer o pagamento e receber a escritura do imóvel. Todos os empregados da fazenda e da pousada continuariam trabalhando com os novos proprietários. O antigo proprietário pagou todos os direitos trabalhistas dos seus funcionários e eles passaram a ter novo patrão. Eu não gostava dessa palavra. Patrão. Preferia ser tratado como novo amigo dos funcionários. Não disse que era advogado para ninguém. Não queria mais ser chamado de doutor por ninguém. Me apresentei para todos apenas como JK. E pedi que me chamassem apenas de JK. Eles conheceram minhas duas namoradas e futuras esposas. Provavelmente eu seria conhecido por todos os empregados da fazenda e da pousada como o fazendeiro que tinha duas esposas. Mas eu tinha certeza de que todos iriam gostar de mim e formaríamos uma grande família. Eu esqueceria o passado de glória e todos os segredos e seria apenas um humilde e pacato fazendeiro criador de gado. Iria trabalhar junto com eles. Pegaria no pesado para tirar qualquer estresse que pudesse surgir. Mas essa palavra maldita nunca existiria no meu novo lar. Todo e qualquer estresse ficaria para trás. Ficaria na cidade grande com os seus habitantes malucos e misteriosos. Depois de uma semana morando na pousada da minha fazenda ao lado de minhas duas paixões inseparáveis eu já me sentia nativo da região. Elas pareciam que já eram donas de pousada e de fazenda há muito tempo. Procuraram se interessar por tudo e aprenderam todo o trabalho o mais rápido possível. Todas as empregadas da fazenda e da pousada nos tratavam como se já fôssemos amigos há tempos. Minhas duas namoradas eram simpáticas e educadas com todas as mulheres e peões. Aprenderam o nome de todos e fizeram uma lista de presentes que comprariam em São Paulo para presentear a todos. Fomos recebidos por todos como uma nova família. Uma família muito unida e muito feliz.

Minhas namoradas estavam tão entusiasmadas e concentradas em suas novas vidas que até esqueciam que precisávamos voltar para a cidade grande e alucinante. Eu não acreditava que toda aquela vida tranqüila e calma de uma fazenda seria o meu refúgio longe de todos os problemas e neuroses do ser humano da cidade grande. E principalmente poder compartilhar minha felicidade com as duas mulheres da minha vida. As duas mulheres que eu amava. Nem tudo está perdido nesse mundo cruel. A vida às vezes tem seu lado bom. Hora de voltar. Hora de reencontrar algumas pessoas na cidade desumana. Hora de voltar e despedir da cidade que me criou e viveu meus mistérios e segredos. Hora de voltar para sepultar todos os segredos e mistérios. São Paulo. Agora só para breves e poucas visitas. A volta.

Minhas meninas, agora minhas namoradas, não queriam voltar para São Paulo. Se dependesse delas elas ficariam cuidando da pousada e nem voltavam mais a São Paulo. Elas gostaram tanto do lugar que me pediram para não demorar muito em São Paulo. Elas iriam

comunicar o irmão arquiteto que estavam deixando as lojas para seguirem seus corações ao lado do homem que elas escolheram para amar e viver o resto de suas vidas. As lojas tinham uma equipe muito bem montada e suportariam tranqüilamente suas ausências. Elas iam deixar o apartamento alugado e manteriam as suas cotas na sociedade com o irmão nas lojas. Meu apartamento duplex também seria alugado e colocado à venda. Eu pretendia construir uma casa confortável na minha fazenda. Não pretendia morar em São Paulo nunca mais. Sempre me senti melhor no meio da natureza. Ela não é agressiva como os habitantes de uma selva de pedra. Tudo estava resolvido. Eu tocaria minha fazenda com a ajuda dos meus novos amigos humildes e sem cultura. Apenas a cultura de pantaneiros que herdaram do meio em que sempre viveram. Eles seriam meus amigos e fiéis escudeiros e protetores daqui para frente. Seriam tratados como membros da minha grande família que eu acabava de formar e que eu nunca tive antes. Minha vida até aqui tinha sido uma vida solitária e acadêmica. Agora eu queria distância de tudo isso. Não lembraria do passado. Viveria nova vida em paz e harmonia com tudo que me rodeava. Minhas duas paixões e meus novos amigos e colaboradores. Minha vida estava começando agora. Vida nova.

Voltamos para São Paulo para resgatar e levar conosco o que nos pertenciam. O antigo proprietário deixaria a fazenda em duas semanas. A casa ficaria desocupada para nós. Ele voltaria para a França e não levaria nada a não ser a família. A casa da sede era muito bonita e bem confortável, além de grande. Moraríamos nela até a nossa ficar pronta. Depois a casa seria transformada em pousada também. Planejamos levar nossas mudanças dentro de quinze dias. Mas...

CAPÍTULO NOVE

Quando estávamos chegando a São Paulo parei em um restaurante na beira da estrada para lancharmos. Depois do lanche, quando já voltávamos para o carro, a Janete comprou um jornal para saber o que estava acontecendo no mundo e no Brasil e teve um grande choque com uma das manchetes: “Empresário de sucesso é preso em São Paulo com quadro roubado”. A foto do irmão delas no jornal.

- Mas como? Isso só pode ser um engano, O Jamil não iria perder o juízo e se meter numa encrenca dessa. Ele não precisa disso. - Disse Janete chocada e assustada com a notícia.

- Mas será que é ele mesmo? Eu não posso acreditar no que estou lendo. E o Jamil mesmo, meu Deus. Nosso irmão se meteu com o que não devia. Mas por que ele fez isso? Será que enlouqueceu? - Disse Janaína desesperada.

- Também não acredito que meu amigo arquiteto fosse estúpido ao ponto de cometer uma insanidade dessa. O que será que aconteceu? Precisamos descobrir logo. Vamos rápido para tentarmos descobrir o que aconteceu. - Eu disse já prevendo o que tinha acontecido. Por falta de alerta não foi. Eu já havia alertado meu amigo e pedido para ele tomar cuidado e desistir dos seus caprichos e aventuras. Mas ele era teimoso e dono de sua vida. Ele sabia o que estava fazendo e os riscos que corria.

Chegamos em São Paulo e fomos direto para o apartamento de minhas namoradas. De lá elas ligaram para o celular do irmão delas. Quem atendeu foi alguém da delegacia. Pedi o telefone e me identifiquei como sendo advogado do arquiteto. Peguei o endereço da Delegacia e disse que estava indo para lá. As lojas do arquiteto estavam funcionando normalmente. Todos os funcionários, incluindo os gerentes, estavam todos chocados com a notícia do patrão preso.

Quando cheguei a delegacia sozinho, já havia um batalhão da imprensa lá. Meu amigo e agora cliente estava numa sala especial, pois ele possuía curso superior. E por isso que é bom estudar e ter o 3º grau. Entrei com um pedido de liberdade provisória e levei para um juiz assinar o alvará de soltura. O juiz tinha quarenta e oito horas para assinar a petição. Como o réu era primário e de bons antecedentes e o crime foi caracterizado como um desvio de personalidade, uma doença, cleptomania, o juiz concedeu a liberdade no mesmo dia. Ele responderia o processo em liberdade. Meu amigo arquiteto, que por ironia do destino e da vida, foi o mesmo arquiteto que fizera o projeto do presídio do Sítio Encantado. Se fosse condenado a cumprir pena de reclusão, provavelmente ele iria ficar preso no presídio onde ele mesmo ajudou a construir. Com a assinatura do juiz em mãos, paguei a fiança e peguei meu cliente na delegacia e fomos para o seu apartamento Liguei para minhas namoradas e elas foram nos esperar lá.

- Obrigado, JK Te devo essa - disse o arquiteto quando entramos no meu carro sob pipocar de flashes de máquinas fotográficas da mídia e olhares de curiosidades dos repórteres. Nem ele, nem eu respondemos nenhuma pergunta dos repórteres.

- O que está achando do espetáculo, meu caro amigo? Às vezes um pouco de publicidade, mesmo negativa, faz bem para o ego. Espero que essa publicidade negativa sirva de lição e exemplo. Não falei para você tomar cuidado com seus segredos e caprichos de cleptomaniaco? Sabe qual é a pena máxima que esse tipo de crime, que você não considera crime, pode dar?

- Três anos.

- Três anos se o juiz levar em conta sua conduta e não descobrir nenhum outro crime cometido. Nenhum outro quadro roubado e provado que foi você. Fique longe da sua garçonniere. Trate de esquecê-la até sair a sentença do juiz. Precisamos contratar um advogado criminalista especialista nesse tipo de processo ainda hoje, para te defender.

- Outro advogado? Dois advogados para um crime que nem pode ser caracterizado crime? E você? Para que serve seu diploma de advogado com doutorado na Sorbonne?

- Eu não sou criminalista. Sou especialista em Direito Internacional. Conheço um advogado bom nesse tipo de processo. Vou ligar para ele. O escritório dele fica no mesmo prédio onde eu tinha o meu. O nome dele é Dr. Joshua. Ele vai te livrar dessa enrascada em que se meteu. Além do mais eu me aposentei como advogado. Vou me dedicar a outra atividade a partir de hoje.

- Aposentou? Que história é essa? Ninguém se aposenta com vinte e sete anos de idade a não ser aquele Sociólogo que virou presidente do Brasil.

- Mas eu me aposentei. Não sou mais advogado. Esse foi meu último trabalho e não vou te cobrar nada. Mas daqui para frente sua vida e liberdade estão nas mãos do Dr. Joshua e do juiz que pegar seu processo.

- Mistérios; Dr. JK? Não quer ser mais meu advogado? Se aposentou logo agora que estou encrocado? Quem é esse tal de Dr. Joshua? É dinamarquês ou semita? Será que posso confiar nele? Você o conhece bem?

- Ninguém conhece ninguém bem. Não conheço ninguém bem. Nem eu mesmo. Mas ele é um bom advogado. Já indiquei alguns clientes para ele. Você será apenas mais um. Mas nunca comente com ninguém sobre sua coleção particular de obras de arte raras. Seu único crime foi esse que cometeu agora. Fique de boca fechada se não quiser passar dez anos no Sítio Encantado. Está entendendo, meu caro?

- Não se preocupe. Depois dessa vou me aposentar também. Você acha que esse tal de Dr. Joshua pode me livrar de ir para o Sítio Encantado?

- Vai depender do juiz que pegar o processo. Mas nada de tentar jogo sujo. Esse tipo de crime é público e de interesse da população e do patrimônio artístico. Nunca se deve roubar um artista. Afinal, e o quadro? O que aconteceu com o quadro e de quem era o quadro que você roubou?

- Bah, você nem vai acreditar. Conhece o quadro mais famoso de uma pintora brasileira modernista da semana de arte moderna chamada Tarcila do Amaral?

- Abaporu. Conheço muito bem. É o melhor quadro do Brasil. Não vai me dizer que você entrou no Masp e roubou o quadro da Tarcila do Amaral?

- Passei a vida inteira atrás desse quadro. Eu já tinha decidido seguir seus conselhos e dar por completa minha coleção particular de quadros. Mas tomei uns uísques a mais e não resisti. Lembrei do quadro que me faltava. Fui lá no Masp e peguei o quadro e saí com ele na frente de todo mundo. Quando eu já estava na rua um segurança me chamou. Ele perguntou de quem era o quadro e eu disse que estava levando a obra para ser restaurada. Ele pediu para eu acompanhá-lo até o diretor do museu. O diretor não acreditou em mim e chamou a polícia. O quadro ficou salvo no Masp para ser visto por muita gente sob os cuidados redobrados da segurança do museu.

- E agora? O que tem em mente? O que pretende fazer para convencer a justiça? Que história vai inventar para sair livre dessa?

- Contar a verdade. Qual é a pena máxima para cleptomania? Se for condenado, pelo menos poderei tirar férias merecidas e passar uma temporada no Sítio Encantado que eu mesmo ajudei a construir.

- Pelo menos lá você poderá ler um monte de livros da sua própria livraria. Poderá ler o que sempre teve vontade. Já leu Joyce? Leia James Joyce. Ulisses. Oitocentas páginas. Leia os contos dele também.

- Primeiro vou ler outro escritor. Sabe qual é?

- Sei. George Hair. Meu amigo Long Hair. Você vai gostar muito dele. Se você for para o Sítio Encantado, vou fazer uma lista de nomes de autores e obras para você ler. Depois que ler uma porção de livros, você pode até escrever um livro e narrar suas aventuras de cleptomaniaco. Leia tudo que puder. Talvez uma possível ida para o Sítio Encantado possa te fazer bem. Possa despertar um artista, um escritor dentro de você.

- Não. Mesmo que eu leia uns mil livros, acho que não escreverei nada. Deixo essa tarefa para o seu amigo Long Hair. Tenho certeza de que ele fará isso muito bem. É por isso que não vou me preocupar se eu for para o Sítio Encantado. Vou passar todas as tardes lendo. Começando pelo Long Hair. Tomara que o tal de Dr. Joshua me livre dessa. Mas se não livrar, vou tirar umas férias num sítio mais do que encantado. Um sítio cheio de mistérios e muitos segredos de todos que passaram por lá.

- Ainda bem que o Sítio Encantado existe para contar muitas histórias cheias de mistérios. Mistérios, coincidências e sortes. Meus pais e meus avós morreram em acidentes de carro iguais até na marca e modelo. Praticamente no mesmo lugar. Apenas quinhentos metros de distância de um local para o outro. O sítio pertenceu aos meus avós e com certeza meu pai e minha mãe também conheceram o lugar. Que mistérios são esses de tantas coincidências?

Agora você comete mais essa insanidade e pode ir parar no Sítio Encantado. Encantado e misterioso.

- Metafísica, meu amigo. Coisas da metafísica. Coisas sem explicações. Se o destino é esse, que se cumpra o destino, O importante é que eu vá para lá consciente do que fiz. Eu vou com o maior prazer. Essa é a lei dos homens. Dos humanos. Se eles querem assim. Que se faça valer a lei imbecil e estúpida do homem. Sabe o que eu gostaria de fazer hoje, para esquecer tudo isso e aguardar o veredito?

- Não. O que você gostaria de fazer hoje?

- Ir ver o pôr-do--sol e pedalar bastante. Ir ver a natureza. Ir poder respirar ar puro.

- Quer uma sugestão?

- Manda ver.

- Você já trabalhou de voluntário alguma vez? Já fez algum tipo de trabalho voluntário?

- Não.

- Então faça algum.

- Onde? Como?

- Sítio Encantado.

- Sítio Encantado? Você pirou?

- Passe uma semana lá dando aulas para os presos e fique amigo deles. Diga para eles que você já começou a pagar sua pena com contribuição social. Sua pena pode ser transformada em pena voluntária. O juiz pode considerar o seu gesto e diminuir a pena ou transformá-la em prestação de trabalhos à comunidade. Qualquer comunidade. Comece pelo Sítio Encantado.

- Acho que sou obrigado a concordar com você. É isso mesmo que vou fazer. Preciso falar antes com o tal de Dr. Joshua. Ele pode pedir uma autorização para o juiz que leu o processo. Vamos nessa. Mudando de assunto. E as férias? Como foram as férias, meu caro JK?

- Nem te conto. Prepare-se para ouvir das suas próprias irmãs. Elas têm uma boa notícia para te dar. A notícia tem algo a ver com minha aposentadoria. Vou criar gado.

- Criar gado? Fazendeiro? Você vai virar fazendeiro?

- É isso aí, meu caro. Vou virar fazendeiro e viver o resto da vida no meio da natureza. Vou viver até os 103 anos.

Chegamos ao apartamento do arquiteto e minhas paixões já estavam lá. Elas abraçaram o irmão quase chorando e feliz por vê-lo solto.

- Agradeçam ao JK. Acabei de sair graças ao meu grande e bom amigo. Mas vamos falar primeiro sobre as boas notícias. As más vocês já sabem e depois falamos sobre elas ou o próprio JK fala para vocês duas. Quero saber como foram de férias. Estou curioso.

- Antes queremos dizer que ficamos muito preocupadas quando lemos o jornal sobre sua prisão. Mas quando o JK disse que resolveria isso hoje mesmo ficamos mais tranqüilas. Confiamos no JK mais do que nunca. Depois de hoje, mais ainda. Mas vamos às boas notícias. Janaína, conte você primeiro. - Disse minha linda e meiga.

- Será que nosso irmão está preparado para saber uma grande e boa notícia sobre as férias de suas irmãs e amigas do coração? Acho melhor conversarmos sobre o roteiro da viagem primeiro e das belezas dos lugares e cidades que conhecemos. O que vocês acham? - Perguntou minha outra paixão, a linda e carismática Janaína.

- Sim. Pode ser. Vamos falar primeiro da viagem. Depois falamos sobre o resto. - Sugeriu a outra irmã.

- E você, JK? Não fala nada. Fica aí tranqüilo e feliz e não fala nada? - Perguntou o arquiteto.

- E precisa falar alguma coisa? Elas falando já está ótimo. Depois eu falo alguma coisa. - Eu disse.

Passamos o resto do dia juntos e fomos jantar fora para comemorar a vida. Meu amigo arquiteto ficou muito feliz com todas as notícias boas que lhe demos. Ele gostou muito de saber que eu era seu melhor amigo e agora seria seu cunhado também. E disse que eu era seu cunhado duas vezes. E era o único homem que conhecia que tinha duas mulheres. Estava melhor que ele que não tinha nenhuma. Não se importou em saber que suas duas irmãs seriam mulheres de um único homem. Se uma fosse feliz comigo, com um homem digno, a outra seria feliz igualmente. Ele não teria nenhum tipo de preocupação com suas únicas irmãs. Suas únicas parentas. Contamos toda a história da fazenda e pousada. Ele gostou muito e disse que sempre iria nos visitar e pescar no Pantanal.

O arquiteto contratou o Dr. Joshua para defendê-lo. Ele começou um trabalho voluntário no Sítio Encantado. Dava aulas para todos os detentos. Começou a se interessar pela vida de cada um. Dava palestras e lições de vida. Da sua própria vida. O diretor e os presos gostaram do trabalho voluntário. Eles ficaram sabendo que fora o próprio arquiteto que fizera o projeto do presídio e gostaram de tudo que ele fez. Da escola que funcionava dentro do presídio e do tratamento que eles recebiam lá. Nada de violência entre detentos e maus tratos por parte dos funcionários do presídio. Ali todos eram tratados igualmente e sem violência e vingança. Todos os internos já haviam sido julgados pelos atos e falhas cometidos

e estavam pagando a pena imputada. Cometeram um vacilo, uma falha na vida e agora tinham que pagar a pena que cabia a cada um. Mas todos tinham em mente que um dia sairiam de lá em paz com a justiça. Aprenderiam algo na prisão. Aprenderiam a respeit-ar e serem respeitados como cidadãos.

O arquiteto concordou com a decisão de suas irmãs de irem morar com o homem que elas amavam. Os gerentes das lojas eram bem preparados e de confiança do patrão. Os negócios continuariam funcionando normalmente. Se fosse condenado a pena de reclusão, o arquiteto continuaria dando ordens da prisão por telefone, mas ele acreditava que o Dr Joshua iria livrá-lo. Ele continuou levando sua vida tranqüilamente sem se abalar com nada. Aguardava a sentença em liberdade e dando continuidade ao seu trabalho de voluntário no Sítio Encantado. Levou até teatro para os detentos

Em duas semanas resolvemos tudo em São Paulo e levamos nossas mudanças em dois caminhões para o nosso novo endereço no meio da natureza. Fizemos uma festa de despedida com o arquiteto e todos os funcionários das quatro lojas. Convidei apenas meu amigo escritor mas ele não pode ir. Ele estava passando uma temporada no Rio de Janeiro. Ele disse que quando voltasse do Rio de Janeiro para a sua Ong no Parque Nacional do Iguaçu e terminasse de escrever o livro que estava escrevendo, ele iria passar uma temporada em nossa fazenda. Eu disse que ele tinha hospedagem completa de graça na pousada e podia até morar lá para escrever um livro. George Hair disse que ia pensar com carinho na oferta.

Como havíamos planejado, quinze dias depois de nossas férias nós já estávamos morando em nossa propriedade. Minhas namoradas compraram presentes para todos os empregados da fazenda e da pousada e conquistaram a simpatia e amizade de todos. Dissemos que todo natal nós faríamos uma grande festa. Mataríamos bois e celebraríamos o natal juntos com todos os familiares. Fomos bem recebidos por todos os funcionários que tinham acabado de receber os novos patrões. A vida precisa continuar.

Dois meses depois que nos mudamos para a fazenda o arquiteto foi a julgamento em São Paulo. Pena: dois anos de prisão semi-aberta. Ele passaria o dia trabalhando e dormiria no Sítio Encantado ouvindo os pássaros cantando à noite e no alvorecer do dia. O Dr. Joshua tinha feito o que pode. Livrou meu amigo de passar dois anos sem ver o barulho e agitação da cidade misteriosa que ele tanto amava. Ele continuaria trabalhando e administrando suas lojas e seus negócios e passaria as noites no Sítio Encantado. Dormindo no Sítio ele poderia se dedicar mais ao trabalho voluntário que já vinha realizando com os detentos que agora eram seus colegas de presídio. No final quem saiu ganhando foi ele e os detentos que ganharam um

voluntário e colega para trabalharem e estudarem juntos. E o arquiteto saiu da sua rotina cheia de mistérios, segredos e tédio. A vida sempre reserva muitas surpresas para todo mundo.

CAPÍTULO DEZ

O grande artista da palavra deixa os lindos campos de trigais e a natureza para trás, por alguns dias, e vai para a cidade grande, a cidade maravilhosa cheia de beleza, encantos e igualmente cheia de mistérios. A cidade cheia de mil encantos como as mil e uma noites cheias de mistérios dos povos do deserto. O artista da palavra deixa seus pensamentos para trás e mergulha de cara nas ondas do mar de Ipanema, na Cidade Maravilhosa. O Rio de Janeiro a Dezembro. Mas ninguém ri de janeiro a dezembro numa cidade babilônica cheia de tantos contrastes como a cidade mais conhecida e famosa do país latino-americano de língua portuguesa. Mas o artista da palavra ri. Ri da comédia humana. Luxo e lixo formam um contraste que mostra todas as caras de uma cidade maravilhosa para todos: ricos, pobres, turistas, bandidos e população assustada, medrosa, corajosa, triste e alegre tudo ao mesmo tempo. O artista da palavra deixa a natureza e suas onças para trás para andar no meio das pessoas e vivenciar um pouco o seu mundo. Mundo complicado e sem conserto. Como é que um mundo formado por humanos cheios de mistérios e segredos vai ter conserto? Difícil.

Gorge Hair foi ao Rio de Janeiro passear e visitar um amigo. Seu amigo que saiu da favela para brilhar como uma estrela e ficar super famoso. Seu amigo que era um João-ninguém, pobre e trabalhava como frentista de um posto de gasolina na zona sul abastada e elegante, cheia de pessoas ricas e importantes, agora era uma dessas pessoas. Seu amigo agora era mais importante que ele que era escritor dos melhores, com muitos livros publicados e andava anonimamente no meio da população sem nunca ser reconhecido e respeitado por ninguém. Mas o amigo do escritor, apesar de sua pouca cultura o respeitava e o admirava. Ele que não tinha cultura, não tinha estudo, era um grande ídolo amado e odiado por muita gente. Não tinha cultura acadêmica. Pois não precisava disso. Mas tinha a cultura nata da bola nos pés. Ele era um artista com os pés. Um artista da bola. Quem nasce com o Dom de fazer mágica com os pés não precisa de mais nada. Até o artista da palavra admirava seu amigo Jomário, o baixinho que infernizava a vida de muitos zagueiros com seus dribles mágicos e infernais. O amigo do artista da palavra era o maior ídolo da torcida de seu clube, o maior time de futebol do país. Ele ficou famoso, rico e comprou o posto de gasolina onde trabalhou como frentista. Ficou famoso e rico mas não perdeu suas raízes. Continuou popular e gostava

das duas pontas da vida que levava. Uma cheia de luxo e pompas, badalações e outra de um passado humilde e pobre, onde deixou seus melhores amigos como o escritor de origem húngaro.

Jomário mandou uma mensagem via Net para seu amigo George Hair, que ele só o chamava de Long Hair ou poeta, convidando-o para uma grande festa que ia dar. O baixinho de pernas mágicas convidou o artista da palavra para ficar em seu apartamento como convidado de honra. Ele queria fazer uma música para dedicar a uma grande paixão do passado. Uma paixão platônica dos tempos em que ele era um reles e humilde frentista de posto de gasolina. Queria fazer a música e homenagear sua musa mas não sabia escrever a letra. Lembrou de seu amigo intelectual e artista e o convidou para ajudá-lo na empreitada. O artista que não gostava e nem fazia nada por encomenda abriu uma exceção para seu amigo e ídolo dos gramados. Topou escrever um poema para ser musicado. O jogador ídolo de uma legião de fãs queria cantar e gravar a música para sua musa. Mas ele só sabia cantar samba. O artista disse que esse não era o tipo de música de sua preferência, mas mesmo assim escreveria o poema para seu amigo cantar para sua musa. Eles foram para o posto de gasolina em que o jogador havia trabalhado como frentista e agora era o dono, pediu para o amigo e ídolo dos gramados vestir um macacão vermelho que todos os frentistas funcionários do posto estavam usando. O Baixinho de pernas mágicas obedeceu seu mestre das letras e voltou a ser um frentista e foi abastecer os carros que chegavam ao posto. O artista da palavra sentou-se numa cadeira branca na loja do posto e ficou só observando seu ídolo trabalhando como se fosse nos tempos em que eles eram amigos e o baixinho nem sonhava com a fama e o sucesso. O escritor pegou um pedaço de papel e uma caneta e começou a fazer uns rabiscos enquanto o amigo trabalhava abastecendo os carros. O artilheiro da Seleção de Futebol contou para seu amigo intelectual como era a moça que era sua musa e por que ele ainda era apaixonado por ela. Ela era uma moça muito rica e fina. Só abastecia seu carro, uma Mercedes-Bens vermelha conversível no posto em que o futuro ídolo do futebol trabalhava. Ela fazia questão de abastecer seu carro somente com o baixinho. Mandava completar o tanque. Pagava com cheque e saía sem dizer nada. Parecia até uma provocação. O frentista baixinho olhava para ela e dizia: “um dia ainda vou conquistar essa pantera”. O grande escritor, muito sensível à arte e aos sentimentos humanos entendeu a paixão platônica de seu amigo e agora um astro de sua torcida e do seu time. Ele escreveu um lindo e triste poema e chamou o frentista famoso para ver se estava bom:

“Você que me olha assim e me deseja,
Mas foge sempre de mim.
Você que chega só para me ver e me provocar.
Você que não sai da minha mente e do meu coração.
Você que me seduz com seu olhar de pantera no cio.
Você que me enlouquece, não sabe o que Sinto por você.
Você que me enfeitiça mas foge sempre de mim,
Não me conhece e não me dá uma chance para te conhecer.
Você que é a minha musa de todos os sábados.
Será que você não tem nada para me falar?
Sei que me olha com desejo.
Sei que me quer também.
Então por que o capricho de não falar comigo?
Venha. Vamos ver o pôr-do-sol somente uma vez.
Não me faça sofrer mais do que já sofro por você.
Você que é minha paixão.
Deixe-me dizer isso para você somente uma vez.
Você que me olha assim e me deseja, mas foge sempre de mim.
O que devo fazer para merecer seu amor?”

O Baixinho não tinha nenhuma cultura de escola, mas tinha sentimentos e adorou a letra que seu amigo escritor, que ele chamava de poeta, fizera para ele homenagear sua musa. Agora ele podia cantar quantas vezes quisesse a música para ela. Quando ela voltasse ao posto abastecer seu carro vermelho, o próprio jogador iria atendê-la e daria um CD de brinde do posto para ela, gravado por ele com uma música, um samba, falando do seu amor platônico que ele sempre sentiu por ela. O ídolo do futebol de pernas mágicas de fazer gols se sentia o homem mais feliz agora com o poema nas mãos. Depois que ele virou jogador e se tornou ídolo de toda a torcida brasileira, e principalmente do seu time, nunca mais viu sua musa. Mas ela continuou indo ao mesmo posto abastecer seu carro vermelho. Depois que ele ficou famoso e ganhou muito dinheiro e comprou o posto, ele passou a frequentar o lugar aos sábados para ver se ela ainda aparecia por lá. No primeiro Sábado que foi ver sua musa, ela apareceu e abasteceu e pagou com cheque novamente. Depois que ela se foi, o Baixinho pegou o cheque dela e repôs o caixa com seu dinheiro e ficou com o cheque para guardar de lembrança o seu nome e assinatura. Jandira Kutait.

Mas o astro dos gramados do Maracanã tinha que trabalhar, treinar e se concentrar para os jogos de futebol. Raramente ele podia ir aos sábados ver sua musa abastecer seu Mercedes vermelho. Ele ficou famoso e rico. Ela, sua musa, ficou sua fã, pois, além dele jogar muito bem, jogar como titular na Seleção Brasileira de Futebol, ele era o astro do time que ela torcia e ia sempre ao Maracanã vê-lo jogar. Ver suas jogadas geniais e ver seus lindos gols. Mas ela não sabia ou não se lembrava que seu grande ídolo da camisa onze era o mesmo frentista que a atendia no posto de gasolina aos sábados. O frentista que ela provocava e deixava o coração do rapaz partido ao meio de dor.

Mas o destino é traiçoeiro e se encarrega de tudo. A musa do ídolo baixinho era fã do grande jogador do seu time de futebol do coração, mas não tinha acesso a ele. Não o tinha como uma paixão inatingível, platônica. Ela tinha na cabeça e no coração a imagem de um humilde jovem frentista que ela nunca mais vira no posto trabalhando. Ia sempre lá abastecer seu carro vermelho só para ver o frentista baixinho. Mas ele sumira do posto. Ela era discreta e nunca perguntava para ninguém sobre o paradeiro do frentista. Um dia ela resolveu deixar uma carta no posto para ele. Perguntou para o gerente do posto se ele poderia entregar a carta ao antigo frentista e ele sabendo de quem se tratava, disse que sim. Pois o Baixinho que ela procurava era o seu patrão e ídolo da torcida brasileira. No dia seguinte, antes do gerente entregar a carta da cliente ao seu patrão, o gerente pegou o jornal e ficou chocado com a notícia. “moça solteira bate seu carro, um Mercedes conversível, numa árvore na Lagoa Rodrigo de Freitas e morre na hora”. Viu a foto e nome dela, Jandira Kutait, no jornal e pegou o envelope da carta deixada no dia anterior e leu com as mãos tremendo. Pegou o telefone e ligou para o patrão. Ele foi correndo ao posto pegar a carta. Abriu o envelope e leu com uma expressão cheia de tristeza. Depois comentou com seu amigo escritor.

- O que é o destino, meu amigo Long Hair. Passei a vida toda correndo atrás do amor de uma mulher. Quando ela finalmente resolve me dar uma chance, ela morre. Como é que você explica isso, meu amigo?

- Metafísica, meu caro Jomário. Sabe o que é metafísica? E isso que aconteceu. E tentar explicar o inexplicável. - Disse o grande artista da palavra.

- Será que eu mereço isso? Logo agora que ela resolveu me procurar e sem saber quem eu sou. Que eu sou o grande astro do futebol brasileiro. Ela ainda pensava que eu era um humilde frentista de posto. Meu Deus! O que foi que eu fiz para merecer isso? Logo agora que resolvi fazer uma música para conquistar seu coração. Ela sequer ficou sabendo da homenagem que eu ia fazer para ela. Eu tinha certeza de que quando ela ouvisse a música iria gostar e ficaria feliz. Que destino cruel. O que faço agora com o poema que você fez?

- Faça o que você sempre quis fazer. Grave o CD e dedique a ela. Onde ela estiver, estará feliz com a homenagem póstuma.

Uma semana depois da tragédia que arrasou o atleta, ele convidou o artista da palavra para irem a um lugar. O jogador fora convidado para presenciar a leitura de um testamento. O testamenteiro de uma família que possuía uma das maiores fortunas do Rio de Janeiro, ia fazer a leitura do testamento deixado pelo último membro da família que foi desabando aos poucos conforme tinha crescido. O artista da palavra disse para seu amigo jogador de futebol que não havia motivo para ele ir presenciar tal cerimônia, pois não conhecia ninguém daquela família. Mas o Baixinho insistiu e disse que o artista poderia tirar alguma coisa da história do testamento para narrar em seus livros. O artista aceitou o convite meio a contra-gosto.

A história daquela família era muito triste, interessante e instigante. As únicas pessoas que restaram da família Kutait eram o patriarca, um senhor muito mau que conseguiu construir um império na indústria madeireira e frutífera. A Green Apple era o maior império da maçã no cone sul. O patriarca morreu e deixou apenas uma neta de vinte e cinco anos e uma bisneta de oito anos chamada Jelen Thaís Kutait, filha de um neto seu, que morreu em acidente automobilístico há mais de cinco anos. Quando o patriarca morreu, ele deixou apenas as duas herdeiras e um exército, uma legião de ódio espalhados nas pessoas que foram vítimas de seu império. Mas com a inesperada morte da musa do centroavante artilheiro da Seleção Brasileira de Futebol, Jandira Kutait, a moça do Mercedes vermelho conversível que deixava o frentista Baixinho com o coração na mão, com a morte de Jandira, restara apenas a pequena e querida Jelen Thaís. Apenas ela era a herdeira universal de toda a fortuna dos Kutait. Mas havia muita gente, centenas de pessoas interessadas na leitura do testamento do grande patriarca dos Kutait. Todo mundo ansioso para saber se tinha entrado no testamento. Amigos, empregados, médicos, padres, bispos, políticos, toda a criadagem da casa. Menos uma pessoa. Jelen Thaís. Só ela não se interessava por nada e nem sabia o que possuía. A diretoria do grupo Green Apple formou um conselho, com permissão da justiça, para decidir quem cuidaria da educação e formação da pequena Jelen. Ela era a que menos se preocupava com alguma coisa. Mas os demais presentes ao terraço do cobertura do maior edifício da orla marítima do Rio de Janeiro. O prédio onde funcionava o império Kutait ocupava um quarteirão inteiro. No terraço do prédio havia quadra de tênis, heliporto, horta e piscina grande. Todo o prédio pertencia à família que desabou como cresceu. Amaldiçoada. O prédio inteiro agora era amaldiçoado e seria habitado por espíritos maus que se recusavam desencarnar. Em todos os momentos os espíritos do mal estavam presentes. Eles podiam ver e ouvir tudo que estava acontecendo no interior do prédio. Todos os espíritos dos membros da

família Kutait estavam reunidos ali no terraço. Cada um podia ver o que já lhe pertencera antes ser dividido através da leitura de um testamento. Uma velha cozinheira muito má e meio caduca, que tinha trabalhado na casa por mais de quarenta anos, olhava para o testamento fixamente, para ver se ela seria lembrada. Mas quando o testamenteiro terminou de ler a última palavra, a velha caduca colocou a mão na boca, teve um suspiro e caiu morta para trás. Ninguém se importou com a velha cozinheira morta. Cada um ficou parado atônito diante do que tinha acabado de saber. Ninguém tinha o nome no testamento. O patriarca tinha deixado tudo para a neta e bisneta. Havia mais de cem pessoas no terraço. O escritor e o jogador de futebol Baixinho ficaram só observando tudo à distância. Muitas coisas aconteceram naquele apartamento gigante que se transformou no inferno de Dante. Muitas pessoas, quase todas as pessoas, amigos, criados, advogados, médicos, motoristas, artistas e tantas outras pessoas interessadas na fortuna e decepcionadas com o resultado do testamento, começaram a se atirar do terraço, vinte andares de prédio abaixo. O escritor e o jogador de futebol tentavam salvar algumas pessoas, mas elas corriam e se atiravam. O escritor conseguiu salvar um dos suicidas, ele era o mordomo da família que tinha trabalhado trinta anos para a família da pequena e inocente Jelen Thaís. O mordomo chorava desesperadamente. O escritor saiu para tentar salvar outra pessoa, quando olhou para o mordomo, ele já estava no ar saltando o muro do terraço. Não sobrou um só empregado do vasto e misterioso apartamento para contar a história. Apenas o escritor, artista da palavra e dos sentimentos, Jomário, o grande artilheiro da Seleção Brasileira de Futebol, a herdeira, que foi entregue a um juiz, que ficou com a guarda da menina, os curiosos que foram chegando, a polícia e imprensa, O escritor desceu, acompanhado por seu amigo e ídolo, ídolo do ídolo, e foi ver a cena inesquecível dos corpos no meio das pedras na encosta do mar. Parecia o inferno de Dante ao vivo e a cores. Coisa mais triste do mundo.

O apartamento dos Kutait sempre foi uma verdadeira Sodoma e Gomorra. Agora o resultado final para não deixar vestígios. Somente mistérios. Ver tantos corpos ali por nada era um sentimento que corroía, doía dentro de qualquer um. Qualquer humano. A cena era muito triste. O escritor pegou o Baixinho pelo braço e foram se afastando do lugar sem ninguém reconhecer nenhum dos dois.

- O que achou de ter me convidado para assistir à leitura de um testamento de uma família que eu nunca tinha ouvido falar, meu caro Jomário? - Perguntou George Hair.

- Você ainda pergunta? Quando fizer um filme sobre o que você viu aqui hoje, quero estar no filme como ator. Filme de tragédia humana. Como o ser humano é interesseiro e misterioso, cara. Essa de hoje não vou esquecer nunca mais. Meu Deus, tenha piedade de nós.

- Você não viu nada do que o ser humano é capaz. O que ele já fez. Só o que vi aqui hoje já dá para escrever um livro.

- Não esqueça de dizer que eu estava junto com você. Eu pude presenciar o que o ser humano é capaz de fazer.

- Pode deixar, campeão, que você será lembrado por todos. Eu também. Pelos que gostam e pelos que não gostam. Ninguém consegue agradar a todos. Não é mesmo grande craque Jomário?

- Eu que o diga!

Como podia acontecer tantas coisas ao mesmo tempo com o grande craque de futebol? Em apenas uma semana ele descobre, de uma só vez, que a mulher que ele sempre quis, estava procurando por ele para dizer que o amava. No mesmo dia descobre que essa mesma mulher está morta. Dias depois vai a um lugar e descobre que aquela mulher, que ele sempre amou, pertencia àquela família onde aconteceu a grande tragédia humana. Tantas coisas horríveis e desagradáveis mexiam com os sentimentos de qualquer um. O Baixinho artilheiro ficou dias chateado e muito triste. Foi cortado injustamente da Seleção de Futebol, que passou a só dar vexames e quase não vai para a copa do mundo. Mas ele levantou a cabeça e deu a volta por cima. Ele sabia que tudo que acontecia ao seu redor não era por sua culpa e sim por forças alheias ao seu mundo. Seu amigo escritor, que era seu ídolo, sempre lhe escrevia mensagens de ânimo e força. O Baixinho respondia todas as mensagens e pedia conselhos. Seu mestre atendia os pedidos do craque prontamente. O Baixinho fez uma grande doação para a Ong do escritor solitário que vivia perto de suas onças pintadas. O escritor voltou para seu mundo no meio da natureza, longe dos seres humanos complicados. Longe das loucuras cometidas pelos humanos insanos. Sua única preocupação era escrever seus livros e cuidar das suas onças em extinção. Agora ele tinha um lugar tranquilo para ir: a fazenda do seu amigo JK. Como ele morava no Oeste do Paraná e próximo da divisa com o Mato Grosso do Sul, agora ficava mais fácil para ele ir visitar seu grande amigo e admirador JK e suas lindas e simpáticas namoradas.

CAPÍTULO ONZE

JK e suas duas lindas namoradas-esposas começaram vida nova na Fazenda. JK enterrou para sempre seus segredos e nunca mais se lembraria deles. Agora tinha a vida que sempre sonhou. Viver no meio da natureza sem nenhum tipo de preocupação e mistério. Era um pacato fazendeiro e feliz ao lado das duas mulheres que amava e era amado igualmente

por ambas. Ele trabalhava junto com seus peões e não fugia de nenhum tipo de trabalho. Fazia tudo com muito prazer e felicidade. Fazia tudo como terapia para curar qualquer resquício de estresse herdado da cidade grande paranóica. Pescar nos rios de sua fazenda e em outros rios era o que ele mais gostava de fazer, além de correr atrás de boi a cavalo. Depois de um dia de trabalho junto com seus empregados, ele voltava para casa feliz da vida ao encontro de suas duas paixões. Suas duas lindas esposas. Elas cuidavam da pousada e da casa com a ajuda das empregadas. A família de JK agora vivia em harmonia e muito unida num lugar mágico e verdadeiramente encantado. As lindas e grandes araras selvagens de várias cores e tantos outros tipos de pássaros e animais do pantanal vinham comer restos de alimentos deixados para eles na porta da pousada. Os hóspedes que passavam por lá adoravam presenciar o espetáculo.

Em São Paulo o arquiteto levava sua vida arrastada entre a selva de pedra cheia de humanos de corações de pedras e mistérios, como o mendigo-pensador da praça da sinfonia, que nunca mais viu o amigo misterioso das tardes de concertos de sinos, e o Sítio Encantado. Cuidava de seus negócios de dia e dormia no sítio, no meio da natureza e dos detentos perdidos e em busca de um rumo, um horizonte, um novo horizonte. Cada ser humano tem a vida que escolhe. Todos vivendo em compasso de espera. Todo mundo espera algo. O mendigo-pensador da praça da sinfonia espera o que sempre esperou: um encontro com algum desconhecido no banco da praça para comentar o que sempre presencia e ouve todos os dias. O grande concerto de sinos da Catedral da Sé. Quando encontra alguém com bom coração que lhe dê uma nota, ele faz um bom jantar à base de peito de peru e suco de goiaba. Ele conta todos os dias. Vai contando os dias que acorda e pode perambular livremente no meio da multidão de sobreviventes da grande selva de pedra. Se pudesse contar a história dessa selva de pedra completamente desumana, ou com todas as paranóias e loucuras cometidas pelos humanos que habitam a selva, ele diria que o seu mundo é muito louco e complicado. Era por isso que vivia nas ruas olhando, vivendo e analisando tudo.

Longe dali, longe do Pantanal matogrossense, longe dos lindos campos de trigais e do parque das onças pintadas; lá do outro lado do Atlântico, lá na cidade das luzes, algo muito triste está acontecendo. Alguém delira e geme de dor. Alguém está numa cama de hospital delirando. Alguém que carrega um segredo consigo para sempre. Jean-Marie Levy, o famoso pintor do quadro Oulipô, agoniza num quarto de hospital em Paris. Ele contraiu uma doença sem volta. Uma doença incurável. Seu quadro mais famoso aguarda um comprador obcecado no seu ateliê. Dez milhões de dólares. Mas o pintor não precisa de dinheiro. Ele é herdeiro de uma fortuna incalculável. Quando seus pais morrerem ele não sabe o que fará com tanto

dinheiro. Então por que será que ele quer vender seu quadro mais famoso, que ele considera sua obra prima, por dez milhões de dólares? Somente por um motivo. A imortalidade. A imortalidade através da fama. O futuro determina o presente. E o presente determina o futuro e o passado. A vida é um jogo de muitos espectadores e poucos jogadores. As crenças servem como bússolas e determinam os passos de cada ser. Só é capaz aquele que acredita no que faz. O pintor só seria imortalizado se seu quadro fosse vendido por uma fábula, por uma fortuna. Por dez milhões de dólares. Van Gogh nunca vendeu um quadro em vida e foi imortalizado. Mas isso só aconteceu porque seus quadros eram bons e ele virou um mito morto. Somente um de seus inúmeros quadros foi vendido por vinte milhões de dólares, mais de cem anos após sua morte. Ele nunca acreditou nisso. Levy seria imortalizado um dia. Mas sonhava com a imortalidade em vida. Isso é impossível para frágeis mortais. Ele morreria conhecido por seu quadro mais famoso que a crítica elegera como o quadro do século XXI. Ele morreria feliz por ter pintado o quadro e ressuscitado a pintura mais de um século depois dos últimos grandes pintores. Mas morreria desencantado com os seres humanos do seu século. Seu quadro ainda não fora vendido pelo valor que ele valia. Dez milhões de dólares. Um dia ele seria vendido por esse valor. Mas já seria tarde demais.

Um ano depois que JK e suas namoradas-esposas se refugiaram no paraíso ecológico da fazenda no Pantanal, eles receberam uma visita. O arquiteto amigo e cunhado de JK e uma linda mulher de uns vinte e oito anos foram visitar as irmãs e o cunhado. A visita foi uma surpresa para todos. Em um ano eles se viram apenas uma vez quando o ex-advogado e suas namoradas foram a São Paulo visitar o arquiteto. Mas ninguém aguardava a visita inesperada. Todos ficaram felizes com o encontro. JK foi o primeiro a encontrar o arquiteto.

- Quem está vivo sempre aparece! Que bom vê-lo novamente, meu caro amigo e cunhado.

- Obrigado, JK. Como vai a vida de fazendeiro? Parece que está mais saudável?

- A vida no campo é mais saudável e faz bem para a alma. Que bom te ver por aqui. Como conseguiu autorização para viajar? Bom comportamento?

- O Dr. Joshua entrou com um pedido de relaxamento da pena por bom comportamento e trabalho voluntário prestado. Já cumpri a metade da pena e faço um trabalho voluntário importante com os demais detentos. O juiz aceitou o pedido e eu não preciso dormir mais no Sítio Encantado. Só continuar fazendo o trabalho voluntário nos finais de semana. Estou livre, meu caro JK. Não fosse a habilidade do Dr. Joshua, eu não estaria aqui. Ele pediu uma autorização para eu viajar durante uma semana. Aproveitei para tirar férias e vir conhecer o Pantanal que encantou minhas irmãs e meu amigo misterioso. Aproveitei para

trazer minha namorada que conheci fazendo trabalho voluntário no Sítio Encantado. Ela é médica e já estamos morando juntos. Jennifer, esse aqui é o meu amigo que te falei.

- Muito prazer. O Jamil tem falado muito de você. Eu estava curiosa para conhecer todos vocês. Minhas cunhadas e meu concunhado.

- Sejam bem vindos. Minhas meninas estão na pousada. Vamos hospedar vocês na melhor suíte. Vamos. Elas vão ficar muito felizes com a surpresa.

- Mas que maravilha que é isso aqui. JK, você não está precisando de um assistente? Se estiver é só falar que venho correndo morar aqui. - Disse o arquiteto em tom de brincadeira. Mas no fundo o que ele queria era o que todo mundo que morava numa selva de pedra perigosa queria. Ir morar numa fazenda e viver o resto da vida sem se preocupar com nada. Apenas viver feliz para sempre.

- Janaína. Olha ali quem acabou de chegar. - Disse minha linda princesa Janete, ao nos ver entrando na pousada.

- Jamil, querido! Que bom te ver! Que bons ventos o traz aqui? - perguntou Janete já abraçando o irmão.

- São os ventos do sul. Preferi fazer uma grande surpresa para todos vocês e aproveitei para trazer alguém que está me fazendo muito feliz. Essa é minha namorada e companheira, Dra. Jennifer. Meu amor, essas são minhas irmãs do coração. Foram elas que me ajudaram a erguer meu pequeno império de livros. - Disse o arquiteto abraçando e beijando suas irmãs.

- Muito prazer em conhecê-las. O Jamil nunca pára de falar das irmãs e do amigo e cunhado que tem. Eu estava super curiosa para conhecer todo mundo. Finalmente pudemos vir.

- Que bom que vocês apareceram. Agora vamos poder passar uns dias juntos. Não esperávamos a surpresa. Vamos poder comemorar o encontro com muita festa. O JK vai mostrar tudo para vocês enquanto preparamos o banquete e a festa. Vocês vão adorar tudo, a fazenda, os peões e empregados, que são todos amigos nossos e o mais importante: o paraíso que nos cerca por todos os lados.

- Deixa comigo. Vamos, meu caro amigo. Venha. Vou te dar um par de botas e um chapéu. Uma semana de fazendeiro aqui e você não volta mais para Sampa. Como vai a cidade mais cruel e poluída do Brasil?

- Esquece. Estou no Éden. No Paraíso e não quero lembrar do inferno. Quero curtir a beleza deste lugar. - Disse o arquiteto pegando o chapéu que estava na cabeça de JK.

- Quando eu morava em Sampa, a cidade mais misteriosa que já conheci, ficava morrendo de inveja do meu amigo escritor que procurava somente lugares calmos e

sossegados para morar e escrever seus livros. Ele sempre gostou de morar no meio da natureza para escrever seus livros em paz. Mas hoje sei o que é viver longe de qualquer barulho e poluição.

- E seu amigo Long Hair, por onde ele anda? Ele já veio aqui te visitar? Eu li dois livros dele. O cara é bom mesmo. Adorei seus livros. É dos melhores, mas como escritor não é valorizado nesse país, pouca gente conhece sua obra. Mas ele chega lá ainda. Pode apostar.

- Duas vezes. Ele mora junto ao Parque do Iguaçu. Comprou um sítio às margens do parque e fica lá protegendo as onças pintadas de serem totalmente extintas por caçadores predadores e sem nenhum escrúpulo. Quando eu e as meninas queremos dar um passeio, enchemos uma grande caixa de isopor de peixes e frutas e vamos levar para ele. Passamos o dia lá e voltamos à noitinha. São apenas seis horas de viagem de carro.

- Você leu o último livro dele sobre uma tragédia humana que aconteceu numa cobertura no Rio de Janeiro? É uma estória muito triste sobre uma família rica que deixou apenas uma herdeira de oito anos. O livro já foi vendido para o cinema. Até aquele jogador de futebol Baixinho da Seleção Brasileira entrou na estória. Eu li e gostei muito. A crítica considerou um dos melhores livros do ano.

- Claro que já li. O livro já foi traduzido para cinco idiomas. Pena que seus compatriotas não dão o valor que ele merece. Coisas de país subdesenvolvido, meu caro arquiteto. Por falar nisso, e você? Quando é que vai começar a escrever o livro contando os seus mistérios e segredos? Quando começar, me avise que quero sugerir um título para sua obra.

- Nunca vou me meter numa área onde não é a minha. Deixo isso por conta do Long Hair que tem habilidade com as palavras e é sensível com os sentimentos humanos. Mas só por curiosidade. Qual é o título que você gostaria de sugerir?

- Deixa pra lá. É devaneio meu. Nem tenho título nenhum.

- Ser humano! Sempre o mesmo. Misterioso.

O casal ficou uma semana na fazenda e Pousada Ararinha Azul. Eles se encantaram com tudo. Com os bois de corte, que eram o divertimento de JK. Se encantaram com os rios limpos e cheios de peixes que havia por todos os lados. O arquiteto e sua noiva pescaram muitos peixes para levar para São Paulo. JK disse para o cunhado que queria doar um boi para os presos do Sítio Encantado. Mas como não podia levar, ele ia sugerir para a direção do presídio a doação. Se eles quisessem buscar o boi, a doação estava garantida. A noiva do arquiteto gostou tanto do lugar que ia tentar convencer o arquiteto a ir visitar as irmãs e o

cunhado muitas vezes por ano. A semana terminou e o casal teve que voltar para o inferno da cidade poluída.. Prometeram que não demorariam para retornar ao paraíso ecológico.

Uma semana depois que o arquiteto e sua noiva voltaram para São Paulo, JK foi até a capital do seu novo Estado, Campo Grande, comprar vacina para seu rebanho de gado e quando passava pbr uma banca de jornal, viu uma foto conhecida na capa de uma revista de informação, a maior do país, Veja. Parou para olhar e teve um grande choque. “Morre de Aids em Paris o maior pintor brasileiro”. Morto? O pintor do quadro Oulipô morto? De Aids? “Tripas de carneiro?” JK só ficou pensando nisso. “Tripas de carneiro?”. Imagine só o que o destino pode aprontar? Morto o maior pintor do país. Agora os segredos de JK foram enterrados para sempre. Nem a polícia e nem mais ninguém saberá, se não há vítimas, não há crimes, o que aconteceu para o grande pintor, agora morto, criar sua obra prima. Se antes era certo de que ninguém descobriria os segredos do artista e de quem lhe proporcionou a concentração necessária para a criação e conclusão do quadro que o deixou famoso para sempre. Ele não conseguiu a imortalidade em vida, mas conseguiria como todos os pintores e artistas famosos. Conseguiria depois de morto. JK ficou pasmo. Ele nunca desejou a morte de ninguém. Muito menos de um artista. Mas essa notícia chocou e mexeu muito com JK. Ele ficou imaginando e rindo da situação que aconteceu no Sítio, no ateliê improvisado na adega do sítio onde o grande pintor sugeriu que ele, o seqüestrador, matasse um carneiro, tirasse as tripas do animal, como os monarcas da idade média faziam, para usar como uma espécie de “condon” preservativo para eles fazerem sexo anal. JK riu da cena ridícula. Riu por estar salvo. Se ele tivesse aceito a sugestão do pintor homossexual, provavelmente ele estaria morto também. Pois o vírus da Aids teria sido transmitido igualmente através do sangue do carneiro. Na idade média não existia Aids. Voltou rindo para sua fazenda e pensando no que pretendia fazer para o grande pintor conseguir o que tanto desejou: a imortalidade.

Algo muito importante tinha acontecido na vida de JK. Ele sempre se considerou uma pessoa honesta, educada e pacata. Agora mais do que nunca seus segredos e mistérios lhe davam sintomas de uma pessoa livre de qualquer pesadelo ou fantasma. Ele estava livre de um pesadelo e segredo que carregava consigo mesmo para sempre. Agora, mais do que nunca se sentia aliviado. Se antes ele vivia tranqüilo em seu novo habitat, na companhia de suas adoráveis e apaixonadas esposas, agora ele era livre para ir e vir para qualquer lugar sem cisma ou medo. Poderia ir a Paris usando o seu passaporte verdadeiro ao lado de suas lindas esposas. Agora ele poderia ir onde bem entendesse e tivesse vontade. Nenhum mistério ou fantasma cruzaria seu caminho. Quem no mundo poderia fazer-lhe uma acusação qualquer? Nem seu melhor amigo, o escritor das onças pintadas ficou sabendo o que aconteceu para JK

conseguir a doação para a Ong Amigos da Onça Pintada. Se era uma doação, seja lá como for que ela apareceu na conta da Ong, era uma doação e não chamaria a atenção de ninguém. Nem da polícia. O pintor semita teve o cuidado de escrever no verso do cheque que o valor em reais era uma doação espontânea para uma boa ação. Não interessava se o valor era alto. Tudo estava sepultado junto com a memória do grande pintor para sempre. Agora restava a última cartada. A imortalidade do grande artista criador do quadro com a palavra chave que o mendigo-pensador achou em algum lugar e deu para JK colocar numa obra de arte. Mesmo que fosse uma obra de arte criada por outro artista. JK seguiu o conselho do mendigo com todo o cuidado do mundo. Agora só restava a promessa e desejo do grande artista. A imortalidade. E ele a teria.

JK comprou a revista *Veja* e a levou para casa mas não comentou nada com ninguém. Jogou a revista sobre a mesa de estar da pousada e continuou sua rotina normalmente. Suas esposas viram a revista e até deram uma folheada mas nem imaginavam que mistérios estavam por trás de tudo. Quinze dias depois JK perguntou para suas queridas esposas se elas conheciam Paris. Elas disseram que não.

- O que vocês acham de uma lua-de-mel em Paris? – Perguntou JK.

- JK, você é um amor de pessoa. É por isso que conseguiu encontrar duas mulheres que te amam ao mesmo tempo. Você ainda pergunta se queremos uma lua-de-mel em Paris? Nós já tínhamos pensado nisso antes. Só estávamos esperando o momento certo para sugerirmos. Nós te amamos como nunca. E vamos te amar para o restos de nossas vidas, não é mesmo, minha querida irmã, Janaína? - Falou Janete, nos abraçando os três juntos.

- Então comecem a preparar nossa viagem. Quero levar vocês onde eu estudei por mais de cinco anos. Dos vinte e dois, quando me formei em Direito no Largo São Francisco pela Universidade de São Paulo, até os vinte e sete, quando terminei o doutorado em Direito Internacional. Quero levar vocês a todos os lugares onde fui em Paris. Quero comprar um quadro qualquer em Paris para trazer para o Brasil. Quando vocês querem partir?

- Daqui uma semana. Até lá nós colocamos todas as coisas em ordem e podemos partir tranqüilos para um mês na Europa. Finalmente nós vamos poder conhecer a Europa. Sempre fomos loucas para conhecermos o velho mundo. Não vejo a hora de embarcar. - Disse minha linda Janaína morena encantadora que tinha enfeitado meu coração frágil de homem misterioso.

- Amanhã mesmo vou à cidade comprar as passagens e fazer reservas de hotel em Paris. Partiremos daqui a uma semana. Até lá checo todos os trabalhos que precisam ser feitos nos próximos trinta dias. Deixo tudo por conta do capataz. O contador da fazenda e da

pousada se encarrega do resto. Vamos deixar tudo por conta dos empregados e vamos viajar tranquilos.

- Vou ligar para nosso irmão e avisar que estamos indo viajar. Ele pode querer alguma coisa de Paris. - Disse Janete.

- Diga que eu mande lembranças. - Falei.

Preparamos a viagem durante uma semana. Minhas namoradas-esposas estavam muito felizes. Eu também. Finalmente, depois de tantas aventuras que fiz, indo a Paris clandestino e com identidade trocada, eu podia ir visitar a minha linda Paris de tantas histórias e saudades. Agora eu era um cidadão livre. Mesmo com duas namoradas, uma coisa meio fora dos padrões da sociedade ocidental. Eu chegava em qualquer lugar e apresentava minhas namoradas e as pessoas tinham reações diversas. Um entendiam facilmente e logo se acostumavam com a idéia de um homem ter duas namoradas ou esposas ao mesmo tempo e juntas. Mas outras pessoas ficavam imaginando coisas não muito agradáveis. Eu não me importava com nenhum tipo de reação. Aceitava todas. Eu não tinha que ser igual a todos. Agir como todos. Seguir qualquer norma, ideologia ou cultura. Eu sempre procurei seguir meus próprios pensamentos e fazer, criar minha própria ideologia e leis. Finalmente Paris livre. A liberdade que sempre sonhei. A minha própria justiça. A minha justiça. Não as leis e justiças injustas dos homens. Minha Paris intocável. Ao lado das minhas duas princesas. Minhas namoradas. Minhas lindas amantes. Minhas eternas esposas. Janaína e Janete. Minhas Jana e Janete. Eu era o homem mais feliz do mundo. Será que havia alguém mais feliz do que eu em qualquer canto do mundo? Ah, eu acho que não. Será que o meu velho mestre, o mendigo filósofo e misterioso era mais feliz do que eu, em seu mundo de mistérios? Será?

Chegamos em Paris numa terça-feira de manhã. O tempo estava bom. Fazia sol e estava meio nublado. No aeroporto vimos o guarda de pé da escada rolante sendo gentil com todos os passageiros que chegavam e se dirigiam a ele e davam-lhe beijinhos no rosto. Tanto mulheres, crianças e até homens adultos. Fomos direto para o Hotel Ritz, no centro da cidade. No táxi, minhas namoradas ficaram encantadas com tudo que viam. Nossa primeira noite em Paris foi num grande concerto musical. Uma apresentação da Orquestra Sinfônica de Paris no Teatro Municipal. Eu já tinha assistido outras vezes o mesmo concerto, mas minhas meninas não. Elas adoraram. Voltamos para o Ritz extasiados. Depois fomos para os cafés da cidade. Fomos a muitos. Lua-de-mel a três. Os franceses inventaram a homenagem a três. Como eu tinha vivido muitos anos em Paris, acabei importando a idéia e a colocado em prática no meu país. Andávamos sempre de mãos dadas. Eu sempre as protegia com meus braços e mãos.

Nos cafés, beijava uma como a outra na frente de todo mundo. Ninguém se importava ou deixava de se importar conosco. Tudo corria normal.

No dia seguinte convidei minhas namoradas para visitarmos museus e ateliês de arte. Elas poderiam comprar o que bem tivessem vontade. Eu iria comprar um quadro. Um quadro que realmente me interessasse. Visitamos muitos museus e ateliês de pintura. Conhecemos muitos pintores. Muitos artistas de vários seguimentos e estilos de arte. Nunca perguntava se conheciam algum pintor franco-brasileiro. Mas eu sabia onde era o ateliê de um pintor especial. Um pintor famoso. Pegamos o metrô aleatoriamente e fomos para lá. Conteí cinco estações e desci. Andei observando tudo e finalmente disse para minhas namoradas, quando passava bem na porta do ateliê.

- Olham, minhas queridas. Um ateliê de um artista brasileiro. Vamos entrar?

- Ah, vamos sim! Vamos dar uma olhada e ver se gostamos de algum quadro. Quem sabe levamos um quadro de um brasileiro que vive, ganha a vida em Paris. - Disse Janaína, já entrando no ateliê-galeria. Uma recepcionista nos atendeu em francês. Eu disse que só estávamos dando uma olhada. Eu não perguntei nada. Olhava tudo com muita curiosidade. Todos os quadros tinham preços. Variavam de mil a dois mil Francos franceses. Menos de mil dólares cada. Olhei quadro por quadro. Mas eu procurava um quadro especial. Finalmente ele estava lá. Dei uma parada ligeira na frente dele e segui em frente analisando os outros. A etiqueta ao lado do quadro dizia: “Oulipô”. Dois mil Francos. Menos de mil dólares. Meu Deus! Pensei. A imortalidade do meu amigo custava menos de mil dólares! Tripas de carneiro!? Está bom. Continuei analisando todos os quadros. Se minhas namoradas gostassem de outro quadro e quisessem comprar o quadro de suas preferências, teríamos que comprar dois quadros do mesmo artista. Elas olharam todos os quadros. Quando chegaram no meu quadro, elas pararam e ficaram observando e analisando com mais detalhes e demora. Foram em frente. Quando elas terminaram, eu perguntei:

- Qual? Qual vamos levar? Pelo menos um eu vou levar. Vamos ver se é o mesmo que vocês escolheram. Quero ver se vocês conseguem acertar e dizer qual é meu quadro.

- Nós gostamos mais deste aqui. — E apontaram para o quadro.

- Pede para a vendedora embrulhar com muito cuidado para viagem longa de avião. - Peguei o Diners Club e fui ao caixa pagar. Finalmente ele estava de volta e salvo. A imortalidade do pintor-escravo estava garantida. Era apenas questão de tempo. Paguei o quadro e aguardamos o empacotamento ficar pronto. Peguei o quadro com o maior carinho do mundo e fomos para o hotel de táxi.

- Diga, minhas queridas. Por que vocês escolheram esse quadro, entre tantos que tinham lá?

- Porque adivinhamos o seu gosto. Acertamos em cheio, na mosca, o seu gosto. Entendeu agora, por que somos apaixonadas por você?

- Mas e se não for esse o quadro que eu tinha escolhido e eu o comprei só para fazer o gosto de vocês?

- Esquece, querido. Nós nunca erramos. Se uma errar, a outra acerta. E nós duas acertamos. Quer saber por que nós acertamos? Acertamos no mesmo quadro? O que mais gostamos foi o mesmo que você gostou e compraria. Sabe porquê?

- Por quê?

- Porque se não fosse o mesmo quadro, você teria comprado os dois. O nosso, para nos dar de presente e o seu, pelo prazer de ter o seu quadro preferido.

- Vocês são perfeitas. Maravilhosas. Acertei na mosca. Vocês nunca me decepcionam. Eu amo vocês loucamente.

- Nós também. E te amamos mais loucamente ainda porque somos duas. Irmãs gêmeas, ainda por cima. Isso soa para nós como algo anormal. E gostamos de coisas fora do normal.

- Eu também. - Respondi.

O quadro da imortalidade estava salvo. A imortalidade do pintor-escravo estava salva. Agora precisava fazê-la acontecer. Do hotel liguei para o Le Monde e pedi uma lista dos marchands e leiloeiros mais famosos de Paris. Liguei para todos e perguntei quanto valia um quadro de Jean-Marie Levy. Ninguém soube responder. Eu disse que tinha o seu melhor quadro e que queria dez milhões de dólares e que o quadro seria leiloado. Deixei o telefone do hotel e aguardei contato. No dia seguinte a manchete de capa do Le Monde era sobre o quadro. Disseram meu nome como sendo o proprietário do quadro mais valioso do pintor judeu morto recentemente. O nome do pintor tomou conta de todos os jornais e telenotícias. De uma hora para outra o hotel tinha se transformado num set de filmagens e eu e minhas namoradas tínhamos nos transformados em popularidades notórias. Entrevistas. Casualidade. Três turistas brasileiros passando férias em Paris. Achamos um quadro diferente e compramos. Mas o nome do pintor desconhecido para nós, chamou nossa atenção. Decidi ligar para os marchands e leiloeiros e perguntar o preço e dizer que eu tinha o melhor quadro do artista franco-brasileiro judeu e que queria dez milhões de dólares por ele. O quadro iria a leilão.

Depois dessa notícia por telefone e deixar meu nome e número do hotel, viramos super-stars em segundos. Tive que brincar com minhas namoradas.

- Viram só no que vocês nos meteram? Só por causa do quadro que vocês escolheram, nós ficamos famosos no mundo inteiro. Gostaram dessa, minhas queridas?

- Mas não somos deslumbradas com a fama. A fama só é boa quando acontece de surpresa e por uma coisa boa como está acontecendo conosco. Nós escolhemos um quadro que era mesmo para ser famoso um dia. E nós demos fama a ele. Aposto que quando o artista souber, se ele ainda for vivo, que seu quadro ficou famoso, ele ficará feliz. - Disse Janete, quase profetizando.

- Não vamos nos preocupar com fama. Ela só vai immortalizar o artista que pintou o quadro. Nós não precisamos de fama. Em um mês voltamos para nosso refúgio no meio da natureza e viveremos felizes para sempre. Tudo isso que está acontecendo agora é porque foi predestinado para acontecer. Uma curiosidade de descobrir o valor de um quadro de um pintor que nem sabemos quem e se é vivo ou morto, fez com que o destino desse artista, a sua imortalidade estivesse em nossas mãos - Eu disse.

- Mas se isso era para acontecer, ainda bem que aconteceu conosco Afinal, nós atraímos os artistas, pois somos sensíveis às artes em geral - Disse minha princesa persa Janete.

- Gente! Acabei de me lembrar de uma coisa Quem de vocês duas viu ou folheou uma revista que comprei algumas semanas atrás, quando fui comprar vacina para o gado? Eu não li nada So pedi uma Veja da semana Paguei e joguei dentro do carro Não sei quem tirou as coisas do carro. Mas tenho quase certeza de que a capa da revista tinha um pintor famoso. Será que não é esse mesmo? Se for, será muita coincidência Vocês não acham?

- Eu me lembro dessa revista sim. Dei umas folheadas. E a matéria de capa era com um pintor famoso sim. Era nome francês. Se for o mesmo nós deixamos de conhecer um pintor famoso no Brasil para conhecê-lo anonimamente. Comprar seu quadro sem saber quem era e transformá-lo numa celebridade mundial com seu quadro mais famoso. O quadro Oulipô. - Disse Janaína.

O leilão com nosso quadro foi marcado para dentro de quinze dias no leiloeiro mais conceituado de Paris. A mídia divulgou o evento como sendo o "Leilão do ano". Veio gente, colecionadores e empresas, interessados na compra do quadro que tinha virado mídia, sido mídia no mundo inteiro. A televisão brasileira veio nos entrevistar. Eu deixava tudo por conta de minhas namoradas. Elas diziam para a imprensa que eram minhas namoradas e noivas. Compramos anéis de noivados na loja de jóias do hotel e passamos a usar para confundir a

curiosidade de todo mundo. Elas respondiam todas as perguntas dos repórteres com grande desenvoltura. Pareciam duas Relações Públicas de um descobridor de um grande tesouro da humanidade. Lembrei-me da família do grande pintor-escravo Jacob Levy. Sem herdeiros. Seu único filho e herdeiro morrera e deixara todos tristes. Agora sua obra estava sendo leiloada postumamente. O destino quis assim. Ele ficaria famoso, como sempre sonhou, mesmo depois de sua morte. Seu grande quadro, descoberto acidentalmente por um fazendeiro e dono de pousada no Pantanal brasileiro, acabava de ser imortalizado pela humanidade. Ele estava muito feliz por ver o sonho de seu filho ser realizado. Ele acompanhou toda a notícia do leilão do quadro. Enviou um emissário do seu Banco para acompanhar o leilão e fazer lances até atingir os dez milhões iniciais para valorizar o quadro mais ainda. Se ninguém cobrisse o lance de dez milhões de dólares, o proprietário do quadro seria o Banco de propriedade da família do pintor. O Leilão começou. O salão nobre estava lotado. Eu e minhas noivas estávamos em trajes de gala. Animadíssimos. Como eu era o proprietário do quadro leiloado, fui convidado a ficar, com minhas noivas, na primeira fileira de poltronas quase em frente o leiloeiro que não parava de falar o nome do quadro e o seu autor. A televisão mostrava o leilão ao vivo. Eu e minhas namoradas fomos as estrelas da festa. Toda hora tinha jornalista querendo nos entrevistar. Mas eu aguardava o final do leilão para comemorar com minhas noivas o resultado da nossa viagem. O lance inicial foi de um milhão de dólares. O leiloeiro abriu o leilão em um milhão de dólares e um comprador levantou a mão e fez sinal com dois dedos estendidos. Dois milhões de dólares ali, gritou o leiloeiro. Outro senhor levantou o braço e fez sinal de três dedos. Três milhões de dólares ali para o cavalheiro. O leiloeiro repetiu o lance duas vezes. Um senhor baixo e magro, de óculos redondo e de terno preto, se levantou e estendeu a mão aberta e gritou bem alto: “cinco milhões de dólares”. Todo mundo voltou-se para trás. O leiloeiro repetiu o lance e disse que o clima estava esquentando. Uma senhora meio gorda e com cara de espanhola levantou as duas mãos e fez sinal de seis, sinalizando seis dedos. Um japonês de terno azul-escuro levantou uma folha de papel sulfite com o número seis ponto cinco, feito com um pincel atômico. O leiloeiro repetiu o valor e olhava para mim e para a câmera de TV que estava à sua frente. O mesmo senhor de óculos redondo se levantou e fez sinal de oito, com os dedos. O japonês virou a folha e mandou oito ponto cinco. O clima no salão nobre era de grande expectativa. Todo mundo em absoluto silêncio. O quadro Oulipô do pintor escravo já tinha batido o recorde de muitos pintores famosos e de grandes nomes da pintura mundial. Eujá estava satisfeito com a brincadeira. O destino e os mistérios do mundo, dos seres humanos já tinham ultrapassados todas as expectativas. A imortalidade do grande artista

escravo já tinha se concretizada. O leiloeiro repetiu o lance e fez gestos de que o quadro iria para o Japão. Mas antes que ele batesse o martelo, o senhor de terno preto e óculos redondo levantou-se e abriu as duas mãos estendidas. Todo mundo se voltou para ele. Dez dedos estendidos. Dez milhões de dólares. Será, meu Deus? Pensei. Um quadro totalmente desconhecido vendido num leilão por dez milhões de dólares. Quando todo mundo achava que o quadro ficaria com o senhor de óculos redondo, o senhor japonês levantou uma folha com um número desenhado: 10.5. o leiloeiro repetiu o valor. Dez milhões e meio de dólares. Repetiu o valor duas vezes e perguntou quem daria mais. Antes de bater o martelo, olhou para mim, virou para a câmera de TV e disse com convicção: “O quadro Oulipô do grande pintor Levy parece que vai mesmo para o Japão. Ninguém mais? Então vendido para o cavalheiro oriental”. Bateu o martelo e a imprensa correu para cima do japonês que tinha acabado de imortalizar o pintor franco-brasileiro que acabava de realizar uma profecia traçada por um mendigo filósofo maluco que conheci na praça do meu costumeiro concerto sinfônico de sinos da Catedral da Sé. Dez milhões e meio de dólares!

CAPÍTULO DOZE

Aguardamos em uma sala de espera o cheque do leiloeiro ficar pronto. Minhas namoradas estavam eufóricas com tudo que tinha acabado de acontecer. Parecia um conto de fadas. Elas nem acreditavam no que estava acontecendo conosco. Descontados a taxa do leiloeiro e o imposto do governo francês, nós levaríamos dez milhões de dólares para casa. O cheque ficou pronto. Assinamos todos os recibos, pegamos as guias de impostos pagos ao fisco e nosso cheque e fomos comemorar no hotel. Hoje o porre de champanhe francesa seria dos grandes. Passamos numa agência do Banco do Brasil e depositamos o cheque. Voltamos para o Ritz. A festa ia começar. Minhas namoradas só falavam uma coisa: “meu Deus, que loucura!”. Eu só ria o tempo todo. Ria de tudo. Parecia que estava totalmente ébrio e abobado. Eu abraçava e apertava minhas namoradas com força. Elas me beijavam e me mordiam em plena rua. Paris seria pequena para nós três. Ninguém podia imaginar o que tinha acontecido. Eu acabava de cumprir uma promessa. Tinha dado ao pintor-escravo o que havia prometido. A imortalidade. Seu quadro mais famoso acabara de ser vendido por dez milhões de dólares. O preço que ele valia. Raríssimos quadros tinham alcançado tal cifra. Agora eu estava em paz comigo e com meu escravo-pintor que não chegou a viver para ver sua imortalidade. Agora só faltava uma visita ao mendigo para ver se o “homem do dia primeiro” já tinha aparecido ou se ia aparecer. A festa com minhas namoradas.

- Gostaram, meninas, do que vocês inventaram? Toda essa loucura tem o dedo de vocês.

- Nosso dedo? Só por que nós tivemos o bom gosto de escolher o mesmo quadro que você escolheu antes? - Perguntou minha adorável Janaína.

- Mas quem orquestrou e regeu o espetáculo foi você, querido. Todos os louros da fama pertencem a você que foi o maestro do show.

- Eu? Por que eu? Só comprei o quadro que nós três gostamos e liguei para um jornal para saber quanto valia um quadro desconhecido de um pintor quase desconhecido. Isso se chama mistério. Mistérios da metafísica. Mas deixa os mistérios pra lá e vamos comemorar. Temos muito tempo ainda para comemorar a façanha de hércules. Daqui para frente nossas vidas estão cruzadas para sempre. Temos dez milhões de dólares para gastar e dividir em três partes iguais. Vocês acreditam em dia de sorte?

- Eu acredito. Hoje foi nosso dia. - Respondeu a bela Janaína.

- Eu também acredito. Todos os dias são meus dias de sorte. Mas há dias em que a sorte vem sorrindo ao meu encontro. O dia em que te conheci foi meu grande dia de sorte. Hoje também. - Respondeu a encantadora Janete.

- Meu maior dia de sorte foi o dia que nasci. Depois, quando entrei na loja de livros onde vocês trabalhavam. Hoje foi apenas mais um desses dias. Hoje foi a redenção. A consagração. O dia de hoje ficará marcado para nós três como o dia em que fomos atores de um lindo filme de arte e amor. Colaboramos para a consagração de um grande artista. Compramos um quadro para levá-lo para o Brasil e ele foi parar na terra do Sol nascente e nós engordamos nossa conta bancária em dez milhões de dólares. Sabe o que vamos fazer agora?

- O quê? - Perguntaram as duas juntas.

- Antes de começar nossa festa particular para comemorar nossa façanha, vamos voltar ao ateliê do grande mestre e vamos comprar dois quadros do mesmo artista. Eu escolho um e vocês escolhem outro. Combinados assim?

- Que tal cada um escolher um quadro. Podemos levar três quadros do mesmo pintor que descobrimos para o mundo. - Sugeriu uma das minhas namoradas. A Janaína.

- Vocês são quem sabe. Se querem assim. Assim será.

- Só que não vamos vender os quadros que compramos. - sentenciou minha linda Janete, beijando meu rosto com prazer.

- Nem por dez milhões de dólares. - Disse eu.

Voltamos ao ateliê-galeria do pintor famoso e escolhemos um quadro cada um. Pagamos e pedimos para entregar no Hotel Ritz. A mesma vendedora que nos atendeu antes

veio nos atender. Ela nos reconheceu e perguntou se tínhamos gostado dos quadros do pintor famoso semita. Ela não sabia ainda que tínhamos vendido o quadro que compramos antes. Minha namorada Janete fez algumas perguntas sobre o pintor e a vendedora disse que ele já havia morrido há mais de um mês. Ficamos todos em silêncio por alguns segundos. Paguei os três quadros com meu Diners Club e voltamos para o hotel. Antes de sair eu perguntei para a vendedora quem tinha colocado o preço nos quadros. Ela respondeu que fora o próprio pintor antes de morrer. Pensei no pintor-escravo pintando o quadro que lhe dera a imortalidade apenas um mês depois de sua morte. Pensei no preço do quadro. Quando ele terminou de pintar o quadro eu perguntei quanto valia seu quadro e ele não soube responder. Agora o mesmo quadro foi colocado à venda em seu ateliê-galeria em Paris pelo mesmo preço dos outros. Dos mais caros. Dois mil Francos francêss. Menos de mil dólares. E o mesmo quadro foi vendido por 10.5 milhões de dólares para uma empresa do japão. Pensei em tudo isso sem comentar nada com ninguém. Meus segredos e mistérios pertenciam somente a mim. A única outra pessoa que participou como ator dos meus segredos foi o pintor-escravo e agora ele estava morto. Ninguém mais saberia de nada. Eu já tinha decidido esquecer tudo para sempre. Apaguei tudo da mente e fomos caminhando pelas ruas de Paris abraçado com minhas duas esposas- namoradas.

Chegamos ao hotel e fomos direto para nossa suíte. Perguntei para minhas queridas namoradas se elas queriam mudar de suíte. Uma maior para comemorarmos nossa façanha. Nosso prêmio. Elas disseram que não. Preferiam aquela mesma. Pois era luxuosa e não era pequena. Champanhe francesa da melhor. Todos nós nos sentíamos como se estivéssemos chegando de um cassino com um prêmio de dez milhões de dólares no bolso. Estávamos embriagados de felicidade. De amor. Fizemos amor para comemorar. Fazer amor com minhas duas namoradas esposas era uma coisa muito especial, divina, sagrada para mim.

Passamos o resto do dia no hotel. Nós ainda tínhamos mais uma semana de férias. Aproveitamos para conhecer muitos lugares de Paris e outras cidades próximas. Pensamos em dar uma passada em Londres, mas minhas namoradas preferiram ficar em Paris. Seria muito cansativo. Elas disseram que poderíamos fazer outras viagens e incluir Londres no roteiro da próxima viagem. Fizemos tudo que tivemos vontade em Paris. Compramos tudo que gostamos e finalmente pegamos o avião de volta ao Brasil. Deixamos Paris e muitos mistérios para trás. Fizemos um balanço geral da viagem de lua-de-mel e tiramos uma conclusão de que tudo no mundo tem um preço. Nosso preço era a felicidade. A nossa felicidade e a realização de um desejo. A realização tardia da imortalidade do grande artista que sempre desejou ter seu nome na galeria dos grandes mitos da pintura. Se Édipo que era um rei e arrancou os próprios

olhos, depois de uma vida inteira de mistérios, e se transformou no mito da tragédia grega, depois de desmistificar os enigmas da esfinge, por que o grande artista não se transformaria num mito da pintura universal também?

Pegamos o avião da Air France até São Paulo. Saímos de manhã de Paris, O avião ganhava alturas e nós ganhávamos o mundo. Tínhamos assunto para comentar a viagem inteira. Antes de sair de Paris ligamos para o arquiteto ir nos esperar no aeroporto de Guarulhos. Tínhamos muitas novidades para lhe contar. Sentei no meio de minhas namoradas-esposas. As comissárias nos olhavam com olhares de curiosidade. Elas viam minhas namoradas me beijar alternadamente. Elas liam revistas e eu lia o Le Monde. Mostrei reportagens no caderno de cultura sobre o quadro leiloado e os compradores do Japão. Tinha fotos do pintor famoso e uma grande reportagem sobre ele. Eu lia em francês e contava para minhas meninas o que o jornal falava. Nossos nomes também estavam na matéria como os descobridores do grande artista. A viagem era tranqüila e um pouco cansativa. Depois do almoço todos nós tiramos uma sesta. Dormimos umas, duas ou três horas. Quando acordei minhas princesas já tinham acordado e faziam palavras cruzadas para matar o tempo. Levantei e fui ao tolete. Quando eu voltava, olhei para o passageiro que estava sentado na fileira ao nosso lado. Ele sentava na primeira poltrona do corredor bem próximo de nós. Era um rapaz branco de boa aparência, olhos castanhos e cabelos escuros. Tinha traços e gestos de francês, mas algo nele dizia que tinha alguma herança ou parentesco de brasileiro. Ele lia um livro de capa preta do grande escritor franco-argelino, Albert Camus. Quando eu o encarei, ele baixou o livro e olhou fixamente para mim. Eu não sabia se ele já tinha nos observado antes. Sua fisionomia me chamou a atenção. Vasculhei o cérebro e tentei arrancar da memória de onde eu o conhecia. Mas eu tinha certeza de que nunca o vira antes. Será que vivemos e nos conhecemos em outra vida? Só pode ser isso. Ele olhou para mim e me cumprimentou com um aceno de cabeça. Respondi com o mesmo gesto e disse em francês “tudo bem?”. A curiosidade aumentava dos dois lados. Tudo bem que eu tinha acabado de sair de Paris como uma celebridade. Concedido entrevista a vários canais de TV e minha foto saído em vários jornais. Cheguei a ser reconhecido em alguns lugares em Paris, depois de ter descoberto um quadro e o vendido num leilão. Mesmo assim, era eu quem estava imaginando se já conhecia aquele rosto estranho. Sentei no meio de minhas amadas e comentei com elas sobre o rapaz. Ele continuou lendo seu livro e não olhou mais para mim. Mesmo assim a curiosidade persistia. Há momentos em nossas vidas que a curiosidade aguça nossa mente e só ficamos sossegados quando desvendamos o desconhecido, nem que seja para satisfazer nosso ego. Pedi para minha linda Janete trocar de lugar comigo por um tempo. Sentei na poltrona do

corredor ao lado da poltrona do desconhecido suspeito. Ele percebeu minha movimentação de troca de lugar e se preparou para o que poderia acontecer. Peguei uma revista de bordo e comecei a ler. Depois de um certo tempo de desconforto, criei coragem e perguntei para o rapaz em francês:

- Você fala português?

- Não. Mas deveria saber pelo menos um pouco. - Respondeu ele com certa simpatia e uma felicidade disfarsada na fala.

- Por que gostaria de falar um pouco de português? — Perguntei.

- Meu pai é brasileiro e minha mãe era francesa.

- Entendi. Você sempre morou na França com sua mãe e nunca viveu com seu pai para aprender a língua dele.

- Mais ou menos isso. Nunca vi meu pai depois que cresci. Somente quando ele morou em Paris e estudou na Sorbonne com minha mãe. Eu era criança e não me lembro mais nem como ele era. Ele voltou para o Brasil e eu fiquei morando com minha mãe até ela morrer de acidente de barco há poucos meses.

- Agora está indo morar com seu pai no Brasil? Vai reencontrá-lo depois de muito tempo?

- É. Nós sempre nos falamos, mas somente agora vamos poder morar juntos.

- Você nunca esteve no Brasil antes?

- Não. Mas sempre fui muito curioso para conhecer a terra do meu pai.

- E a sua mãe? O que ela fazia na França antes de morrer?

- Professora de Direito Internacional na Sorbonne. Meu pai também é professor em uma universidade no Brasil. É um escravo intelectual.

- Qual é o nome do seu pai e da sua mãe?

- Meu pai se chama João Batista. E minha mãe se chamava Jusette Isabelle. E o seu qual é?

- Oh, desculpe-me. Nem me apresentei ainda. Pode me chamar de JK. E você?

- Jerry Jarret. Você é filósofo. Já estudou na Sorbonne?

- Já. Mas não sou filósofo. Sou pecuarista. Fazendeiro e dono de pousada. Toma Um presente para você. Uma semana gratuita na minha pousada. Pode levar seu pai ou uma namorada brasileira, se quiser.

- Ah, muito obrigado, JK. Vou levar meu pai para você conhecê-lo. Você vai gostar de conhecê-lo. Ele é um pesquisador social fantástico.

- Jerry; posso te contar uma grande coincidência?

- Claro que pode.

- Sabe por que travei conversa contigo?

- Não faço a mínima idéia.

- Porque eu tinha uma leve impressão de que já o conhecia. E não errei. Não te conhecia pessoalmente, mas conheci um rosto parecido com o seu. O de sua mãe. Eu a conheci pessoalmente e cheguei a conversar com ela, algumas vezes. Agora ela está morta e reconheci você através do rosto de sua mãe que foi minha colega na Sorbonne. A Julette Isabelle trabalhava no mesmo departamento onde comecei meu mestrado e depois o doutorado em Direito Internacional. Não faz muito tempo que terminei meu doutorado e voltei para o Brasil. Viu só que coincidência? Entendeu agora do que o destino é capaz?

- Nem posso acreditar numa coisa dessa. Fui reconhecido apenas por causa de minha aparência e semelhança com minha mãe que nem está mais viva. Você não sabia que ela tinha morrido?

- Não. Eu sinto muito. Isso se chama mistérios da vida que nos cerca. E o seu pai? Fale mais sobre seu pai.

- Escravo intelectual. Meu pai é um verdadeiro escravo intelectual. É professor e pesquisador social em uma universidade brasileira. Preferiu voltar para o Brasil e não quis ficar trabalhando na Sorbonne como minha mãe que estudou junto com ele. Mas eu não me incomodo com ele. Eu também estudo lá e estou indo para o Brasil passar férias. Se me adaptar bem, pretendo ficar morando com meu pai. Quero ficar ao lado dele e de sua nova família. Ele se casou no Brasil com uma linda mulher, que foi sua aluna na universidade e tem uma linda filhinha de quatro anos. Só conheço minha irmãzinha por fotos.

- Quantos anos você ficou sem ver seu pai?

- Eu estou com dezoito anos. Quando meu pai voltou para o Brasil eu tinha quatro. Portanto, faz quatorze anos que não nos vemos. Acho que ele terá um grande susto ao me ver. Estou muito curioso para chegar lá e conhecer minha nova família.

- Seu pai fala francês. Você não fala português. Como pretende conviver com sua família sem falar português?

- Meu pai vai me ensinar português em casa e eu vou entrar numa escola de português para estrangeiro. Acredito que em pouco tempo aprenderei a nova língua do meu novo país. São línguas latinas e um pouco semelhantes. Acho que não vai ser muito difícil.

- Em que cidade você vai morar no Brasil? Na mesma em que seu pai mora?

- Meu pai mora numa cidade do sul do Brasil. Ele me mandou uma foto da sua casa. E uma linda casa de pedra. Ele me disse que é a única casa de pedra da cidade. Ele vive vinte e

quatro horas por dia mergulhado no meio de livros estudando e fazendo pesquisas na área social. É um guerreiro e revolucionário das letras. Um intelectual revolucionário. Minha mãe e meu pai sempre foram de esquerda. Acho que foi por isso que eles tiveram um romance e eu estou aqui. Sou fruto de um relacionamento de estudantes revolucionários da Sorbonne que teve um desfecho marcado pelo destino ou pelo acaso. Pai brasileiro e mãe francesa. Mãe morta num acidente aquático. E filho reencontrando o pai em outro país depois de quatorze anos. Quem nasce e vive está sujeito a tudo. Tem que passar por tudo. Ninguém pode fugir do que nos foi reservado Cada um vive a vida que lhe foi reservada. É o mundo. E a história de

- E como, meu caro Jerry. Você já ouviu falar de um pintor franco-brasileiro chamado Levy?

- Já. Li algo nos jornais de que um de seus quadros ficou famoso e foi vendido em leilão por uma alta quantia. Algo em torno de dez milhões de francos ou dólares.

- Imagina só que história de vida esse cara não teve?

- Ele ainda é vivo? Parece que já morreu. E morreu ainda muito novo.

- 42 anos. Sida. A doença dos inocentes. Quando quiser ligar para bater um papinho pode ligar. Estou em casa todas as noites. Mas não esqueça de levar seu pai para tirar uma semana de férias longe dos livros. Diga isso a ele. Acho que vou gostar de conhecer toda sua família. Pode levar todo mundo para passar uma semana no meio natureza. A hospedagem na pousada é uma cortesia minha para lembrar o passado. A gente se despede quando chegarmos no Brasil. Vou deixar você lendo seu livro. E vou conversar um pouco com minhas esposas. Essas são Janaína e Janete, minhas encantadoras esposas e companheiras de todas as horas. Até mais tarde. - Terminei minha conversa com o rapaz simpático e inofensivo e voltei a me sentar no meio de minhas namoradas. Ele continuou lendo seu livro. Dei um beijo em cada uma delas e começamos nova conversa sobre nossa fazenda e tudo que havia nela.

- Meninas, sabiam que já estou com saudades do cheiro de bois e cavalos?

- Eu também estou com saudade da comida da pousada. Quero comer dourado assado quando chegar. Não vejo a hora de pôr os pés na fazenda. Até o canto e barulho das araras selvagens está me fazendo falta. - Falou Janete.

- E os empregados, como estão? Estou curiosa e com saudades para ver todo mundo. Vamos fazer uma grande festa com todo mundo. Com todos os empregados da fazenda e da pousada e com os hóspedes, para comemorar nossa chegada. Quero nadar nos rios e lagos da fazenda para matar a saudade. - Sentenciou minha morena encantadora, Janaína.

- Eu quero andar a cavalo. Pescar. Conversar com meus amigos peões e laçar boi correndo. Quero voltar a ser o que sempre quis ser. Um homem humilde e simples. Correr no meio da natureza e fazer parte dela. A natureza é minha mãe. No meio da natureza me sinto como um índio. Livre e solto. Livre de qualquer prisão e pensamentos e solto para ser feliz e fazer o que gosto e o que me der vontade de fazer. Gosto de fazer tudo que tenho vontade. Meninas, sabem por que eu escolhi vocês para amar e ser minhas eternas companheiras?

- Por quê? - Perguntaram em coro.

- Porque, além de me amarem, vocês são as duas únicas mulheres no mundo que não têm manual de instrução. Não gosto de nada complicado. Tudo no mundo tem manual de instruções. Todas as mulheres no mundo que conheço vêm com manual de instruções. Vocês duas são as únicas que não têm manual de instruções. Que não são complicadas. É por isso que amo loucamente vocês.

- Sorte nossa. E por acaso você conhece algum homem que mora, vive, é casado com duas mulheres juntos? Você também é o homem da nossa vida. É misterioso, calmo, educado, meio esquisito e um pouco incrédulo com o ser humano, mas não tem manual de instruções como a maioria das pessoas. É por isso que fazemos um trio inseparável. Se nós não fôssemos irmãs gêmeas, nós não te amaria como te amamos. Formamos um trio onde todos se amam mutuamente. Isso é muito lindo e fundamental para podermos viver em perfeita harmonia e união. - Disse Janete.

- Posso dizer uma coisa séria sobre nós? Eu acho que se eu namorasse somente uma de vocês, não conseguiria amar somente uma. Eu ficaria pensando na outra o tempo todo. É por isso que amo as duas igualmente.

- Nós sabemos disso, querido JK. E você acha que alguma de nós abriria mão de você? Ou as duas ficavam ou nenhuma ficava contigo. Nós chegamos a um acordo para que nenhuma ficasse sem você.

- Obrigado, meninas. Vocês duas salvaram minha vida. Por vocês eu faço qualquer loucura. Como eu não tenho nenhum parente, a não ser minha irmã freira que mora na Itália e nem me lembro mais dela; pois nunca mantivemos contato um com o outro, agora nós três formamos nossa família. Uma família unida e feliz. Isso chama-se destino. Vida.

- Eu te amo, JK. — Disse minha linda e encantadora morena Janaína.

- Eu também te amo, JK. - Disse minha outra morena encantadora Janete.

- E eu amo vocês duas juntas com a mesma intensidade. - Disse eu.

A viagem de volta ao Brasil foi tranqüila. Finalmente chegamos a São Paulo: Disse adeus para meu novo amiguinho que eu tinha conhecido apenas por ele se parecer com sua

mãe que fora minha colega de universidade. Ele tinha o cartão da nossa pousada com uma cortesia de uma semana de hospedagem com a nova família brasileira. Um dia ele apareceria por lá. Era certo isso. Eu gostaria muito de conhecer seu pai, o professor e filósofo, escravo intelectual de uma universidade pública brasileira. Um dia eles apareceriam. Eu podia aguardar que um dia eles apareceriam em nossa pousada.

Chegamos ao aeroporto de Cumbica e nosso anfitrião já estava lá nos esperando. Ele nos aguardava com certa ansiedade no saguão. Eu o vi primeiro nos acenando. Fui ao seu encontro e dei-lhe um abraço forte com muita saudade. Depois foi a vez de minhas companheiras abraçar o irmão. Pegamos nossas bagagens e fomos direto para seu apartamento. Meu Jeep Cherokee estava guardado na sua garagem. Ficaríamos dois dias em São Paulo e voltaríamos de carro para nossa fazenda no Mato Grosso do Sul. O começo do Pantanal. O arquiteto estava sorridente e feliz. Sua noiva estava em casa nos esperando e preparando um grande jantar. Chegamos um pouco cansados. Mas a noite seria de festa no apartamento luxuoso do meu amigo e cunhado arquiteto. Perguntei para ele, já em sua casa, como estava o Sítio Encantado. Ele respondeu que agora só ia lá aos sábados e domingos para prestar trabalho voluntário. Estava livre e levando uma vida digna de gente séria e honesta.

- E a garçoniere? Tem visitado o seu passado, sua coleção de caprichos e segredos?

- As vezes. Mas só vou lá à noite. Nem minha noiva sabe ainda da coleção de obras de arte.

- Quando ela vai saber? — Perguntei sem fazer cerimônias.

- Talvez um dia. Como vou montar uma casa com tantas obras de arte sem dizer onde consegui?

- Você é inteligente, não é?

- Sou. Por que me pergunta?

- Onde pretende montar uma casa com todos seus segredos expostos na parede?

- Estou pensando ainda. Eu e minha noiva temos feito alguns planos juntos para o futuro. Como ela e eu adoramos o Pantanal como vocês, estamos pensando em comprar uma fazenda não muito grande como a de vocês e ir morar no meio da natureza e fazer projetos arquitetônicos somente por encomenda e fazer lá na casa da fazenda. Viver e trabalhar longe de qualquer agitação e barulho de cidade grande como São Paulo. Como sou empresário e não preciso de dinheiro para viver, também não preciso trabalhar muito. Pego projetos somente que posso fazer com muita calma e tempo. Nada de correria. Nada com pressa. Pressa para quê? O trem A um dia virá ao encontro de todos mesmo. Então vamos aguardá-lo sossegado em algum lugar.

- Vamos ficar muito felizes se você e sua noiva Jennifer forem morar no Pantanal. Assim, poderemos ficar mais perto e mais tempo juntos. Posso começar a procurar uma fazendinha para você, quando eu chegar em casa?

- Pode. Vou vender uns três apartamentos, inclusive este aqui, e vou investir mais um bom dinheiro que tenho aplicado numa fazenda. Eu mesmo faço o projeto da minha casa e a construo na beira de um lindo rio numa fazenda no Pantanal. Eu nunca tinha ido ao Pantanal antes de vocês irem morar lá. Agora pretendo morar numa fazenda perto de vocês definitivamente. A Jennifer é uma médica muito competente mas está saturada de cidade grande. Quem é que não está? Ela quer fazer trabalhos sociais e voluntários, além de viver tranqüila no meio da natureza. Acho que ela pode fazer isso lá no Pantanal. Meus imóveis já estão à venda. Não será difícil vendê-los. Só não fechei negócio ainda porque queria falar com você primeiro.

- Acho que está no caminho certo. Sua vida será outra. Agora que você acertou na escolha de uma companheira e finalmente acordou e viu que a rotina de uma grande cidade pode enlouquecer e até matar qualquer um. Eu não me arrependo de ter largado tudo e ir viver no Pantanal. Isso é que é viver feliz e sossegado para sempre. Você não vê a felicidade de suas irmãs? Como era a vida delas aqui e como é agora?

- É verdade. O tempo passa e nós vamos descobrindo o que uma cidade como Sampa é capaz de enlouquecer qualquer um. Você acertou na mosca. Levar uma vida como vocês escolheram, e agora eu também descobri e vou fazer o mesmo, é a coisa que qualquer um gostaria de levar. Viver hoje em dia no meio da natureza longe das loucuras de São Paulo é o sonho de qualquer um que raciocina um pouco. Os tempos se renovam. O arcadismo está de volta. Você é um Glauceste Saturno do Pantanal ao lado de duas musas encantadoras e pastoreando muitas cabeças de gado. Pastor de gado. - Disse o arquiteto que tinha aprendido uma boa lição com o susto da prisão.

Nós ficamos dois dias em São Paulo. Minhas companheiras aproveitaram para ir visitar os funcionários das lojas. Eu fui à praça da sinfonia de sinos assistir ao meu concerto que há muito não ouvia. Cheguei à Praça da Catedral com seus sinos-instrumentos poucos minutos antes do concerto sinfônico começar. Sentei no mesmo banco de sempre. Dei uma olhada pela praça inteira à procura de um ilustre ouvinte do concerto dos sinos: o mendigo-pensador. Não o vi. Sentei e fiquei olhando para a Catedral e seus sinos que estavam afinados e prestes a começar o espetáculo para quem quisesse ouvir. Todos os transeuntes ouviam o concerto mas ninguém prestava atenção. Somente dois espectadores eram ouvintes atentos da sinfonia barroca dos sinos. Eu e o mendigo que hoje não estava sentado no meu banco.

Faltava apenas uma volta do ponteiro grande para o início do grande espetáculo. De repente, num lampejo misterioso, o grande mendigo-filósofo surgiu do além para me fazer companhia. Ele me viu sentado e sentou-se na ponta do banco em que eu estava. Sentou-se parecendo um lorde. Não olhava para mim. Olhava apenas para o ponteiro do relógio que estava na última volta. O concerto sinfônico de sinos ia começar. O mendigo estava como sempre: era a degradação humana que se escondia atrás de muitos mistérios que ninguém conhecia. Ele parecia alegre por ter me encontrado. Eu também me sentia feliz por tê-lo reencontrado depois de mais de um ano. Ninguém o conhecia. Ninguém sabia nada de sua história. Ninguém conhecia seus mistérios. Eu o conhecia. Sabia de alguns de seus mistérios. Ninguém no mundo tinha uma ligação ou um segredo que envolvesse o mendigo como eu. Ele era uma peça do grande quebra-cabeça, um holograma que eu tinha conseguido decifrar. Todas as peças do meu quebra-cabeça foram fornecidas pelo mendigo-pensador. Eu não tinha nenhuma dívida com ele para saldar. Pois não pedira sua ajuda para nada. Os mistérios que envolvem uma cidade grande como Sampa se encarregaram de fazer o mendigo cruzar meu caminho sem eu pedir. Mesmo assim fora ele quem me forneceu todo o arsenal de peças do meu quebra-cabeça que eu montei para decifrar um enigma criado por um escravo intelectual lá na longínqua e desconhecida Pompéia dos romanos sibaritas. Eu não tinha nenhuma dívida com meu ilustre, misterioso e totalmente desconhecido mendigo-filósofo. Não tinha dívida moral ou monetária, mas tinha um segredo que não revelaria para ninguém. Nem mesmo para ele que me empurrou para o meu segredo. Agora o que eu poderia fazer para o mendigo para compensá-lo? Eu não sabia o que fazer e nem por onde começar. Eu não tinha curiosidade para descobrir os segredos do mendigo. Ele não sabia os meus, a menos que possuísse poderes de adivinhação ou era invisível e podia ver e acompanhar tudo. Não. Isso já era demais. Então não restava outra alternativa a não ser deixar o mendigo em seu mundo vivendo suas pirações e curtir seus mistérios e segredos. Ninguém se interessa por ninguém. O ser humano é egoísta por natureza.

Ouvi todo o concerto com muita atenção e prazer. Eu não olhava para o mendigo que ouvia o espetáculo em silêncio mergulhado nos seus segredos e mistérios. O concerto terminou e o mendigo falou, para ninguém, ou para o vento:

- Que bons ventos o traz aqui, caro estranho e desconhecido ouvinte do concerto de um só instrumento? - Falou o lumpem.

- Vento sul! - Respondi.

- Como é, já descobriu o enigma e significado da palavra Oulipô?

- Já. Tripas de carneiro.

- Então o estranho e misterioso colega de platéia do mesmo concerto sinfônico viajou para muito longe, para descobrir o enigma da palavra?

- Até Paris em um sítio mágico e totalmente encantado.

- Eu sabia que não estava errado quando entreguei o pedaço de papel com a palavra Oulipô. E o que tudo significa para o nobre colega agora?

- Felicidade. Muita felicidade ao lado de duas musas que conseguiram realizar uma obra de arte. Conseguiram me amar loucamente de uma só vez.

- Meu objetivo era esse mesmo. Tornar as pessoas felizes como numa mágica. Daqui para frente você esquecerá seus mistérios e segredos e viverá feliz para sempre ao lado de suas musas. O escravo branco intelectual de Pompéia e mais alguém tornaram-se mitos para você ser feliz e fazer alguém feliz. É o destino. As leis da metafísica. E a tradução ou versão da frase, o holograma em latim, conseguiu traduzir?

- Não. Nem foi preciso. Mas eu mesmo vou fazer minha tradução livre. Como eu moro agora no meio da natureza e lá faço muitos trabalhos ligados à terra e adoro mexer com a terra, me sinto um verdadeiro camponês; vou traduzir assim: “o lavrador mantém cuidadosamente a charrua nos sulcos”. Acha que ficou bom assim? Para mim, isso tem um peso grande. Eu sou o lavrador. E o lavrador do escravo branco de Pompéia sustém cuidadosamente o mundo em sua órbita. Acho que isso já quer dizer alguma coisa.

- Você é muito inteligente e sensível e conseguiu dar um bom significado ao holograma que meu pai descobriu. E qual foi o nome que você deu à sua obra de arte?

- Oulipô. Como você sugeriu. Está lembrado?

- Claro. E onde está a obra de arte que mereceu o nome criado por um escravo intelectual?

- No Japão.

- No Japão? Você foi até o Japão?

- Não. O Japão veio até mim em Paris.

- Frase feita. Clichê. Maomé. Montanha, Já sei. Nem vou perguntar mais nada sobre a obra de arte. Já vi que conseguiu mais do que você imaginava ou queria. Tem uma nota de um dólar ou equivalente para um jantar à base de pão de queijo, meu caro ouvinte da minha orquestra de sinos?

- Toma. Hoje vou te dar cem dólares. Se você gastar um dólar por dia, poderá comer pão de queijo ou sanduíche de peito de peru durante cem dias ou mais. Não sei se voltaremos a nos encontrar. Volto amanhã para minha fazenda. Moro no Estado do Mato Grosso. Cuidado com os trombadinhas. Se eles ou alguém souber que você tem cem dólares, você

pode sofrer uma agressão e ficar sem nada. Você é meu mestre e sabe o que faz. Conhece as ruas e escaninhos da vida mais do que eu. Adeus!

- Adeus!, meu caro amigo invisível. Fomos amigos de rua por um bom tempo e nunca saberemos os nomes de cada um. Somente duas letras. JK. E nada mais.

- Nomes não são importantes. Esqueça os nomes. Aposto que ninguém nunca perguntou seu nome. Eu perguntei uma vez e você não se lembra mais qual é. Para mim, você sempre será lembrado como meu mestre, meu filósofo da praça da sinfonia de sinos. Meu interlocutor e cúmplice de segredos e mistérios. Adeus, grande filósofo das ruas soturnas. Se algum dia o “homem do dia primeiro” aparecer, diga-lhe que mandei lembranças.

- Acho que ele não vem mais dia primeiro. Penso que ele nunca virá. Se vier um dia chegará tarde demais. Não vou esperar mais por ele. Já estou satisfeito com tudo que fiz e vi por aí. Adeus, meu caro desconhecido. Felicidades e divirta-se. Esqueça o resto. Nada é importante - Disse o misterioso mendigo que foi saindo e se perdendo no meio das pessoas estranhas que caminhavam de um lado para outro sem rumo e destino. Todo mundo sempre está indo ou vindo de algum lugar para se perder em outros. Peguei o Metrô com uma ponta de saudade que eu sentiria do mendigo que me fez ver muita coisa que eu nem imaginava um dia. A vida é sempre cheia de mistérios para a maioria dos seres humanos. A volta para o Pantanal.

CAPÍTULO TREZE

Ficamos apenas dois dias em São Paulo. Aproveitamos para ir jantar com o meu amigo arquiteto e agora cunhado e sua noiva. Falamos da viagem, da lua-de-mel e de tudo que aconteceu conosco em Paris. O arquiteto demorou para acreditar em toda a história do quadro que achamos e vendemos por uma fortuna. Ele viu uma foto do quadro na revista Veja que procuramos no seu escritório e ele nem tinha lido, apesar de ter assinatura da revista. Fiquei só imaginando meu cunhado roubando o quadro Oulipô sem saber todo o mistério que envolvia o quadro. A curiosidade do arquiteto aumentou acerca do quadro que tinha sido vendido por uma fábula para a empresa japonesa. Mas tudo ficou apenas na curiosidade, O quadro com o nome dado pelo mendigo-filósofo estava no Japão bem guardado, o arquiteto já dava por completa sua coleção de obras de arte. O susto e a lição do Sítio Encantado bastaram para não querer se meter com mais aventuras e caprichos de cleptomaníaco.

- Nós trouxemos três quadros do pintor franco-brasileiro famoso que você descobriu primeiro do que eu. Acaso não quer comprar um dos nossos quadros, meu querido cunhado?

- Não. Muito obrigado. Tenho certeza de que vai pedir uma fortuna pela obra de arte. Eu não posso gastar uma fortuna agora. Preciso de dinheiro para comprar minha fazenda.

- É verdade. Minhas meninas não me deixariam vender meu quadro. Ele vai para a pousada Ararinha Azul. Mas acabei de me lembrar de uma coisa. Você já tem um quadro do mesmo pintor, não é mesmo?

- É. Eu tenho um Levy. Lembra-se daquela noite da vernissagem no Masp que você não foi. Você preferiu ir comer Fettuccine Vincisgracci em Pinheiros sozinho no mesmo restaurante que foi com sua musa italiana, aquela que te achou parecido com o escritor Franz Kafka. Eu tenho um lindo quadro Levy. Mas só vou expô-lo quando minha casa ficar pronta um dia.

- Mas será que eu poderia vê-lo pelo menos uma vez?

- Melhor não. Um dia todos nós poderemos vê-lo juntos na minha casa da fazenda. Minha casa será projetada para abrigar muitos quadros, muitas obras de arte. Eu serei conhecido como o arquiteto e fazendeiro colecionador de lindos e grandes caprichos. Minha casa será a casa da galeria de arte.

- E cada obra de arte terá uma história emocionante que custou uma grande aventura. Gostou da história do quadro Oulipô? O pintor é o mesmo que foi sua vítima naquela noite em que nos encontramos no Bourbon.

- Gostei do nome do quadro. Oulipô! Acho que foi por causa do nome que ele ficou famoso e foi vendido por uma grande fortuna. E o que esse nome significa?

- Tripa de carneiro. Tripa de carneiro é muito mistério. Você conhece bem os mistérios e perigos da cabala?

- Só de nome. É muito complicado. Mas o que a cabala tem a ver com a história do quadro Oulipô?

- Nada. Ou melhor, deve ter tudo. Foram os mistérios da vida que fez com que o nome do pintor que morreu novo para tornar-se um mito que cruzou o meu caminho. Tudo começou com um mendigo-filósofo desconhecido. Mas foi você quem deu a primeira informação sobre o seu pintor semita preferido. Você foi uma das peças importantes do grande quebra-cabeça que consegui montar e desvendar com a ajuda do mendigo-pensador.

- E o que pretende fazer com dez milhões de dólares agora? Vai dar uma de Robin Hood intelectual?

- Pode ser. Mas o dinheiro todo não me pertence. Dividi toda a fortuna em três partes iguais. Eu só tenho 3.3 milhões de dólares. As duas outras partes eu dei para minhas companheiras. Elas farão o que quiser com suas partes.

- E o que pretende fazer com a sua parte?

- Aplicar tudo em obras sociais e em educação. Vou comprar uma grande área, umas três fazendas no Pantanal e montar uma universidade ligada a terra. Vou chamar o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e o governo e fazer uma parceria. Como a que fiz aqui em São Paulo, com o Sítio Encantado. O povo, os trabalhadores da terra, precisam de ajuda. Qualquer ajuda é importante para quem precisa e não tem terra para trabalhar. O governo se encarrega da administração da universidade e o MST se encarrega da distribuição e assentamento das famílias que forem selecionadas para participarem do projeto. Quero dar o nome de Jean-Marie Levy ao projeto que pretendo montar. Sua esposa Jennifer já está contratada para ajudar na empreitada. Ela será a coordenadora de tudo. Até você, se quiser dar uma de bom samaritano, poderá ajudar com trabalho voluntário uma vez por semana ou por mês. Quando a universidade ficar pronta, sua coleção de obras de arte e caprichos poderá ser exposta lá.

- E a outra parte, a que coube às meninas? O que elas farão com tanto dinheiro?

- Não sei. Não tenho a mínima idéia do que elas farão com o dinheiro. O dinheiro é delas. Elas podem fazer o que bem quiser. Nem perguntei ainda o que pretendem fazer com o presente que ganharam. Isso não importa no momento. Elas são inteligentes e muito sensíveis como eu e saberão aplicar bem o dinheiro.

- Você é um cara de muita sorte, JK.

- É, eu sei. Mas todo mundo que nasce e consegue viver nesse mundo cruel e louco tem muita sorte.

Meu amigo e cunhado não me levou à sua garçonniere para eu conhecer o quadro que ele roubou em plena virnissage do pintor desconhecido. Não insisti. O quadro seria visto um dia em sua casa. No dia seguinte cedo pegamos meu Jeep Cherokee e ganhamos a estrada. A noite estaríamos em nossa fazenda. A viagem de volta ao nosso refúgio da felicidade foi boa e divertida. Fomos fazendo planos para o futuro. O dinheiro para os projetos já estava depositado em conta no meu Banco. Agora era chegar em casa e colocar em ação tudo que nós tínhamos em mente. Minhas companheiras me deram o apoio que eu precisava. Elas eram solidárias com tudo que eu queria fazer. Paramos várias vezes nos lugares onde chamavam nossa atenção. Lagos, rios, cachoeiras, matas. Não tínhamos pressa para chegar em casa, apesar da saudade que sentíamos de tudo. Ligamos da estrada para a pousada e avisamos os empregados que preparassem a festa de chegada. Um dia inteiro de festas. Eu estava louco de saudades do meu gado e dos bichos que existiam na fazenda. Minhas namoradas-esposas chegaram a comentar o brilho em meus olhos. Elas disseram que eram brilhos de amor. Fui

obrigado a concordar com elas que entendiam bem do assunto. Depois de muito tempo, mais de um mês, finalmente o encontro com a natureza. Com a mãe natureza. O retorno ao meu paraíso.

Quando cruzamos a porteira da fazenda encontramos com o capataz da fazenda que estava à nossa espera para nos escoltar até a sede. A noite começava a cair. Paramos o carro e descemos para cumprimentá-lo. Ele ficou alegre e muito feliz ao nos ver chegando. Não parava de sorrir.

- Boa noite, Jerônimo. Como estão as coisas por aqui?

- Perguntei, apertando sua mão.

- Boa noite, JK. Boa noite Dona Janete e dona Janaína. Como foram de viagem?

- Ótimo! E os funcionários como estão? E o gado? Alguma vaca deu cria?

- Está tudo ótimo, JK. Muitas vacas deram cria. Nós cuidamos de tudo. Graças a Deus não aconteceu nada de errado na fazenda.

- E a pousada? Apareceu algum hóspede? - Perguntou minha linda Janete, que não esquecia de nada.

- Muitos. Apareceram turistas de vários lugares do país. Todo mundo gostou da pousada e da fazenda. Fizemos muitos passeios com os hóspedes. Eles disseram que voltariam outras vezes e lamentaram em não poder conhecer os proprietários. Vamos chegar que todos os empregados estão ansiosos para a chegada de vocês.

- Há hóspedes na pousada? - Perguntou Janaína.

- Tem sim. Vários casais e o amigo de vocês esquisito que chegou sozinho de carro e disse que ia ficar hospedado até a chegada dos proprietários da Europa.

- Esquisito como? - Quis saber minha linda Janete. - O que tem de esquisito no nosso amigo, Jerônimo?

- É o jeito dele. Parece meio malucão; usa um cabelão enorme.

- Qual é o nome dele? - Perguntei já sabendo de quem se tratava.

- Parece que é GH. Ele diz apenas isso. Anda com um computador portátil para todo lado. Anda com o computador e uma filmadora. Conversa sozinho. Anda quase sempre sozinho. Diz “Olá” para todo mundo. Sorri para todo mundo. Anda sorrindo, conversando sozinho e cantando em inglês.

- E isso chega a parecer esquisito, Jerônimo? É o jeito que ele escolheu. Você sabe o que ele faz?

- Não. Ninguém descobriu ainda.

- Nem vai descobrir. Os melhores escritores não são descobertos enquanto vivem. Somente depois de mortos.

- Então ele é escritor?

- Um dos melhores do mundo.

- Por que ele não disse nada?

- Os bons nunca dizem nada. Deixa para as pessoas à sua volta descobrirem sozinhas. Ele vai continuar assim sempre. Do jeito que é e escolheu. Sabe de uma coisa, Jerônimo? Ele está muito certo. Vamos embora. Hoje vai ter festa a noite inteira com todos os hóspedes e empregados.

Entrei no carro e acelerei para chegar na sede do meu refúgio da liberdade e felicidade. Os pássaros, araras, papagaios e muitos outros tipos de pássaros saudavam nossa chegada. A felicidade existe mas poucos sabem disso. Meu grande amigo escritor do sul do Brasil era uma pessoa feliz. Muito feliz. O mendigo-filósofo da praça também era feliz. Meu amigo tinha vindo tirar umas férias. Fiquei mais feliz ainda por ele estar junto conosco naquele momento. Que bom que ele nos esperou. Fazia tempo que ele não aparecia. Todos os empregados da fazenda sempre o trataram bem. Ninguém na fazenda sabia que ele era escritor. Ele não falava e nem nós o contrariávamos. Minhas companheiras o amavam muito. Elas queriam que nosso amigo arrumasse uma namorada fixa, mas ele era teimoso e namorava todas suas fãs que o procuravam. Não queria compromisso sério com ninguém. Trinta e dois anos e ainda solteiro. Ele dizia que o dia que encontrasse uma de suas personagens criadas nos seus livros, aí então ele se amarraria. Enquanto isso não acontecesse, preferia continuar namorando suas fãs.

Nossos empregados da fazenda tinham nos preparado uma surpresa. Quando atravessamos o portão do grande pátio da casa, os rojões começaram a pipocar e um grande barulho de folia, cantoria, música e todos os empregados e hóspedes juntos nos receberam com festa. Todos correram para nos abraçar. Parecíamos super-stars. Eles nos viram pela televisão brasileira que nos entrevistaram em Paris como os descobridores do quadro famoso do pintor escravo. A festa que eu já imaginava e pretendia dar, foi preparada pelas mãos e mentes de minhas amadas antecipadamente. Elas combinaram tudo com os empregados e convidaram até meu amigo Long Hair para vir nos esperar chegar da Europa. A volta do herói para casa. Ulisses volta orgulhoso com suas duas Penélopes. Elas eram e são demais!

Meu amigo GH apareceu no meio da festa e me deu um longo abraço e sussurrou no meu ouvido.

- Parabéns, meu caro JK! Você é um grande vencedor. É dos meus. Mas você merece isso.

- Obrigado Long Hair. Você também merece tudo isso. Tudo que nos acontece está ligado à metafísica. Que bom que você está aqui para me dar mais essa alegria. Os deuses do universo estão em festa. Nós também. Viva Baco. Viva Dionísio. A festa hoje vai ser dionisíaca. Vamos entrar. Quero cumprimentar todo mundo. Um por um.

Minhas amadas já tinham se perdido no meio do mar de gente. Todas as empregadas da pousada e da fazenda estavam lá querendo abraçá-las. Nunca imaginei que elas poderiam preparar uma surpresa dessa para mim. Os hóspedes da pousada se juntaram a nós e todos entraram no clima de festa. Vi um senhor de uns setenta anos aproximadamente olhando para mim e rindo com prazer. Ele era simpático e tinha cara de ser um grande intelectual. Como eu era o senhor da festa e das atenções e me sentia como um rei rodeado por seus súditos e estava abraçando e sendo abraçado por todo mundo, fui até o senhor com cara de intelectual e dei-lhe um abraço forte e o cumprimentei como se ele fosse meu pai ou avô.

- Como vai o senhor? Está gostando da festa que prepararam para nós?

- Muito. Quem é que não iria gostar de uma surpresa dessa? Nossa reserva terminou ontem, mas resolvemos ficar mais um dia e nem sabíamos que haveria festa hoje. Valeu a pena ficar mais um dia.

- Qual é o seu nome e de onde é? - Perguntei demonstrando interesse.

-Júlio. Júlio Machado. Eu sou de Taubaté-SP. Estou com um filho e minha namorada conhecendo o Pantanal.

- O que o senhor faz ou fazia em Taubaté, senhor Júlio?

- Estudo. Sempre estudei a vida inteira. Atualmente estou tentando escrever um livro sobre filosofia. Venha cá, quero apresentar minha namorada. Janice, meu amor, esse é o nosso anfitrião, o dono da pousada e da fazenda.

- Olá! Muito prazer! Parabéns pela festa e por tudo que tem aqui. Eu queria ir embora ontem mas o Julinho sugeriu mais alguns dias aqui. Valeu a pena ter ficado. - Disse a namorada do filósofo que aparentava uns trinta anos no máximo. Ela era jovem, linda e interessante. Dei os parabéns aos dois por formarem um par perfeito e por saberem aproveitar a vida. Deixei os dois namorando e fui cumprimentar outros casais de hóspedes.

- Divirtam-se. A festa vai durar a noite inteira e é uma cortesia dos anfitriões. Já que minhas namoradas prepararam uma surpresa para mim, também vou preparar uma para elas.

- Eu disse bem alto para todos. Eu sabia qual era a surpresa que tinha em mente e tinha certeza de que elas iriam gostar muito. Todos iriam gostar.

Chamei minhas namoradas e perguntei para elas na frente de todo mundo se elas estavam preparadas para uma grande surpresa. Pedi a atenção de todos e fiz uma declaração. Peguei na mão do filósofo e o puxei para a frente. Tirei uma toalha branca de uma das mesas, peguei uma tesoura numa gaveta e fiz um buraco no centro da toalha e vesti a toalha na cabeça do hóspede de setenta anos que parecia meu avô-pai, como se fosse uma bata, uma vestimenta de padre. Peguei um crucifixo na parede e coloquei em suas mãos. Todos os hóspedes e empregados ficaram assistindo. Peguei nas mãos de minhas eleitas e na frente do padre improvisado perguntei:

Então, minhas queridas e amadas companheiras e colaboradoras, vocês aceitam se casar comigo agora? Se aceitarem o nosso amigo e “padre” vai nos unir para sempre.

- Aceito! - disse Janete.

- Eu também aceito.

- Então, “seo” Júlio? Pode nos casar agora? Quem quer ser padrinho? O meu eu vou escolher. George Hair, venha cá, meu caro. E vocês, meninas? Quem vocês querem como padrinhos?

- Eu quero a Joana e seu marido Jardel. - Disse minha linda Janaína, que tinha escolhido a cozinheira e seu marido que era peão da fazenda e muito querido por todos.

- Eu escolho o Jerônimo e sua esposa Jocasta.

- Pronto. Senhor Júlio, pode começar a cerimônia.

- Janete e Janaína, vocês aceitam Jefferson Kutianski como legítimo esposo para amá-lo para sempre?

- Aceitamos.

- Jefferson Kutianski, aceita Janete e Janaína como legítimas esposas para amá-las para sempre?

-Aceito.

- Então eu os declaro marido e mulheres. Podem se beijar.

Foi uma cerimônia simples e simbólica, mas que todos adoraram. Principalmente minhas companheiras e agora esposas para sempre. Fizemos juras eternas de amor. Agora não havia mais como voltar atrás. Nosso casamento simbólico não tinha nenhum valor documental, mas tinha validade de compromisso que interessava apenas a nós e não para uma sociedade que cria e desrespeita tantas leis e moralidades. Nós três criamos e fizemos nossas próprias Leis. A lei da felicidade. E era isso que mais importava para nós. A festa surpresa que elas haviam preparado para mim, agora era para elas também que deixaram de ser simples namoradas para se tornarem noivas e agora esposas de verdade. A felicidade em seus rostos

era visível. Terminada a cerimônia do “casamento” todos os hóspedes e empregados correram para nos dar parabéns mais uma vez. O vinho e champanhe foram servidos para todos. A festa de Dionísio ia durar a noite toda sob um lindo luar prateado. Meu amigo escritor, agora meu padrinho, já tinha se enroscado com uma hóspede solteira e não largava mais a moça sozinha. Andavam aos beijos e agarros por todos os cantos. Peguei um champanhe francês e uma caixa de rojões de doze tiros cada e chamei minhas esposas e fui para o grande pátio da pousada. Elas seguravam a garrafa de champanhe e a caixa de fogos e eu acendia os detonadores. Soltei todos os rojões. Era nossa comemoração à parte. Estávamos comemorando nossa união para sempre. A lua estava linda. Noite de lua cheia e céu límpido. Olhamos para o céu e imaginamos que em algum lugar havia alguém muito especial que nos unia e nos abençoava três vezes mais do que outras pessoas. Tomamos nosso champanhe e voltamos abraçados para a festa.

Existem várias classes e categorias de seres humanos. Entre elas estão os estabilizados, que são as classes dominantes, os produtivos e os sobrantes. Nessa última classe estão todos os vagabundos ociosos, gente sem fé nem lei e outros que não têm nenhum bem para mantê-los e que não trabalham nem lavram a terra para ganhar sua vida. Talvez nela se enquadra o meu mestre da vida, o meu amigo mendigo-filósofo da praça da sinfonia e que foi meu horizonte e bússola para me guiar nesse mundo de muitos labirintos. Meu mestre não estava ali naquele momento mas eu sentia sua presença em minha mente. Queria que ele estivesse fisicamente presente, mas as leis da metafísica não permitiam isso. Mas de alguma maneira ele estava lá. Estava nos meus pensamentos e ficaria lá para sempre na memória.

O vagabundo vive como se tivesse deixado de habitar este mundo. O vagabundo era um vadio que ficava na periferia do espaço social e seu drama decorria do fato de ser posto fora da ordem produtiva. Com o pauperismo, manifesta-se o perigo de uma desfiliação em massa inscrita no próprio cerne do processo de produção das riquezas. Nenhum homem é verdadeiramente cidadão se não é proprietário. O que é a pátria? O solo onde ele nasceu. E como amá-la se não se está ligado a ela por nenhum vínculo? Aquele que só tem que sacudir a poeira dos pés para deixar um lugar pode amá-la? No último plano, a imagem do vagabundo, do “pé empoeirado” sem fé nem lei, porque é sem eira nem beira, é a imagem da desilusão. A propriedade é o que funda a existência social, porque encastra e territorializa. Cada um cria seu próprio território. Talvez o meu território sempre fora o mesmo que meu mestre e colega de platéia da sinfonia de sinos tenha criado.

A festa continuou noite adentro com muita música, dança, bebida e comida. Todo mundo se divertia pra valer. Lá no meio da madrugada, quando todos os empregados já

tinham ido para suas casas dormir saciados e embebecidos de vinho e prazer, peguei meu padrinho de casamento e melhor amigo, o escritor Long Hair, pelo braço e o levei para a varanda da pousada para ver a lua e ouvir o silêncio da natureza. Sua namorada de uma noite ficou conversando com minhas esposas.

- Então, meu grande escritor, o que está achando de tudo isso que está acontecendo esta noite?

- Bárbaro! Você é um vagabundo que nasceu para ser feliz. te conheço há muito tempo e sei que você nasceu para brilhar e para ser feliz. Sabe como se chama isso? Eu dou um nome para tudo neste mundo. Sua vida dá um belo romance. Uma novela.

- Então por que você não escreve um livro narrando tudo que sabe?

- Mas eu já escrevi. Está na minha memória. Só falta colocar na memória do meu Lap Top.

- É mesmo? E qual será o nome do livro?

- Ainda não sei. Mas vou inventar um título apropriado.

- Que tal o mesmo título do quadro pintado pelo artista Levy? Aquele mesmo quadro que foi vendido para o Japão por uma fortuna? Sabe o nome do quadro?

- Sei. Oulipô.

- O que acha do título?

- Interessante. Mas é um ótimo título apenas para uma obra de arte como um quadro. Para um livro não acho adequado. Prefiro criar outro.

- Qual? - Eu quis saber.

- Vou criar primeiro, depois te falo. Quero encontrar o “elo perdido” que um grande e bom escritor tanto busca numa obra literária. Se eu encontrar esse “elo perdido”, que todo grande escritor busca, então terei minha grande obra-prima.

- Você o encontrará. Você é capaz porque é o melhor que conheço.

- Obrigado meu caro JK. Não sei o que seria de mim sem você. Num país como esse, onde nenhum escritor é reconhecido e valorizado, é muito difícil encontrar um mecenas como você. Muito obrigado mesmo de coração.

- E suas onças pintadas como estão?

- Salvas. Depois que estou cuidando delas e minha Ong foi reconhecida por todos os órgãos oficiais e pela população lideira do Parque Nacional do Iguaçu, nenhuma onça pintada foi abatida e morta. O parque já está sendo repovoado de novas crias. A população de onças pintadas do parque começa a aumentar com segurança e sem ameaças de extinção.

- Eu sempre confiei no seu trabalho. A natureza precisa de proteção como os sobrantes da sociedade.

- E como. A noite está linda, mas vou me recolher. Preciso levar uma dama para descansar. Boa noite JK.

- Boa noite Long Hair. Carpe diem. Aproveite a vida. A felicidade plena existe mas nem todos sabem disso.

Voltamos para o salão da pousada, onde restavam poucas pessoas. Minhas esposas estavam cansadas e com sono. Elas me pegaram pelo braço e disse “boa noite” para todos e me levaram para nossa casa, ao lado da pousada. Fomos direto para o quarto. Depois de mais de trinta dias longe do nosso ninho de amor, finalmente estávamos de volta. Elas foram tomar banho e eu peguei meu livro preferido na estante e me sentei na varanda da casa. A lua me encarava como uma deusa. Comecei a reler meu livro pela quinta vez. Enquanto minhas esposas tomavam banho e se preparavam para dormir, levantei os olhos das páginas e fiquei olhando para o horizonte e fiquei pensativo. Lembrei mais uma vez do meu amigo desconhecido da Praça da Sé e tentei imaginar o que ele estaria fazendo agora. Fiz um balanço da minha vida inteira e cheguei à conclusão de que a vida é um grande mistério. Mesmo assim a felicidade é possível de ser encontrada. Pena que nem todas as pessoas sabem onde encontrá-la. Minhas esposas estavam prontas para uma grande noite de amor. Fui até o quintal e tirei uma folha de cinco pétalas do meu pé de Pariparóba e fiz um gostoso e relaxante chá e tomei. Peguei o livro e voltei meu olhar para as páginas. Senti as mãos macias e carinhosas da minha linda e encantadora Janaína deslizando pelo meu rosto. Ela tirou o livro da minha mão e me conduziu para o quarto. Deixei o livro O Apanhador no Campo de Centeio, do grande J.D. Salinger, Jeronemy David Salinger, o livro que eu gostaria de ter escrito, aberto sobre uma estante e entrei no quarto abraçado por ela. Elas tiraram minha roupa, tomei um banho e pulei na grande cama redonda. O livro do JD Salinger continuou aberto sobre a estante. Pode crê!

São Paulo, primavera/2001.

BIOGRAFIA

MAGGIAR VILLAR DE CASANOVA

Nasceu no Sítio Casanova, no meio dos cafezais, próximo a Londrina, Paraná, Brasil e morou a maior parte de sua vida em São Paulo, onde estudou jornalismo e publicidade, abandonando ambos. Formado em Letras pela Universidade Estadual do Paraná, UNIOESTE. Foi andarilho e mendigo na adolescência até encontrar o eldorado chamado Paulicéia Desvairada, por onde perambulou até decidir ser escritor. Encontrou na arte a possibilidade de sair da mendicância e mudar de vida. Para sair do ostracismo e obter alguma visibilidade no meio artístico teve que mudar radicalmente de vida e trabalhou em várias atividades até chegar a escritor, repórter, diretor de cinema e professor de teatro em escolas públicas. Lecionou Cultura Popular Brasileira e Literatura Latino-americana na universidade onde estudou(Unioeste). Começou na poesia com o livro Pandora, Um Poema Fescenino, (Ed. Assoeste, PR), passou pelo teatro com a peça A Filha da Rizoleta, (comédia-romântica) e estreou na literatura em 2001, com uma Fábula Pós-Moderna, Admirável Ovo Novo(Edunioeste) e um romance, Ovelha Negra (Edunioeste). Em 2002 lança seu segundo romance, A Elaboração (Edunioeste), 2ª ed. em 2009. Em 2003 lança duas versões do mesmo livro. Lula – A Estrela da Esperança(Edunioeste) e A Estrela da Esperança (MVTV-Livros). Conviveu desde os dezesseis anos de idade com seu mestre, tutor (pai adotivo) e padrinho literário, o escritor, filósofo, artista plástico, desenhista e pintor Júlio Machado Braga Jr., com quem fez quase toda sua formação cultural. Atualmente escreve e dirige uma novela na estrada “ON THE ROAD”, estuda literatura argentina e faz pesquisa sobre literatura paranaense. Pretende escrever outro livro sobre o

Presidente LULA e seu governo. E estuda cinema, teatro, internet, fotografia e viagens.

Foto da capa: by M.artes vídeo.

E.mail: mvtvcom@gmail.com

Printed in Brazil - 2009

e-mail do autor: maggiarvillar@hotmail.com